L. A. Palmeirim.

POESIAS

POR

LUIZ AUGUSTO PALMEIRIM.

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

MDCCCLI.

A SUA MÃE

EM TESTEMUNHO

de estima e consideração

Offerece

O Author.

PROLOGO?

Amigo Mendonça.—Annunciaste n'um teu folhetim da *Revolução de Setembro* a proxima publicação das minhas poesias. Já que foste indiscreto, tem paciencia, e resigna-te ás consequencias legitimas da tua indiscrição. Para que as más linguas não apertem comnosco, sempre será bom consignar aqui de passagem, que, fallando em consequencias legitimas, nem sequer me passou pela cabeça exigir de ti as *legitimas consequencias* de amigo, que no mundo politico se traduzem em viscondados, e cá neste nas letras, não menos aristocratico, em elogios bombasticos, que nem me competem, nem tu por certo me darás, porque a missão do critico é muito differente da de thuribulario officioso d'alheias composições litterarias.

O nosso caso é differente. Quando annunciaste o meu livro estava elle embargado na imprensa pela maior de todas as miserias. Faltava-me um prologo, e o que mais é, a pachorra de me pôr a dar satisfações ao publico pelo mal que estava feito, e que já não tinha remedio.

Quando eu assim me achava, na expressão vulgar entre a *cruz e a caldeirinha*, vejo o teu annuncio, e delibero-me á vingança impondo-te a contribuição forçada do quer que fosse que se podesse imprimir no começo de um livro, ainda que tivesse tanta affinidade com um prologo, como um barão moderno com a nobresa, ou o progresso da humanidade com a projectada reforma da carta constitucional.

Nós, os poetas, somos como as mulheres bonitas, o capricho é a primeira das nossas necessidades moraes. E é talvez por capricho que aborreço os prologos escriptos pelos proprios auctores, e detesto cordialmente as theorias poeticas feitas de caso pensado pelos conscienciosos Aristoteles que as inventam, para as amoldarem catonicamente depois aos engoiados fructos das suas lucubrações litterarias.

Quem lê um prologo, está habilitado a devorar impassivel o artigo de fundo d'um jornal politico, ou, pelo menos, a descer bondosamente á apreciação da differença entre o *j* e o *i* romano.

Ahi vae o livro, se entenderes que não é tempo perdido baptisa-o, e apresenta-o aos teus leitores. Senão não fallemos mais n'isso.

Nas obras d'arte, como na politica, sou partidario do suffragio universal; o que o publico decidir é o que eu resignadamente acceito como sentença de que me não é licito appellar depois. Tenho mesmo minhas duvidas de que um volume de poesias possa valer alguma cousa, nesta Babel de interesses mesquinhos e oppostos em que todos nós andâmos mettidos.

Meu amigo — Já que annunciaste o meu volume de poesias, vê se quanto antes o habilitas a poder correr mundo. Peço-te que sejas severo. As minhas susceptibilidades litterarias já lá vão. Como critico não deves querer, mesmo a troco da amisade, perder os teus creditos de censor imparcial, dando-me aliás na severidade das tuas observações mais uma prova de que és, como eu sou teu, verdadeiro amigo. — *L. A. Palmeirim.*

Como deixaria eu de cumprir a commissão do poeta, e de amigo?

Serei, todavia, breve. Eu creio nas vocações individuaes, nas raras excepções que protestam contra a corrupção e a mediocridade; já perdi de todo a crença na evolução social operada em nome d'uma philosophia, creada e desenvolvida pelas superioridades naturaes d'um paiz.

Este Portugal, mantido e conservado pelas classes omnipotentes, não é um cadaver illustre, é apenas um moribundo, aterrado pela idéa da morte, mas sem coragem para se abraçar com a vida: tres seculos de monarchia absoluta esgotaram-lhe a gloria: dezesete annos de realesa representativa desbotaram-lhe a fé: estas revoluções parciaes, sem elevados intuitos, nem idéas definidas, definharam-lhe a esperança, e entregaram o seu destino á mais horrivel das fatalidades — aos acasos tremendos da insurreição popular, céga nas suas cóleras, implacavel nos seus desejos, atroz, quasi sempre, nas explosões omnipotentes da sua vontade.

Quem levou o problema politico até estes fataes extremos? Quem é que podendo encaminhar a sociedade, pausada e progressivamente, a colloca no fim de tantos annos perto das calamidades d'uma dissolução imminente?

Não fomos nós, de certo, os homens da geração nova; que protestámos todos os dias contra as torpesas e desvarios dessa raça espoliadora e inepta, que, ou no poder ou na opposição, apenas se agita no prurido de vaidades turbulentas, e de interesses preversos, que havemos de carregar com essa responsabilidade.

Inuteis Cassandras! temos bradado debalde: somos innocentes de toda a intervenção nesta situação vergonhosa, que nos aponta ao escarneo da Europa e ao stigma da posteridade.

Quando chegar o dia, em que, segundo a phrase de Thiers, *la marée monte, monte*, não nos peçam contas dos cadaveres affogados e arrojados á praia, depois de abonançada a termenta.

Todos sois cumplices; progressistas medrosos, conservadores corruptos, absolutistas scepticos, devoristas insaciaveis.

O que fizestes, durante dezesete annos?

O silencio da ignominia, é a vossa sentença final.

II.

E todavia, meu caro poeta, se ha alguma cousa que possa sobreviver no meio desse cataclismo, que eu prevejo, e que não olho sem terror, é a arte, é a poesia, são esses cantos, que a tua musa (perdôa a trivialidade da expressão) *fiou* descuidosa e tranquilla, ao canto da lareira, nas noutes de inverno, e que o nosso povo repete desde os pantanos do Riba-Téjo até ás formosas varzeas do Minho e Traz-os-Montes.

É já banal o fallar destas cousas, mas as cabeças rudes, e as invejas teimosas, necessitam de que se lhes repita, muitas vezes, a phrase de Chauteaubriand: «na sua desesperança de subir mais alto elles desterram comc ompaixão Virgilio e Racine para os seus versos. Mas para onde vos havemos de enviar, pobres senhores? ao esquecimento: espera-vos a vinte passos de vossa casa, em quanto vinte versos desses poetas os levarão á extrema posteridade.»

O que resta da Grecia antiga? Algumas fa-

mosas ruinas, alguns grandes monumentos litterarios: a arte, immortal e eternamente bella, eis o magestoso epitaphio desse grande povo.

Não basta vêr o Colysêu, allumiado melancolicamente pela lua e com as arcadas imponentes meio desfeitas pela acção do tempo, e pelo vandalismo dos homens, para imaginar a grandesa romana?

Admiravel destino é o dos artistas: eternamente invejavel a corôa, que se é de espinhos na vida, é, depois da morte, o brasão de todo um povo, a admiração de todo um seculo.

Muitos daquelles pintores italianos do seculo XVI mortos uns de desespero, outros pungidos da ingratidão, ou da inveja, não sabes como se vingaram das affrontas?

Quando Buonaparte ameaçava as cidades, foram alguns dos seus quadros que as resgataram dos horrores da guerra! As obras primas do seu engenho conservaram a honra, a vida e a fazenda a milhares de familias desoladas, e alguns traços de pincel n'um pedaço de lona foram mais poderosos para a salvação commum, do que o esforço dos seus filhos, o heroismo dos seus soldados, e os canhões das suas fortalezas!

Buonaparte havia domado a victoria, mas curvou-se submisso perante o esplendor do genio.

E quando os alliados entraram em Paris, o que mais pungiu no coração dos francezes foi que os tropheus das suas glorias, esses magnificos monumentos que se admiravam no Louvre, fossem outra vez restituidos, como justa reparação, ás cidades orphãs das suas esplendidas recordações.

III.

A arte, neste seculo, e é este um dos mais poderosos symptomas da emancipação social, vive e alenta-se pelo influxo da democracia.

Quem não descobre nos monumentos do Egypto o culto barbaro de um pantheismo grosseiro? Os capiteis assemelham-se ao desabrochar lento e magestoso das palmeiras: os obeliscos reproduzem as elevações caprichosas de granito que corôam as alturas do alto-Egypto. É a servidão do homem representada na ausencia completa da sua individualidade moral: os monumentos são um capricho do despotismo: os seus cimentos são amassados com o suor e com o sangue de milhares de operarios obscuros: a humanida-

de parece que desapparece daquellas monstruosas creações: é a imitação servil da natureza: nem um nome de artista vem protestar, em nome da intelligencia e da liberdade humana, contra esses caprichos gigantescos, collectivamente concluidos pelas differentes castas de uma organisação oppressivamente hierarchica. . . . .

Já não é assim na Grecia. Essa terra bemfadada, que adora o esplendor dos seus proprios destinos, que, sósinha e isolada, rodeada de montanhas, conserva o germen d'uma admiravel civilisação, contra as brutaes tentativas da barbaridade armada, idealisa o culto do homem nas concepções da estatuaria. É a apotheose da humanidade, é a deificação das paixões humanas, construida na imaginosa religião da mythologia: os seus personagens heroicos são, pelo menos, semi-deuses: as suas creações plasticas tomam por thema o homem, por assim dizer, glorificado pelo nectar e pela ambrosia do Olympo.

Morta, retalhada, perdida a sua lingua e as suas tradições, ainda a podeis admirar na sua Niobé inconsolavel, que se admira nos museus, sublime no seu desespero, typo immortal da affeição mais augusta que póde in-

flammar a alma d'uma mulher. É ainda acatada pelo prestigio das suas immorredouras glorias, que, muitos seculos depois, se emancipa do jugo musulmano, e que renasce nação independente, assignalando o seu novo berço com esse heroismo sobre-humano que lhe conquista a protecção da Europa, e lhe faz merecer os cantos e o sacrificio da existencia do maior poeta moderno — de lord Byron.

Roma, concentrada dentro dos muros, organisada e robustecida nas discussões do *forum*, sem abandonar a religião do paganismo, reproduz nos seus monumentos o seu culto social — o da cidade politica. São columnas, são amphitheatros, são aqueductos, são templos, que resumem essa existencia tempestuosa, essas luctas entre o povo e o patriciado, que engrandecem e glorificam a individualidade humana. Podeis condemnar, em nome da quietação e da paz moderna, esses seculos ensanguentados; haveis de curvar a cabeça perante a legenda immortal que manifesta á posteridade os prodigios da actividade social e politica: *Senatus Populus que Romanus*.

Muito se tem dito sobre a revolução religiosa, que, nascida nos confins da Asia, trans-

formou o mundo e modificou o existir das sociedades modernas.

O christianismo é d'origem democratica; os seus principios moraes são o ideal de todo o governo livre: se elle se affasta do seu berço, nas successivas usurpações do papado e da realeza, nem por isso perde o respeito e a veneração que lhe consagram todos os espiritos que aspiram para a egualdade e desejam completa a victoria do dogma democratico.

Em relação á arte, o christianismo quasi que produz duas novas manifestações: a pintura e a musica. Uma, que torna o homem individual em todas as agitações da vida terrena; que o apêa do pedestal olympiano, e o representa martyr das paixões: a outra, que nas combinações as mais phantasticas exprime triumphantemente esse presentimento da immortalidade, que é a um tempo o supplicio e a consolação dos que penam e soffrem nas contrariedades pungentes da vida.

Architectura, esculptura, pintura, musica, essas artes que imperam mais ou menos distinctamente nas differentes evoluções da civilisação universal, fundem-se, completam-se, resumem-se todas na poesia.

IV.

Qual é a voz sinistra que annuncia, pela ascensão politica das classes desherdadas, a morte, ou, pelo menos, o enfraquecimento da poesia e da arte?

Qual é o hypocrita que, ajoelhado sobre o tumulo de Goethe e de Byron, exclama: « A poesia expirou »?

Digam antes que a arte não se accommoda com a avidez do ganho, com as lucubrações exclusivas da riquesa, com a enthronisação da burguezia, com o despotismo inglorio de uma oligarchia sensitica: digam antes que a substituição das idéas pelo interesse, das paixões politicas pelos calculos commerciaes, e tudo em beneficio de uma classe, estacionam o espirito publico, e desfloram a imaginação das nações.

Tres grandes poetas conta hoje a França: Béranger, Lamartine, e Victor Hugo.

Um traduz a alma do povo em cantos immortaes: o segundo, poeta das tradições ao principio, alistou-se, em nome dos severos e austeros principios do christianismo, nas filas da democracia: o ultimo acaba de revolver

a monarchia no lodo da ignominia, e de cubrir de rediculo as vaidades de pretendentes eilliputianos, achatados debaixo do peso das glorias, que cada um delles deveria representar.

A corôa de S. Luiz esmagaria a cabeça de Henrique de Chambord: a aguia omnipotente de Napoleão arrebataria nas suas garras esse Napoleão *pequeno*, que tenta conseguir por trapaças ignobeis, o que Buonaparte alcançou por esplendidas victorias.

É que os grandes homens morreram: hoje o culto publico dirige-se todo aos grandes principios.

E póde acaso, ó meu poeta, ser esteril para a imaginação, para a poesia, esse tremendo problema que tem de resolver-se neste seculo? E de instincto, ou de sciencia certa não resurge elle, a cada passo, nos cantos contemporaneos?

Tu, és talvez de todos, o que te aproximas mais das recordações nacionaes: mas, quantas vezes, como no *Masanielo*, no *Guerrilheiro*, no *Portugal*, não se encontra a aspiração para o futuro, esta alliança da saudade com todo o viçoso florir da esperança?

Não dizes tu:

Sou um poeta, soldado
Não sei á missão mentir
Neste canto magoado
Disse tudo sem fingir.
Poeta da liberdade,
Fiz desta nova deidade
A dama do meu pensar;
Prostrei-me aos pés da donzella,
Hei de com ella, e por ella,
A minha terra cantar: —?

Pois então, esse sentimento generoso póde acaso tornar esteril a lyra do poeta? Pois a arte, que é a escada mysteriosa que nos aproxima da eterna belleza, emmudeceria despeitada, porque a imaginação humana se engrandece com os sonhos delirantes de uma revolução social?

Poeta, eu rio-me desses criticos sem fé, interprétes do egoismo das classes poderosas e abastadas; a arte, como o Antêo antigo, pede forças á terra, que é a sua mãe: inspirada pelo genio do povo, engrandecida pelo fervor das suas esperanças, pelos sacrificios heroicos da sua longa lucta, ella ha de brilhar neste seculo, como contraste dessas paixões devoradoras, que devastam a intelligencia humana, submettendo-a á adoração exclusiva de um grosseiro materialismo.

O teu livro, é um écco magestoso das agonias, dos desejos, das ferventes e generosas affeições que abrasam o povo: ha de viver com elle, e por elle: é um protesto e uma desculpa: protesto contra estas vergonhosas especulações, e esta descarada corrupção, que se ostenta sem pudor, e sem compensação: desculpa desta tibieza, desta ignavia, desta resignação bondosa, com que temos supportado os vicios e a infamia de um regimen tão immoral, como absurdo.

Venha elle pois alentar a fé dos indifferentes, e preparar a transformação da sociedade actual.

Se as revoluções amadurecem os destinos de um povo, é a imprensa, são as fadigas do pensamento que apressam e aproximam essas grandiosas manifestações do espirito humano.

LOPES DE MENDONÇA.

Confesso sinceramente que tenho saudades de abandonar o meu livro, não pelo que elle valha em si, mas pelo que me recorda de grato ao coração.

Não me cega a vaidade. Sei que o meu livro é acceito pelo povo, mas conheço de mais as razões que lhe tem grangeado esse favor não merecido. Inspirado, e escripto quasi sempre, em circumstancias difficeis e excepcionaes, destas que deixam dolorosas recordações no animo do povo; por pouco, ou nenhum merito que tenham estes cantos, valeram então como um conforto em momento de dôr, ou foram applaudidos como um brado de enthusiasmo quando era muita a esperança, ou grande o desalento popular.

A voga que tiveram algumas das minhas poesias nasceu d'aqui. Não é preciso ser O'Connell para despertar o enthusiasmo do povo, nem Béranger, para revolucionar cantando a França inteira. As circumstancias, e o momento, influem poderosamente na imaginação do povo.

O que aos olhos da critica talvez mereça ser fulminado, quem sabe se já terá sido acceita pelo povo, que decora e repete, o que muitas vezes a critica despedaça e rasga?

O escriptor não póde nem deve regeitar a competencia de nenhum tribunal. A appellação da critica para o juizo publico, e do juizo publico para a critica, é uma covardia litte-

raria que detesto e rejeito, ainda quando o meu livro houvesse de ser sentenciado e proscripto, por esse outro tribunal mais severo, o que tambem reconheço, que afere um livro pelas regras d'arte, em quanto que o povo sentenceia ou applaude pelos impulsos mais generosos do coração.

Confesso que me arreceio de apresentar ao publico uma collecção completa das minhas poesias. O que talvez tenha até hoje merecido desculpa, como um som fugitivo que fere o ouvido e passa, não alcance agora da critica nem protecção nem applauso.

Se algum orgulho tenho, é em não declinar a responsabilidade do que escrevi, bom ou mau; nem de me esquivar com desculpas banaes ás censuras que a critica tem por dever, e que o escriptor deve acceitar até aonde alcance a delicadeza e urbanidade do censor.

Victor-Hugo, escreveu no prologo das suas Orientaes as linhas que seguem: «L'auteur de ce recueil n'est pas de ceux qui reconnaissent à la critique le droit de questionner le poéte sur sa fantaisie, et de lui demander pourquoi il a choisi tel sujet, broyé telle douleur, cueilli à tel arbre, puisé à telle source. L'ouvrage est-il bon ou est-il

mauvais? Voilà tout le domaine de la critique. Du reste, ni louanges ni reproches pour les couleurs employées, mais seulement pour la façon dont elles sont employées. »

Pensamos exactamente como o illustre poeta. Se formos mal recebidos pela imprensa, contentar-nos-hemos na derrota, em saber que algumas das nossas pobres poesias, traduzidas no canto, alentam nas horas do trabalho o animo cançado e abatido do povo, que algumas dellas tem decorado como symbolo da esperança no futuro, e outras acceitas como gratas recordações do passado.

Lisboa, 30 de Outubro de 1851.

L. A. PALMEIRIM.

LIVRO I.

A POESIA.

> Je fus poëte alors! Sur mon ame embrasée
> L'imagination secoua sa rosée,
> Et je reçus d'en haut le don intérieur
> D'exprimer par des chants ce que j'ai dans le cœur!
>
> A. Brizeux.

Meu cantar, foi minha sina
Cantando levar a dôr:
Hei de cumpri-la. E divina
A missão do trovador.

Quiz-me Deus por seu propheta,
Fadou-me, fez-me poeta,
Deu-me este mago condão;
Não hei-de mentir á lyra,
Nem envolver na mentira
As vozes do coração.

Não hei-de; que a poesia
Dentro d'alma me nasceu,
Tão casta como a sentia
O namorado Dircêo.
Tão pura como deslisa
Das palavras d'Heloisa
A descrever Abeilard;
Tão robusta, tão provada,
Como contam da espada
Do Camões — a guerrear!

Brotou-me puro e singelo
O meu singelo trovar,
Como nasce o lyrio bello
Sem cultura á beira-mar.
Nunca teve outro cimento,
Que não fosse o sentimento
D'este mundo desleal;
Nunca teve outra alegria,
Senão em sonhar um dia
Venturas a Portugal.

Cantei, em trovas sentidas,
Como cantou Bernardim;
Todas as juras mentidas
Que me fizeram a mim!
Fui poeta dos amores;
Com os demais trovadores
Uns lindos olhos cantei:
Como o Tasso despresado,
Ainda não sei, coitado!
Como á vida me voltei!

Mas voltei; tinha saudades
Da minha terra infeliz;
Esqueceram-me as maldades
Desta nova Beatriz.
Tinha prisões mais doiradas.
Eram as crenças herdadas
Da minha terra natal;
Eram os contos viçosos,
N'outros tempos mais ditosos,
Contados de Portugal.

Era tudo o que no peito
Sente quem tem coração;
Era temporal desfeito
De saudades e paixão.
Ao amor faziam guerra,
As lembranças d'esta terra
Em que vi, gosei a luz;
Em que, pela vez primeira,
Tive crença verdadeira
Na santa lei de Jesus.

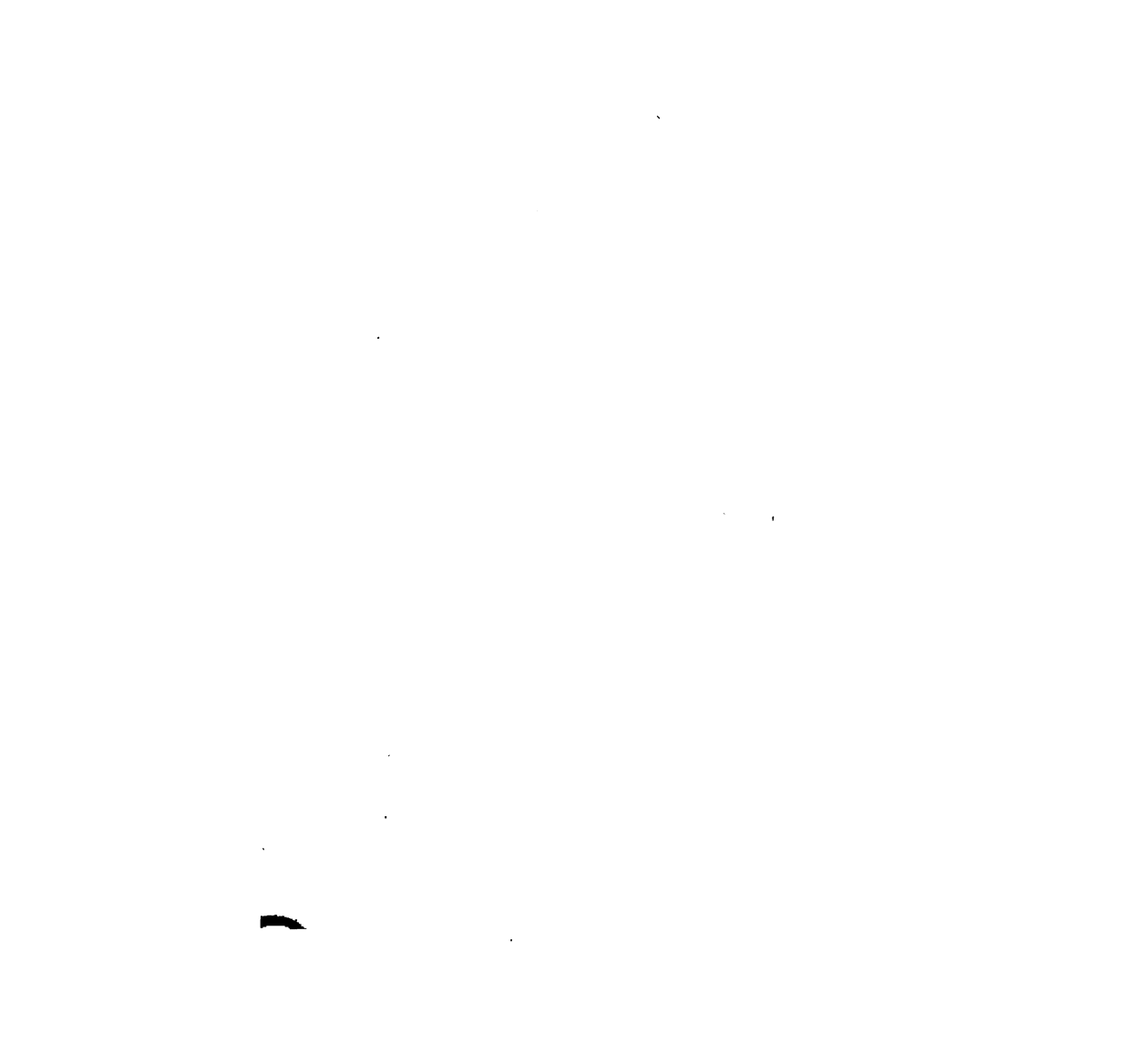
Nascêra-me dentro d'alma
Um mais forte e puro amor,
Que a todos levava a palma,
Que tinha maior valor.
Eram cantos decorados,
Dos altos feitos marcados
Com o cunho portuguez;
Eram as Quinas erguidas,
Nas arestas denegridas
De Ceylão, Ormuz e Fez!

De novo voltei á vida;
Saudei o luso pendão,
N'uma lagrima nascida
Do fundo do coração!
Chorei o tempo perdido
N'esse amor estremecido,
Que me fôra tão cruel;
Chorei antigos delictos,
Como outr'ora esses proscriptos
Sobre a terra d'Israel!

Chorei o ter-me esquecido
De tudo o que Deus mandou,
Que fosse no mundo tido
Como Elle o ensinou!
Chorei sobre a liberdade,
Que nos braços da beldade
Por pouco que não morreu;
Chorei tudo, chorei tanto,
Que pude com o meu pranto
Lavar o delicto meu.

Desde então a minha terra
Foi só tudo para mim;
As crenças que o peito encerra,
Depor-lh'as aos pés eu vim.
Nunca mais a minha lyra
Se adornou da vã mentira
D'um falso mentido amor;
Ergui-me de pé — altivo;
Depuz ferros de captivo
Por honra — de trovador.

Sou um poeta-soldado,
Não sei á missão mentir;
N'este canto magoado,
Disse tudo sem fingir.
Poeta da liberdade,
Fiz d'esta nova deidade
A dama do meu pensar;
Prostrei-me aos pés da donzella,
Hei de com ella, e por ella,
A minha terra cantar:

Hei-de, sim, que as rudes fallas
De soldado as puz aqui:
Mentiras que são das salas,
Nunca eu as traduzi.
Não as sei — nem que soubera,
N'estes versos as puzera,
Que todos verdade são;
Nem tem logar a mentira,
Traduzindo aqui na lyra
As vozes do coração!

O GUERRILHEIRO.

> Efface, efface, en ta course nouvelle,
> Temples, palais, mœurs, souvenirs et lois.
> Hennis d'orgueil, ô mon coursier fidèle,
> Et foule aux pieds les peuples et les rois.
>
> BÉRANGER.

I.

Ei-lo ergüido no topo da serra,
Recostado no seu arcabuz :
De pequeno creado na guerra,
Não conhece — não vê outra luz.
Viu a terra da patria aggredida,
Ergueu alto seu alto pensar :
— Pula o sangue, referve-lhe a vida ;
Vinde ouvir-lhe seu rude cantar !

Era noite, sem lua, sem nada;
E debaixo do negro docel,
Reluzia-lhe a fronte crestada,
Relinchava-lhe o negro corsel.
   Fôra noite talhada á sortida;
Fóra d'horas quem ha de velar?
   —Pula o sangue, referve-lhe a vida·
Vinde ouvir-lhe seu rude cantar!

Eia, sus, ó meus bons camaradas;
D'esse somno por fim despertae:
Alem tendes as vossas espadas,
Eia, sus, bem depressa affiae.
   Vae a terra da patria vencida,
Quem da lucta se póde escusar?
   —Pula o sangue, referve-lhe a vida;
Vinde ouvir-lhe seu rude cantar!

«Que me siga quem tem a vaidade
«De ouvir ballas sem nunca tremer;
«Que me siga quem quer liberdade,
«Quem não teme na lucta morrer.

A estranhos a patria vendida
Pede braços, que a vão libertar.
Pula o sangue, referve-lhe a vida;
Vinde ouvir-lhe seu rude cantar!

Já povoam os echos da serra,
Os sons rudes de altivo clarim;
E d'envolta com os gritos de guerra
Vão em roda cantando-lhe assim:
« Eia, ávante, que a patria aggredida
« Quer seus filhos na lucta encontrar.
— Pula o sangue, referve-lhe a vida;
Vinde ouvir-lhe seu rude cantar!

Sopra o vento; desfralda a bandeira,
A que os livres á guerra chamou;
A que nunca na guerra estrangeira,
De vendida ninguem alcunhou:
Por um santo varão foi benzida,
Não n'a podem estranhos prostrar;
— Pula o sangue, referve-lhe a vida;
Vinde ouvir-lhe seu rude cantar!

Era noite; mas noite calada,
Sem estrellas do ceu a luzir:
Fôra noite dos santos fadada
Para a terra da patria remir.
 «Se esta lucta por nós fôr vencida,
«Póde a terra da patria folgar.
 —Pula o sangue, referve-lhe a vida;
Vinde ouvir-lhe seu rude cantar!

«Adeus serra callada, gigante,
«Erma filha do meu Portugal;
«Adeus terra que inspiras distante,
«Este canto sentido e leal!
 «A estranhos a patria vendida,
«Pede braços que a vão libertar.
 —Pula o sangue, referve-lhe a vida;
Vinde ouvir-lhe seu rude cantar!

II.

Não faltava ninguem no combate,
Não faltava na lucta ninguem;
Só depois—já depois do embate,
Rareava nas filas alguem.

Foi acção por acção decidida;
Vinde os mortos no campo contar!
— Pula o sangue, referve-me a vida;
Vinde ouvir-me meu triste cantar!

Era dia: nas armas luzentes
Vinha em chapa batendo-lhe o sol;
Mas nem todos, dos lá combatentes,
Viram brilho d'immenso pharol.
Pela terra, de sangue tingida,
Mais de um bravo se via rojar.
— Pula o sangue, referve-me a vida;
Vinde ouvir-me meu triste cantar!

Vencedoras as Quinas ficaram,
Vencedoras ainda uma vez;
Mas de prantos depois as regaram,
Quem lhes dera valor portuguez.
Lá ficára uma espada esquecida,
Sem que o dono a podesse zelar.
— Pula o sangue, referve-me a vida;
Vinde ouvir-me meu triste cantar!

Desabando do topo da serra,
Lá deixára o fiel arcabuz:
De pequeno criado na guerra,
Viu na guerra extinguir-se-lhe a luz.
  Vira a terra da patria aggredida,
Ergueu alto seu alto pensar:
  — Pára o sangue, desaba-lhe a vida;
Já não lhe oiço seu rude cantar!

RECORDAÇÃO DA INFANCIA.

AO MEU AMIGO MACEDO.

No more, ô never more!!
SHELLEY.

Este som harmonioso
Foi-m'outr'ora conhecido;
Inda me resta a lembrança
Que me traz tão commovido.

Alegre, tangia o sino,
Em dias de baptisado:
Carpia triste e solemne
Apregoando um finado.

Estes sons, oh! não me enganam!
São sinos da minha terra;
Ouvi-lhe as *Ave-Marias*
Nos tristes echos da serra.

Quando eu era inda pequeno,
Da pobré casa fugia;
Indo sentar-me sósinho
No adro da freguezia.

Todas as tardes, sol posto,
Repicava o bom do sino:
Pelo que já me não lembro,
Que era ainda pequenino.

Oh! que invejas que eu não tinha
De não ser quem o tocasse!
Quem fizesse os casamentos
Quem os echos afinasse.

Se morria alguem na aldêa,
Eram os echos sentidos
Que choravam pelo morto,
Da desgraça commovidos.

O sino grande da torre
Que dobra pelo natal,
Era tão bello e suave,
Que não tinha outro igual.

As velhas da minha terra,
Diziam todas á uma:
'Que sino tão afinado
Não havia em parte alguma.'

Que saudades que me ralam
De lhe ouvir os sons distante;
De não poder mais de perto
Ouvi-los a todo o instante.

Cada som que vem da serra
Me traz distincta saudade,
Ora falla em 'Magdalena'
Ora diz pura amisade.

Recordo-me então de tudo
Que passei na meninice;
Naquelles felizes tempos
De candura e de ledice;

Quando em fresca madrugada,
Acordadas pelo sino,
As avesinhas do campo
Entoavam sacro hymno.

Despertava toda a aldêa,
Começavam os trabalhos;
Os rouxinoes se acoitavam
Nos velhissimos carvalhos.

Eu então era creança,
A furto a meus paes fugia;
Indo sentar-me sósinho
No adro da freguezia.

Já lá vae tão bello tempo;
Magdalena já não vive!
Desses amigos da infancia,
Nunca mais noticias tive!

Só d'espaço, muito a espaço,
Os echos vindos da serra,
Me trazem na viração,
Saudades da minha terra.

Quem me déra vê-la ainda
Das olayas enfeitadas;
Similhando alegre virgem
D'inda á pouco desposada.

Mas que iria eu lá fazer?
Ninguem me conheceria...
E a mim, que chóro por elles,
Pousada ninguem daria!

Morra pois distante della,
Mas não ouça echos da serra,
Trazer-me na viração
Saudades da minha terra.

NO ALBUM

DE

MADEMOISELLE C. DE CHARBONNAY.

> Era la donzella ornata di semblanze mirabili, di leg-giadro contegno, di voce molle, d'insinuante loquela.
>
> A. VERRI.

Assim como o sol as plantas
Aviva com seu calor,
Assim como as mansas brisas
Trazem da tarde o frescor;
— Tu trouxeste estro divino
Á lyra do trovador.

Melancholicas saudades
N'outro tempo já cantei,
Largas horas meditando
Por uns olhos já passei;
—Mas hoje, quem tal disséra!
Nem mesmo chorar já sei.

Horas mortas assentado
Eu sósinho á beira-mar,
Procurava n'este mundo
Ter alguem a quem amar;
Ter alguem a quem sentido
Dedicasse o meu trovar.

As do ceu, lindas estrellas,
Buliçosas a luzir,
Alvas rosas da campina
Em botão prestes a abrir;
Não me inspiravam poeta
Não me faziam sentir.

Lindo sol, por entre nuvens,
Rey dos astros a passar,
Pallida lua d'agosto
No meu Téjo a namorar;
Não me davam sentimento
Não me faziam cantar!

Tinha de todo perdido
A divina inspiração,
Era cantor de tristesas
Poeta não era, não;
Para o ser como devia
Faltava-me o coração.

Mas hoje volto de novo
A ser devéras cantor:
Tenho fé na minha lyra,
Tenho n'alma mais vigor;
Tu trouxeste estro divino
Á lyra do trovador.

Disseste ao poeta 'canta'
Que o teu estro serei eu;
O poeta teve crença
Que a teus olhos só deveu;
Ahi vae senhora o canto,
Este canto é todo teu.

A ESTRELLA D'ALVA.

> Comvosco eu sou maior; mais longe a mente
> Pelos seios dos ceus se immerge livre.
>
> A. HERCULANO

Estrella brilhante que apontas o dia,
Que passas alegre brincando no ceu;
Os anjos te fadem com hymnos saudosos,
Te cantem victoria estrella sem veu.

Que novos alentos nas trevas perdidos,
Ao peito do triste teu brilho não traz;
A pobre donzella que morre de amores
Co'a luz matutina vistosa se apraz.

O rei no seu throno, que avergava c'o peso
Do sceptro doirado que dos reis herdou;
Ao ver-te brincando dos ceus na campina
Do leito custoso risonho acordou.

As aves que dormem envoltas nas ramas
De agudo cypreste que mortes prediz;
Ao ver-te orgulhosa toucada d'incantos
Saudades derrama no peito infeliz.

Avultas constante brincando innocente,
Aos hymnos do mundo, dos anjos á luz;
És virgem bemquista dos homens, da terra,
Que a todos vistosa teu brilho seduz.

O velho cançado da vida arrastada
Que á campa sem lettras o tem de levar,
A fronte pendida no chão dos finados,
Ao ver-te levanta, contricto a resar.

Fadada tu sejas rainha do mundo,
Que alegres, de tristes, nos tornas assim;
E nutres nest'alma, que chora pesares,
Encantos da vida, eternos, sem fim.

A candida rosa, que a noite tem murcha,
Mal vê despontar-te sorri de prazer;
E folga contente nos ramos que dobram
Com pêso tão bello, a mais não poder.

E ao ver-te brilhante trazer descuidada,
Apoz da borrasca bonança a sorrir;
Nas trovas que a lyra me deu sussurrando
Teu nome enlaçado busquei reunir.

E junta comigo, nos cantos saudosos,
Formosa donzella teu nome sagrou;
Belleza que encerras com mil attractivos
Cantada por Ella mais linda ficou.

E o pobre poeta fadado a cantar-te,
Humilde e contricto se arroja no chão;
E tu lhe respondes passando orgulhosa
Com brilho divino de mór galardão.

Estrella brilhante que apontas o dia,
Que passas alegre brincando no ceu;
Os anjos te fadem com hymnos saudosos,
Te cantem victoria estrella sem veu.

ADORMECIDA!

> Elle dort... elle dort... larmes de ma douleur,
> Ne la réveillez pas en tombant sur son cœur!
> Vous qui la connaissez, venez, anges fidèles,
> Couvrir son pur sommeil du calme de vos ailes.
>
> ALEXANDRE SOUMET.

Como é bella adormecida!
Parece estatua caida
Do pedestal!
Como a dormir é formosa!
Parece fragrante rosa
No seu rosal!

Deixae-ma vêr bem de perto,
N'aquelle sorriso incerto
Que tanto diz.
Deste mundo deslembrada,
A dormir tão socegada
Como é feliz!

Silencio. — Deixae-me vê-la,
Como ella é gentil e bella
No seu dormir!
Parece, mesmo dormindo,
Que nos labios vae fugindo
Um seu sorrir!

Arfa-lhe o peito saudoso,
Como ao cysne mavioso
N'um mar d'anil,
Tem no rosto desenhadas,
Como tem tambem as fadas
Bellesas mil

Parece um anjo .... parece,
Se entre nuvens do ceu desce
Sorrindo assim!
Oh! não tem maior bellesa,
Essa magica lindesa
D'um serafim!

Minhas lagrimas "cautella!"
Deixae-a dormir, que é bella,
Meu coração!
Seus olhos não desvendados,
Inda mesmo assim cerrados
Que lindos são!

Nesta languida postura,
Mais se exalta a formosura
A realçar.
Que meiguice desenhada,
Nessa fronte namorada
Vejo raiar!

Tenho fé nas avesinhas
Pelos bosques a trinar;
Tenho fé nas mansas ondas
Que nos seixos vem quebrar,
Como um protesto de virgem
Que jura não mais amar!

Mas a minha fé mais viva,
A que tem mais duração,
A que tenho por segura
N'este mundo d'illusão:
É n'um rosto que nos olhos,
Deixa lêr o coração!

IGNEZ DE CASTRO.

As filhas do Mondego a morte escura
Longo tempo chorando memoraram;
E por memoria eterna, em fonte pura,
As lagrimas choradas transformaram.

Camões — Lusiadas.

I.

Meiga filha de amor, terna saudade,
Vem pousar-me na lyra; vem sentida
Maga filha do ceu, dar vida ao canto
Do pobre trovador. Alento novo
Só espera de ti meu alaúde.
Costumado a cantar da patria as glorias
Em lyra portugueza, hoje de lucto,
Mal podéra sem ti cantar tristezas;
Bem bastam as que vão por esta terra,

Outr'ora tão temida! bem me bastam,
As que o peito em segredo me devoram.
Inspira-me, saudade. Vem na campa,
Da triste e bella Ignez, chorar comigo.
Ás margens do Mondego, vae, escuta,
As queixas que ella solta ás mansas brisas.
Aos echos da montanha, ao triste choupo,
Ao correr saudosissimo das fontes,
Interroga de amor as confidencias.
Depois, meiga saudade, vem na lyra,
Saudosa suspirar. É tua; dou-t'a,
A lyra onde hei cantado a patria; a gloria.
Só te peço de amor sentidas queixas,
Maga filha do ceu. Só peço um canto,
Aonde gemas triste; aonde a morte,
Pranteada por ti, encantos tenha.
Vem; pousa-me na lyra. Inspira o canto,
Meiga filha de amor — terna saudade!

II.

Se ha quem tenha no peito sentido,
As tormentas que nascem de amor;
Ao sentir-se de Ignez condoido,
Pelos prantos — será trovador.

Se ha quem tenha uma vez suspirado
Por vêr morta a esperança em botão;
Venha aqui suspirar magoado;
Abra ás queixas o seu coração.

Se ha quem tenha córado de pejo
Ao ouvir esta terra ultrajar;
Nestes cantos, unido o desejo,
Bem unido, podemos chorar.

Se ha quem tenha maldicto mil vezes,
A deshonra da terra natal;
Nestes versos, que são portuguezes,
Vindiquemos o bom Portugal.

É dever de seus filhos. Mal haja
Quem da patria uma vez se esqueceu.
Quem descrendo de tudo a ultraja,
Quem as chagas lhe não escondeu!

Eu, seu filho, talvez não devêra,
Suas manchas moldar em canções...
Mas o caso, qual foi!... não morrêra,
Deu-lhe vida o cantar do Camões!

Deu-lhe vida essa fonte que dura
Desde então pela triste a chorar!
Deu-lhe vida esse rio que murmura;
Deu-lhe vida o seu longo penar!

Se ha quem tenha no peito sentido,
As tormentas que nascem de amor;
Ao sentir-se de Ignez condoido,
Pelos prantos — Será trovador!

III.

'Estavas linda Ignez posta em socego'
Só curando de amor. Pelo teu Pedro,
Pelos filhos gentis, tu só vivias.
Ás margens do Mondego em tom sentido
Repetias de amor saudosas queixas
'Aos montes ensinando, e ás hervinhas'
Do seu Pedro — do Teu — ardentes juras.
'De dia em pensamentos que voavam'
Ao teu regio amador, ao longe, ao longe,
Mil sentidas endeixas enviavas,
Que as brisas da manhã repercurtiam.
'De noite em doces sonhos, mentirosos'

e. E de contente,
or o estreitavas,
do. Oh! que de beijos,
m vão, não foram dados
o! Que protestos,
dois, foram acceitos
te! Tu, Mondego,
ledos bem podéras,
ntir, fazer que o sonho,
se por mais tempo
da alma, ledo e cégo'
o deixa durar muito.'
Ella teve! Oh! quem lográra
vão, amor tão puro!...
nez, mal tu pensavas,
sentir fosse o cutello
nnos! mal previas,
mpina, as companheiras
e amor, fossem regadas
nocente! Vem, saudade,
erna-me a lyra.
, rediz-me a sorte,
n, que cortada'
foi, candida e bella![1]

IV.

Por este canto sentido
Minhas lagrimas correi.
De Ignez o pranto vertido
Minhas lagrimas — dizei!
Selae-me os versos; que importa,
Que quem tem a fé já morta
Vos não queira acreditar?
De Ignez os tristes amores,
Hei-de aqui de verdes flores
Nos cantos engrinaldar.

Hei-de sim; hei-de colhe-las
No fundo do coração.
Hei-de depois off'rece-las
Nesta singela canção.
É pobre, mesquinha a offerta;
Mas se a vontade vae certa,
Que mais hei-de dar aqui?
A chorar de ha muito affeito,
Nem por isso hoje o meu peito
Desdirá do que senti!

Linda Ignez! que triste sorte
Teve o teu sentido amor!
Só gelada mão da morte
Te pôde roubar valor.
Mansas aguas do Mondego,
Que lhe ouvistes, em socego,
Os seus fundos tristes ais;
Dizei-me, saudosas aguas.
Se jámais tamanhas magoas
Tiveram de si rivaes?

Dizei-m'o, prados e fontes;
Dizei-m'o, rosas do val;
Dizei-m'o, selvas e montes;
Dizei, aguas de crystal!
Oh! não houve, que na terra
Tamanho amor não encerra
Um peito que Deus creou!
Houve aquelle, mas segundo,
Tão sentido, tão profundo,
Deus á terra não mandou!

Não mandou, que não podia,
Faze-lo, qual Elle a fez!
Nem o mundo intendoria
O amor d'uma outra Ignez!
Em troca do sentimento,
Soffreu na terra o tormento
Teve o mundo por algoz;
O avô dos proprios filhos,
Esquecendo antigos brilhos
Foi avô... foi rei feroz!...

A morte de Ignez ordena;
Esquece o filho tambem:
Dos netos não lembra a pena
Não se lembra de ninguem!
De noite.... sonha cutellos...
Poz nelles os seus desvellos,
Poz na morte o seu sonhar!
Onde vaes, rei homicida?
Esqueceu-te já que em vida,
Pódes teu crime expiar?!...

Esqueceu-te? . . . o crime é cego,
Caminha . . . marcha . . . não vê.
Só depois no dessocego
A culpa soletra — lê!
Oh! mal haja essa vaidade,
Que ao throno cega a verdade
Que á justiça occulta a lei.
Mal hajam os conselheiros,
Que em vez de ser verdadeiros
Fazem carrasco . . . de um rei!

Oh! quem não sente de ve-la
Tão moça morrer assim?
Quem a não chora, tão bella,
Ter aquelle triste fim?!
De illusões, de tudo cede;
Para os filhos é que pede
Do seu rei a protecção.
'Só te peço, rei, que leias,
Que o sangue que tem nas veias
É da tua geração!'

Por este canto sentido
Minhas lagrimas correi.
De Ignez o pranto vertido
Minhas lagrimas dizei.
Selae-me os versos; que importa,
Que quem tem a fé já morta,
Vos não queira acreditar?
De Ignez os tristes amores,
Hei-de aqui de verdes flores
Neste canto engrinaldar.

V.

E mataram-te, Ignez! teu Pedro ausente,
Não póde desviar de ti o golpe,
Que o vendido punhal dos assassinos
No peito te cravou! Mal hajam elles!
Mal haja quem te pôde vêr as rozas
Do rosto desbotadas. Oh! mal haja,
Quem de sangue tingiu as mãos cruentas.
'No collo de alabastro que sustinha'
'As obras com que amor matou de amores'
Aquelle, que depois se vinga altivo,
C'roando-a rainha! Oh! mal haja,
Quem de Pedro, o Cruel, excita a sanha

Para a morte vingar da cara esposa!
'Bem podéras, ó sol, da vista destes'
'Tristissimos successos affastar-te.'
As filhas do Mondego, em triste pranto,
Tua morte sentida memoraram,
E por memoria eterna em fonte pura
Para que eterno fosse o caso triste,
Transformaram as lagrimas choradas.
Ignez, formosa Ignez, hoje o meu canto
Escuta-me se pódes. E na lyra,
Aonde o teu cantor cantei a medo,
Inspira, linda Ignez, sentida endeixa!

VI.

Eu quizera ter lyra afinada,
Pelas harpas dos anjos do ceu;
Que na corda de amor magoada,
Descantára d'Ignez o tropheu.

Que tão triste não foi! que sentido,
Foi de Pedro e de Ignez o sentir!
Inda agora, de manso ao ouvido,
Cuido as queixas de Ignez distinguir.

Inda agora — tão longe! — parece
Vêr-lhe as sombras nas selvas errar.
E nas selvas, que o cedro escurece,
Ouvir beijos... de nunca fartar!

Inda agora, nas noites caladas,
Quando tudo é socego e mudez;
Cuida a gente escutar as passadas,
As ligeiras passadas de Ignez!

Quando tudo na terra é socego;
Quando brilha na selva o luar;
No saudoso correr do Mondego
Cuidam todos ouvir suspirar!

Inda agora nas tardes saudosas
Que só duram no meu Portugal;
Cuida o povo, nas aguas formosas,
Vêr o rosto de Ignez no crystal!

Eu quizera ter lyra afinada,
Pelas harpas dos anjos do ceu;
Que na corda de amor magoada,
Descantára d'Ignez o tropheu.

VII.

Oh! descança-te em paz lyra sentida;
Mais lagrimas não tens. Verteste todas,
Pela terra, que foi outr'ora grande,
Que hoje ás nações do mundo apenas lembra
Nos cantos de um poeta. E que poeta!
O teu nome, Camões, salva da affronta
A honra portugueza. Perdoa a um louco
Pobre feudo de amor juntar aos cantos,
Aonde a linda Ignez vivêra eterna,
Se, para eterna ser, lhe não bastára
Aquelle fino amor, que, exemplo a amores,
Consagrado ficou. Lagrimas tristes
Não sabem escolher olhos felizes,
Por onde, manso e manso burbulhando,
Gravem fundo nas faces um só nome,
E tão fundo! e tão triste! o da saudade!
Formosa linda Ignez, se o canto é pobre,
Se, inexperto cantor, ousei sem lucro
De teu sentido amor contar extremos;
'Vós, ó concavos valles que podestes'
'A voz extrema ouvir da bocca fria'
Da mãe que se finava. Vós, ó valles,

Repetindo-lhe as queixas, os suspiros,
Eternisaes sem qu'rer sua memoria.
Morreste linda Ignez, mas foi-te a morte,
Como a do cysne a gorgear ternuras;
Como a da pomba que em sentido arrulho
A vida perde; roxeando em sangue
Do casto peito as nevadas plumas!
O teu cantor o disse: Foi-te a morte,
'Assim como á bonita que cortada'
'Antes de tempo foi.' Ignez formosa,
Hoje o meu canto escuta-me se podes.
E do pallido rosto as seccas rosas
Do rubor da modestia accende a ouvi-lo!

VIII.

Amor que aos outros dá vida,
A ti, Ignez, o que deu?
Uma lagrima vertida
Nessa hora em que nasceu;
Uma fonte fresca e pura,
Que nas queixas que murmura,
Diz a tua sem ventura,
Diz o fim que amor te deu!

'Das lagrimas' se chama a fonte,
Onde os teus olhos, Ignez,
Para que a bocca o não conte
Dizem de amor o revez!
Até no pranto amorosa,
Com elle dás vida á rosa,
Que na campina orgulhosa,
Bebe os teus prantos, Ignez!

Na selva vagos queixumes
Traduzem o teu amor;
Nas veigas arde em ciumes
Da selva o gentil cantor!
E os ciumes e as queixas,
São variadas endeixas,
Que ao morrer á terra deixas
Festejando o teu amor!

De tristezas e saudades,
Este meu canto compuz:
Acabam aqui vaidades,
De amor o fogo reluz;

As lyras dos trovadores
Se inspiram dos teus amores!
Foi delles, colhendo as flores,
Que este meu canto compuz.

Pedi um canto á minh'alma,
Que fosse teu, é só teu;
Das trovas nasce esta palma
Que a lyra chorando deu!
Pela saudade pedida,
Foi em lagrimas nascida;
Se vae do peito sentida,
É que o canto é todo teu!

O SEU TUMULO.

Deux jours n'attendant plus, mais appelant encore,
Il redira sa plainte : et la troisième aurore,
Laissant tomber son aile, il mourra de douleur.

MILLEVOYE.

O seu tumulo singelo,
Não tem pedra nem letreiro ;
Só tem uma cruz erguida
Debaixo daquelle olmeiro.

Mas aquella cruz erguida
Diz mais que tudo na terra :
Diz que Julia alli repousa,
Que as cinzas alli lhe encerra.

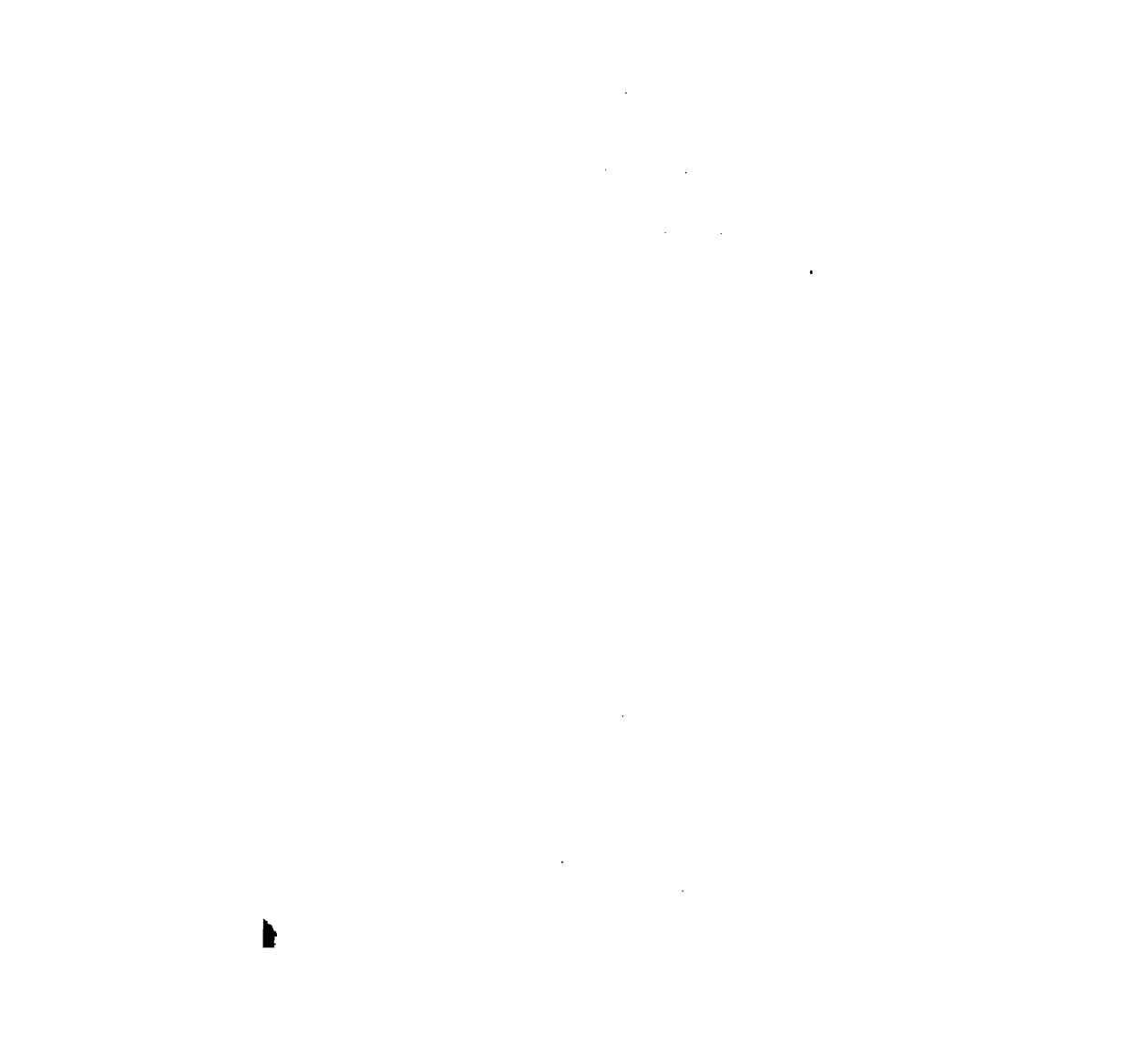
Os ventos que á noite zunem
Nas comas dos arvoredos,
Sabem sim, mas não revelam,
Daquella campa os segredos!

Como a rosa desfolhada,
Sobre a relva da campina;
A ter a sorte da rosa
Foi na terra a sua sina.

Seus olhos, que me inspiravam,
Fallavam meigos amores;
Como as aves a trinarem,
Dos bosques entre os verdores

Mas pouco gosou a triste
Dessa vida de donzella;
Tão pura, tão socegada,
Tão meiga, sentida e bella.

Aos anjos que andam na terra
Dá-lhes Deus bem curta vida;
Que não quiz Deus que a virtude
Aos crimes andasse unida.

Os ventos que á noite zunem
Nas comas dos arvoredos,
Sabem sim, mas não revellam,
Daquella campa os segredos!

O BANDIDO.

Et de ses assassins ce grand homme entouré
Semblait un roi puisant par son peuple adoré.

VOLTAIRE.

Destes bosques, destas selvas,
Quem dirá que não sou rei?
Tenho valentes soldados,
E tantos que nem eu sei!
Tenho riquezas occultas
Que o valor lhes não direi:
Ha quem negue, ha quem duvide,
Que das selvas sou o rei?

Tenho o sceptro, tenho a c'rôa,
Na ponta deste punhal,
Não invejo aos reis da terra
Seu diadêma real :
São pesadas essas c'rôas
De refulgente metal ;
  Isso tudo, ha quem o negue ?
Cifro-o eu neste punhal !

Coitados dos reis da terra,
Ao pé de mim nada são !
Tem vassallos que lhes mentem,
Tem damas sem coração,
Em cada rosto um sorriso,
No sorriso uma traição,
  Essas vaidades da côrte,
Ao pé de mim nada são !

Tenho formosas sem conto,
Só minhas, de mais ninguem ;
Tenho soldados tão firmes,
Como o rei por lá não tem ;

Tenho o sol que a festejar-me
Por detraz dos montes vem;
  Tenho meiguices só minhas,
Só minhas de mais ninguem!

Se quiz ser rei orgulhoso
Foi no campo a batalhar;
Se quiz ser feliz amante
Fiz meu nome respeitar;
Se quiz riquezas comprei-as
Nas selvas a pelejar:
  Sceptro, c'rôa, ganhei tudo,
Nos montes a batalhar!

Estas trinta cicatrizes
Com mais trinta recebi,
Quando estes bravos soldados
N'um só trôço reuni;
Se quiz vaidades comprei-as,
Comprei-as todas assi:
  As cicatrizes que vêdes
Com mais trinta recebi!

Mas agora nestes montes,
Só aqui governo eu!
O rei que governa em tudo,
Nada aqui possue de seu!
Que desminta... mas não póde,
Nestas selvas tudo é meu;
  Lá que mande não m'importa,
Mas aqui governo eu!

Toque a bosina a combate,
Toque já, que manda o rei:
Se fôr feliz na contenda,
Mil banquetes vos darei.
Toque 'alarma' vamos prestes
Nos montes dictar a lei:
  Haja agora quem duvide,
Que das selvas sou o rei!

A IRMÃ DA CARIDADE.

Come pray with me, my saraph-love !
My angel-lord, come pray with me.

THOMAZ-MOORE

Quem é esta mulher tão linda e joven,
Tão triste, e tão severa em tal edade ?
Porque de luto e dó vestidos traja ?,
Cumpre um voto : — É Irmã da Caridade.

Um joven adorava tal qual ella
Mui formoso, gentil, terno e constante ;
Mas seus dias emfim eram contados,
P'r'o Creador partiu, deixou a amante.

E neste mundo só abandonada
Sem ter nem protector nem alegria,
Sem desvelada mãe que a consolasse,
As tristezas da terra a sós carpia.

Pelo amante, a Deus, pedia a triste;
Pela mãe, pelo pae, que já não tinha:
E depois de resar resas tão santas,
Carpir na sepultura a triste vinha.

Um dia que ella assim a Deus orava,
Recostada na campa da mãe qu'rida;
Cançada de chorar nas sepulturas,
Recostada ficou — adormecida!

Julgou então ouvir da mãe as vozes,
Que a seguir vida santa a aconselhava;
Soccorrer infelizes dar consôlo,
Ao mortal indigente a mãe mandava.

E a filha obedeceu; seguiu taes ordens:
E d'então para cá com anciedade,
Soccorre o infeliz, dá pão ao pobre,
Cumpre um voto: — É Irmã da Caridade.

RECORDAÇÃO.

Á MEMORIA DE ELISA.

Helas! que j'en ai vu mourir de jeunes filles,
VICTOR-HUGO — *Fantômes*.

Ai! quantas, quantas noites nós sentados,
Fallavamos de amores!
Sem pensar em mais nada; sem temermos
Do mundo os mil rigores.

Para nós o futuro inda era um sonho,
Mas sonho sem temores:
Recostado em seu collo alvo de neve
Sonhavamos amores!

Que palavras então Ella dizia
Que meigas confissões!
Ninguem podéra alli vir decifrar-nos
Os nossos corações.

Ambos nós, alli juntos, só curavamos
Manter as illusões;
Que mais tarde, ai de mim! só resta um écho
De tantas confissões!

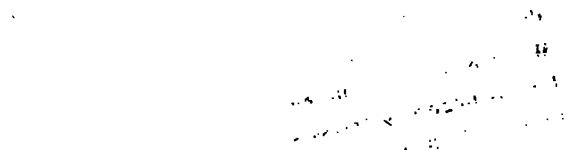
*

Era Elisa gentil: nos olhos pretos
A mente se revia:
N'aquelle rosto d'anjo, sem maldade
A alma lhe sorria.

Era bella e gentil, era formosa,
Que mais ser não podia.
Não quiz Deus conserval-a n'este mundo
De falsa poesia!

*

Morreu... mas cá na terra inda lhe resta
Um pobre coração.
Quantas vezes na pedra do sepulchro
Lhe mando uma oração!

Quantas vezes gemendo entre saudades,
Mantenho uma illusão . . .
De que Elisa ouvirá por entre prantos,
Meus hymnos de christão !

CLEOPATRA.

> C'est alors que passa le nuage noirci,
> Et que la voix d'en haut lui cria : — C'est ici !
>
> VICTOR-HUGO.

Dom funesto de bellesa
Foi o dom que o ceu te deu ;
A teus pés curva a feresa
O vencedor de Pompeu.
Nas campinas da Pharsalia,
O heroe de toda a Italia
Briga, lucta, é vencedor ;
Mas depois, preso em teus braços,
Em vis folguedos devassos
Esquece de Roma a dor !

Ó Cleopatra! teu nome,
Vem mil nomes resumir!
É baldão que não se some
Em quanto Roma existir.
Na patria ingente dos Graccos,
A teus pés, tornados fracos,
Que de heroes covardes são!
Embora á virtude extincta,
Brade em Roma a voz distincta
De Cassio, Bruto, e Catão.

Que o teu poder é finado,
Que Roma já tem algoz;
Di-lo o corrupto senado
Oppresso, morto, sem voz;
Di-lo o povo, e o capitolio,
Outr'ora tremendo solio
De seu distincto orador;
Di-lo Augusto que se arroga
A rubra tremenda toga,
A toga de Dictador!

Ó Cleopatra ! nos braços
Tens de Roma os capitães !
Perdidos seguem os passos
De Cesar, que preso tens.
Que tristes sentidos prantos,
Deu Cornelia aos teus encantos
Que o esposo lhe perdeu.
Comtigo morre sepulto,
O reino temido, adulto,
Do grande Ptolomeu !

Em Roma captiva — escrava,
Logràras c'roa real,
Se a mão de Bruto não crava
No teu amante o punhal.
Bellesa mais que funesta,
Que loiros teu riso cresta,
Que triumphos faz murchar !
Apenas Cesar se pende,
Marco Antonio vem, e rende
Novo culto ao teu altar.

Que tão vistosa galera
As ondas sulcando vem!
Oh! quem por lograI-a dera
Riquezas que Roma tem!
É a rainha do Egypto,
Por bella sonhada um mytho
N'aquelles tempos d'então:
É Cleopatra, a formosa,
Que na galera vistosa
Vem prender um capitão!

Cautella, Roma, cautella;
Se a Gallia treme de ti,
Uma rainha, que é bella,
De teus soldados sorri:
E sorri-lhe com despreso,
Que em breve conta ter preso
Da Italia o general:
Conta, sim, que o crocodilo
Das frescas margens do Nilo,
Não teme do Quirinal.

Não teme: lá vem á pôpa
Da galera, que a vogar,
Se a riquezas se não poupa,
Não teme tambem do mar.
Pelas ondas embalada,
Vem á pôpa recostada
A rainha com desdem:
Afastar, gente de Roma;
Que aonde a rainha assoma
Não governa mais ninguem!

Marco Antonio alli se fica,
Mais que vencido de amor:
Patria e gloria sacrefica,
Aos seus sonhos d'amador!
Ao poder da formosura
Cede de Roma a bravura,
De Cesar o brio cedeu;
Mas depois... lá vem o dia,
Em que á velha Alexandria
Octavio chega... e venceu!

N'uma só, n'uma batalha,
Dada nas ondas do mar;
Topa Antonio co'a mortalha,
Vae Cleopatra acabar.
Nas bravas ondas do Accio,
Vencem as frotas do Lacio,
Fica Octavio vencedor!
Do vencido as hostes rotas
Pasmam de si absortas;
Ao chorar tamanha dôr!

De Roma as represas furias,
Se espandem livres então;
De Cleopatra as centurias,
Vencidas, prostradas são.
Ó Roma, nota que é erro,
Em gente vencida o ferro
Ir mais tempo mergulhar:
Ó Roma, nota que ainda
Não está de todo finda
A honra no proprio lar!...

Que tão funestos amores,
Rainha, foram os teus!
De quem te gosou favores
Que fados foram os seus!
Dentro mesmo do Senado,
Cesar morre assassinado,
De Bruto, pelo punhal;
Para lavar-se da affronta,
Marco Antonio só encontra
Na morte . . . termo ao seu mal!

Ao pé da amante que morre,
Quiz ao menos ir morrer;
Anda, parte, vôa, corre,
Ainda a chegou a ver.
Abraçados como d'antes,
Nesses felizes instantes
De ternura e de paixão;
Preferem ao ser captivos,
Morrerem juntos, altivos,
Morrerem sem contricção!

De Marco Antonio a memoria
Ha de no mundo durar,
Embora de Roma a gloria
Se esquecesse de presar,
Embora! que alembra a sina,
Que ao prendel-o á concubina
Do seu tão devasso amor;
O prende tambem aos fastos
Daquelles tempos, tão gastos
Em coisas tão sem valor!

❧

De Cleopatra, a formosa,
São cem mil as tradições;
Ora soberba, orgulhosa,
Ora a prender corações.
Faustosa Sardanapalo,
Teve a Cesar por vassallo,
Teve reis escravos seus!
Ao morrer, morre com ella,
A monarchia a mais bella
Dos grandes Ptolomeus!...

A CONFESSADA.

Écouta le prêtre et lui laissa tout dire.
VICTOR-HUGO.

Que diria a confessada,
Sendo tão envergonhada
  Ao confessor?
Se lhe diria sem pejo,
Segredos d'aquelle beijo
  De tanto amor?

Se lh'o diria? Não disse.
Olha p'ra mim e sorri-se,
Não disse, não.
Nem sei se devem donzellas
Contarem coisas d'aquellas
Em confissão.

Um beijo não é peccado,
Se foi acceito e foi dado
Sem mau pensar.
Peccado talvez seria,
Negar-se com tyrannia
De um beijo dar.

Talvez agora sem tino,
Contasse o beijo divino
Que hontem me deu:
O padre ralha com ella!
Não contes meiga donzella
O beijo teu.

Não contes. Não vale a pena,
Por culpa leve e pequena
   Traír amor.
Nem um beijo recatado,
Deve ser por ti contado
   Ao confessor.

Tambem as rosas vecejam,
As rôlas tambem se beijam
   Sem o dizer.
Tambem livres nas campinas,
Se entrelaçam as boninas
   Sem se temer.

Tambem as brisas dão beijos,
Tambem ardem em desejos
   Sem se occultar.
Tambem na praia distante,
Expira a vaga espumante
   Sem se queixar.

Tambem tu... Ella não disse.
Olha p'ra mim e sorri-se,
   Não disse — não.
Nem devem nunca donzellas,
Contarem coisas d'aquellas
   Em confissão.

AS ROSAS.

La virginella é simile a la rosa
Che'n bel giardin su la nativa spina
Mentre sola, e secura, si riposa.

ARIOSTO — *Orlando*.

Gosto das rosas sem cheiro
Debruçadas na roseira;
Em botão... e todas brancas,
Que é a côr mais verdadeira.

Mas nunca pude apanhal-a
A rosa dos meus amores,
No canteiro em que ella vive,
Tambem vivem outras flores.

Andou-me a rosa escondida
Em quanto em botão vivia,
Quando eu quiz ir lá colhel-a,
Foi tarde . . . murchado havia.

Pois era bem linda a rosa !
Até foi mesmo peccado,
Ir colher antes de tempo
Um fructo não sasonado.

Alli posta na roseira,
Cubiça fazia ella . . .
Mas ir colhel-a é malfeito,
Deviam ter pena d'ella.

Eu por mim bastante tive,
Era melhor que ella abrisse :
É verdade que em crescendo,
Perdia tanta meiguice !

Tudo assim anda no mundo ;
Rosa em botão apanhada,
Não gosto, que melhor fôra
Vel-a já desabroxada.

Mas tambem quem fica á espera
De vêr a rosa já feita,
Perde o trabalho; crescida
Nunca a rosa mais se ageita.

Chegam depois os invernos,
Murcham todas, ou se vivem,
Nem mesmo rosas parecem,
Vegetam, mas não revivem.

Não quiz apanhar a rosa,
Em botão... como era bella:
Depois de rosa já feita,
Nunca mais eu sube d'ella.

Agora já as não tenho
Por de fé mui verdadeira:
Apanho todas que posso,
Em botão... e na roseira!

SONHEI-A!

Comme une feuille morte échappée aux bouleaux
Qui sur une onde en pente erre de flots en flots,
Mes jours s'en vont de rêve en rêve.

VICTOR-HUGO.

Sonhei-a! tenho na mente
O seu retrato innocente
A fallar-me ao coração.
Sonhei-a como uma fada,
Que tem vivido encantada
Sósinha na solidão.

Sonhei-a d'olhos pisados,
Porque os prantos magoados
Lh'os tinham pisado assim:
Era triste, mas serena,
Como a gentil açucena
Rainha do seu jardim.

Sonhei-a triste: — a tristesa
Tem nos olhos da bellesa
Encantos qu'eu não direi.
Sonhei-a linda — trigueira,
Como se pinta a ceifeira,
Como eu pintal-a não sei.

Sonhei-a no fim do dia,
Quando tudo é melodia,
Quando tudo falla em Deus.
Vi-a sósinha pensando,
Talvez com prantos regando
Alguns pobres versos meus.

Sonhei-a como em pequeno,
N'aquelle sonhar ameno
Sonhava tudo o que é bom.
Cuidei vel-a que me olhava,
Tão triste que não fallava,
Nem da voz lh'ouvia um som.

Sonhei-a vindo da guerra,
A fallar da minha terra
Como falla o trovador;
Mas então já se sorria,
Já de mansinho dizia
Algumas fallas d'amor.

Dizia-as como quem sente
Não altas, mas como a gente
As diz em coisas assim:
Dizia-as como as diria
Beatriz, quando as sentia
Fallando de Bernardim.

Dizia-as sempre córando,
Repetia-as soluçando
D'olhos pregados no chão;
Dizia-as como eu jurára,
Que ninguem ainda amára
No mundo com tal paixão.

E depois envergonhada
De não ser mais recatada,
Córava ainda outra vez!
Córava . . . córava ainda . . .
Cada vez era mais linda,
Mais linda . . . que Deus a fez!

Qu'ria fallar não podia,
Que a vergonha lh'impedia
De poder usar da voz.
Era então que se lembrava
De que o mundo a censurava
De nos vêr fallar a sós.

Sonhei-a depois resando,
Talvez em segredo orando
Pela terra em que nasceu :
Resava que quem a visse,
Póde ser que a confundisse
Com algum anjo do ceu.

Tinha as tranças desprendidas,
Levemente sacudidas
Por ligeira viração.
Dos labios lhe baloiçava
Uma oração que resava
Do fundo do coração.

Vista assim, em tal postura,
Crescia-lhe a formosura,
Se ella podesse crescer.
Não podia, nem n'um canto
Se póde tamanho encanto
Com verdade descrever.

Sonhei em sonho fagueiro,
Que era um amor verdadeiro
Aquelle tão casto amor :
Costumado á desventura,
Só em sonhos a ventura
Visitou o trovador !

Fallei-lhe tão meigas fallas,
Que nunca as damas das salas
M'as podem ouvir assim :
Ella era linda — innocente,
Fallei-lhe como quem sente,
Fallei-lhe pouco de mim.

Beijei-lhe a mão com respeito,
Arfava-lhe o lindo peito
Batia-lhe o coração.
Jurei-lhe... não digo a jura ;
Tenho medo que a ventura
Me não deixe a descripção !

Sonhei-a então pensativa,
Como fica a sensitiva
Se lhe vão no pé tocar:
Era tão linda a donzella,
Que eu ficaria ao pé della
A minha vida... a sonhar!

Era triste como eu gosto;
Era linda como aposto
Que não ha outra igual;
Sendo tantas como as rosas
As filhas bellas, mimosas,
Das terras de Portugal.

Sonhei-a: se foi mentira
Cantei-a de mais na lyra,
Morri por ella de mais.
Se o sonho foi verdadeiro,
Nem o canto é lisonjeiro,
Nem as trovas desleaes.

Sonhei-a! tenho na mente
O seu retrato innocente
A fallar-me ao coração!
Sonhei-a como uma fada,
Que tem vivido encantada
Sósinha — na solidão!

D. SEBASTIÃO.

E D. Sebastião virá montado no seu cavallo
branco de batalha, n'um dia de nevoa cerrada.

TRADICÇÃO POPULAR.

Nos campos d'Alcacer batalha famosa
De crentes e mouros tremenda se deu;
De setta raivada na lucta afanosa,
O rei Lusitano na plaga morreu.

Quem póde no peito dizer á saudade,
Esquece dos bravos façanhas leaes;
Talvez que não tenha sequer piedade,
De vêr abatidas as quinas reaes.

Monarcha mancebo, ousado e valente,
Lembrou-se d'Arzilla, de Ceuta, de Fez:
Soldado de Christo lembrou-lhe na mente,
Vencer resoluto, morrer portuguez.

Que rija contenda nos campos se ateia,
Tornou-se a batalha matança geral.
Vencido na lucta, prostrado na areia,
Perderam-se as joias do sceptro real.

Do Deus das batalhas decretos divinos,
Quem inda até hoje mostrou sabedor!
Palavras dos homens não são mais que os hymnos
Que a terra levanta p'r'o seu creador.

Partiram-se todos; a crença os inspira
Na lucta travada por si — pela fé,
Glorias de Ourique luctando as aspira
Quem menos que Affonso por certo não é.

As quinas prostradas lá rojam por terra,
Lá fica abatido do reino o pendão:
De tantas antigas glorias que encerra
Lá ficam sepultas n'um arido chão.

O povo singelo nas crenças herdadas,
Do rei a memoria nos peitos sagrou;
E crê que d'Alcacer, nas trevas cerradas,
O rei Lusitano da morte escapou.

Espera inda vêl-o com rija armadura,
Escapo por graça d'amor divinal
Trazer ao seu reino, da paz a ventura
Entrar triumphante no seu Portugal.

Em dia de nevoa escura e cerrada,
Montado com garbo virá o bom rei:
Que tem n'uma ilha, com vida encantada,
Isempto affrontado dos mortos a lei.

Mas quando elle venha salvar-nos sem medo,
Ninguem sem mentira talvez o dirá;
Não só por ser grande, mui grande segredo,
Mas por não saber-se da onde elle virá.

NAPOLEÃO.

NO ALBUM DA EXCELLENTISSIMA SENHORA CONDESSA DAS ANTAS.

> Ei si nomò : due secoli,
> L'un contro l'altro armato
> Sommessi a lui si volsero
> Come aspettando il fato
> Ei fé silenzio, et arbitro
> S'assise in mezzo a lor.
>
> MANZONI.

Naquella fronte elevada,
Por captivos reis saudada,
A mão de Deus estampada,
Cem batalhas lhe prediz
Entre ballas que choviam,
Entre espadas que lusiam,
Os seus fados lhe sorriam
Em Marengo — e Austerliz!

Entre os fortes, o mais forte
Em cem combates de morte,
Sempre por si teve a sorte
Teve sempre o seu condão:
A França tinha por fito,
Mas heroe, collosso, mytho,
Té nas molles do Egypto
Fez ouvir — Napoleão!

Das côrtes deixa o regalo;
E sem temor nem abalo,
Calca aos pés do seu cavallo
Fantasmas que chamam reis!
Ai! que delles desthronados
Na guerra por seus soldados,
A seus pés já humilhados
Escutam — recebem leis!

Dessas phalanges guerreiras,
São mil prostradas bandeiras,
São mil dispersas fileiras
De rojo varrendo o pó!

A força cedendo á arte,
Na guerra por toda a parte,
Seu vencedor estandarte,
No mundo tremúla só!

Que de sceptros se partiram!
Que de c'rôas se fundiram!
Que de reis tristes se viram
Sem diadêma real!
Tinham sceptros por herança;
Tinham povos por fiança;
Mas a morte deu-lh'a a França
No braço de um General!

Surge das margens do Senna
O heroe que vence em Jena;
Que destemido condemna
De falsos reis os brasões!
Já tem a c'rôa ganhada
Co'a a ponta da sua espada;
Para a fazer respeitada
Sobejam-lhe os mil canhões!

Mas Elle que assim vencêra;
Que toda a Europa temêra,
Ainda não aprendêra
À custa do proprio mal!
Estrella que lhe lusira,
Brilhar no ceu Elle vira;
Mas a queda não previra
Da sua c'roa real!

Desterrado em Santa-Helena,
As aguas chora do Senna;
Lembram-lhe os campos de Jena
Da França lembra o pendão:
Lá morre!... Mas os penedos,
De Santa-Helena os rochedos
Ainda hoje sentem medos,
Só de ouvir... Napoleão!

O POETA.

> Je ne sais si je crois ; je ne sais si je doute . . .
> Entre croire et douter serait-il un milieu !
> Non ! — donc je ne crois point. Pour le dire, il m'en coûte
> Mon cœur a tant besoin d'un Dieu !
>
> FABIUS LE BLANC

Desses montes d'alem o sol nascendo,
Vem nos campos do ceu verter risonho
        Mil alegrias :
Mas na mente incendida do poeta,
Onde impera a tristesa a custo affoga
        As agonias.

É-lhe o peito um vulcão donde rebentam,
Ardentes lavas que se escôam fervidas
Nos olhos seus :
É-lhe a mente a ferver como a cratéra,
Que os represos cachões de si remessa
Em densos veus.

Mandou-o Deus assim cumprir seu fado,
Sem lhe ao menos marcar cá neste mundo
A méta, o fim.
Deu-lhe alma p'ra sentir, saudosa, ardente,
E quiz deixal-o só firme nas crenças
Morrer assim.

Poz-lhe em face a mulher rica d'encantos,
Saudosa inspiração que lhe mitiga
As cruas dôres ;
Mas ao mostrar-lhe em face a paga immensa,
Ao desvendar-lhe á luz os olhos d'alma
Negou-lhe amores.

Foi-lhe a vida, d'então, qual d'entre as mattas
A carpidôra rôla a lamentar-se
Da sua sina;
Alta a noite, nas rochas assentado,
Ao bramido das ondas seus pesares
Saudoso ensina.

Quando a lua vem pallida sulcando
As campinas do ceu, verter tristesas
No coração:
Nos labios mudos nem sequer ao menos
Encontra o triste o que é dado a todos
Uma oração!

Os canticos das aves que festejam
As brisas da manhã, folgando alegres
E descuidosas;
Avivam-lhe as saudades do passado,
Dessas horas de amor que já não voltam
Tão venturosas.

Na mente e coração renega o triste
As bellesas do ceu, da terra as scenas
Que mais amou :
Só da amiga fiel que inda lhe resta,
Da pobre lyra que lhe intende as magoas,
Não renegou !

Nos alcantis das serras escabrosas
Onde os homens não vão, irei sósinho
A meditar ;
Desses olhos gentis que me enfeitiçam,
Nas solidões das rochas talvez possam
Não me lembrar.

Nessa lyra d'amor, na lyra antiga,
Novos cantos virão fartar-lhe a sède
Do sentimento :
Que as mil recordações do meu passado,
Não virão a tolher-me com vaidades
O pensamento.

Serei todo de Deus; serei da patria
Nas cem mil tradicções que nos revella
Do seu passado.
Serão della, e só della os pobres cantos,
Nascidos deste peito onde as tristezas
Só tem morado.

Então por Ella, pela patria amada,
As meiguices d'amor que já vão longe
Esquecerei:
Nem olhos — nem sorrir — nem meigas fallas,
Na minha antiga lyra dos amores
Mais cantarei.

Qual fantasma nocturno involto em trevas,
De pesadas visões acompanhado
Irei no mundo.
Como quem tem no peito a devorar-lh'o,
Sem confôrto, sem paz, sem alegria,
Um mal profundo.

Que vida! se é viver passar os dias,
Em derramados prantos que se fundem
No pó do nada:
Que vida! se é viver passar as noites,
A revolver-se em dôr que a noite aspira
Só, e calada!

Desses montes d'alem o sol nascendo,
Vem nos campos do céu verter risonho
Mil alegrias;
Mas na mente incendida do poeta,
Onde impera a tristesa a custo affoga
As agonias.

LAMENTOS.

> Le chant naturel de l'homme est triste,
> lors même qu'il exprime le bonheur.
>
> CHATEAUBRIAND.

De que me serve o ter lyra
Onde os ais possa moldar;
Senão ha ninguem que queira
Os meus cantos escutar;
Se os pobres sons vão sumir-se,
Perder-se todos no ar?

Negou-me Deus neste mundo
Ter um outro coração,
Onde tivessem um ecco
Os cantos da solidão,
Que nos sêrros da montanha
Partir-se quebrar-se vão.

Intristeço-me se vejo
Da manhã puro arrebol;
Intristeço-me se ao longe
Nas ondas se morre o sol;
Intristeço-me se escuto
O trinar do rouxinol.

Affeito só ás tristesas,
Só ellas me quadram bem;
Amo ver as densas nuvens
Se negras pejadas vem;
Amo nos sêrros sósinho
Vaguear sem mais ninguem.

Se no prado a borboleta
Pousa n'uma e n'outra flôr,
Tenho vontade de vêl-a
Perder-se naquelle ardor;
Como se perdem no mundo
As crenças d'um puro amor.

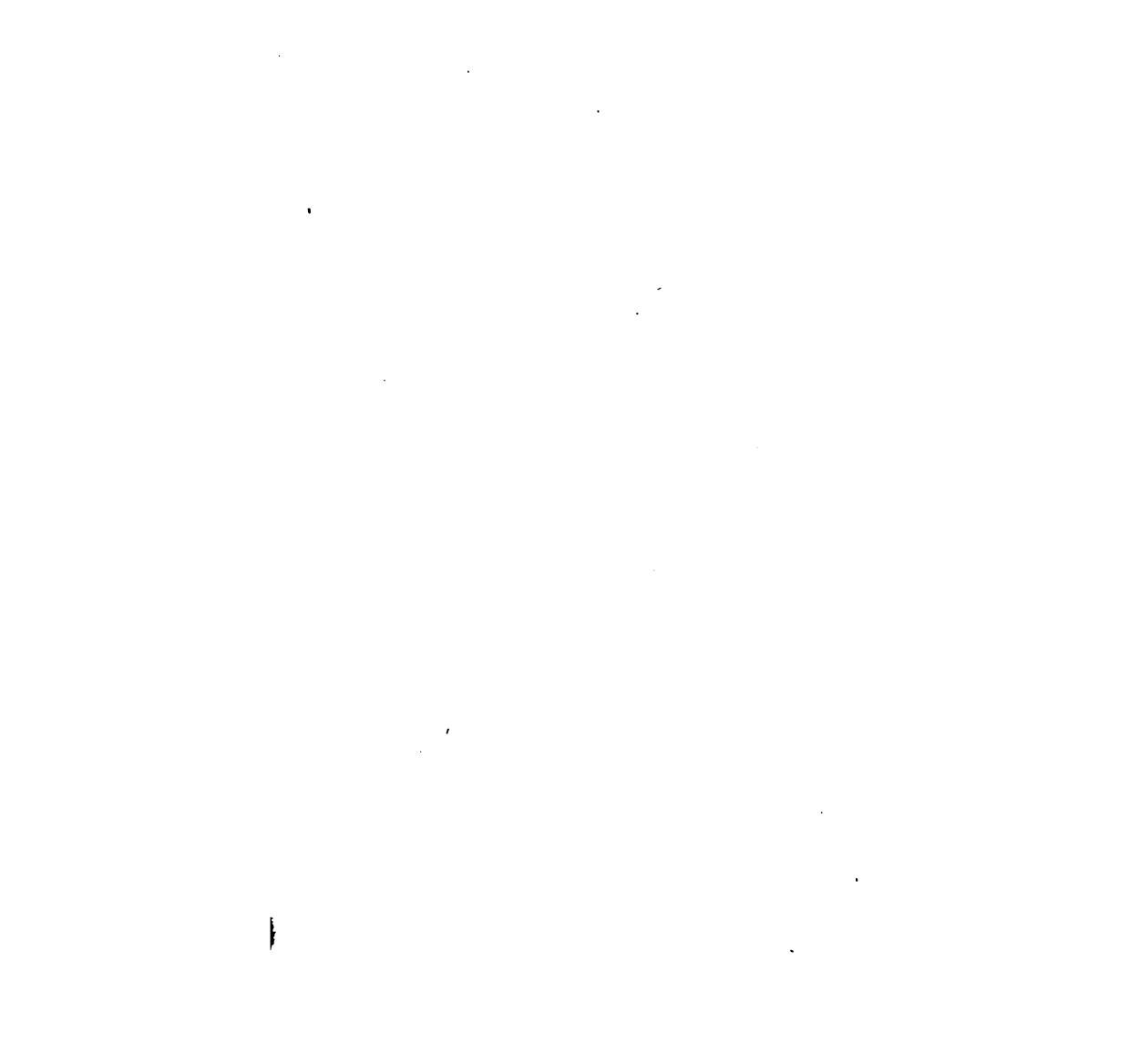
Se vejo a lua vaidosa
A namorar-se no mar,
Tenho ciumes de vêl-a
Naquelle brilho sem par,
Que tudo que é bom promette,
Que a tudo vem a faltar!

É como uns olhos formosos
Sempre a dizerem que sim;
Sempre a fingirem ternuras
Que dizem que não tem fim;
Para enganarem a todos
Como enganaram a mim!

Ás formosuras da terra
A todas neguei a fé;
Das crenças que outr'ora tive
Nenhuma ficou de pé;
Morreram todas no peito,
Que o peito dellas não é.

Só nas tristezas encontro
Os eccos de tanto mal;
Só no bramido das ondas
Um confidente leal;
Só nos ermos e penhascos
Uma ventura real.

Na lyra que foi d'amores
Que tristes as cordas são!
Sempre a carpirem seus males,
Sempre a dizerem 'paixão'
Sempre a contarem a todos
Segredos do coração.

Mas que importa, não tem eccos
A lyra que me seduz;
Nem a bonança da terra
Para a triste lhe reluz.
Neste mundo só me resta
Morrer abraçado á Cruz!

ILLUSÕES.

> Mais déja ma lèvre altérée
> A bu le vinaigre et le fiel;
> La lumière s'est retirée
> Quand mes yeux ont cherché le ciel.
>
> AMABLE TASTU.

Dizem que ha amor discreto,
Eu digo que não ha não:
Nunca vi quem mais fallasse
Do que falla o coração.

Dizer-lhe que não revelle
Segredos d'uma paixão,
É como dizer á rosa
Que resista ao furacão.

Quem tem amor tem cuidados,
Quem os tem perde a rasão;
Quem a perde não se soffre,
Deixa de ser cortesão.

Quem tem amor não se cala,
Traz o peito n'um vulcão;
Por debaixo lá das cinzas
As chammas bem rubras são.

Inda quando os labios calem
Segredos do coração;
Os olhos são chocalheiros
Se os olhos não fallarão!

Ha quem diga que é mentira
Ter amor sem descripção:
Quem tal diz está bem longe
De saber o que é paixão.

Quem na tem de que lhe serve
De appelar para a rasão;
Se em tudo o que faz e pensa.
Pensa e faz uma traição.

Dizem que ha amor discreto,
Eu digo que não ha não:
Nunca vi quem mais fallasse
Do que falla o coração!

O SUICIDIO.

> Où vas-tu ! — Je vais sans folie
> Me débarrasser de la vie.
> Comme on fait d'un mauvais manteau.
>
> A. Barbier.

Onde vás com passo incerto,
Onde vás mancebo — diz?
Este mundo é um deserto
Para quem vive infeliz.
Vou em socego, em juizo
Affrontar um prejuiso
Dar a vida a quem m'a deu;
Avanço firme, seguro,
Em procura de um futuro
Que só gosa quem morreu.

Vou-me em procura da morte
Como em procura de um bem;
Pesou-me, venceu-me a sorte,
Não me lamente ninguem.
Despreso prantos fingidos;
Conselhos que são mentidos
Já me não fazem mudar:
Vou-me firme e resoluto
Despir idéas de lucto;
Vou esta vida acabar.

Que me importa a mim do mundo
Onde traído vivi?
Onde sempre um mal profundo
Eterno constante vi!
Embora o mundo maldoso
Me chame a mim criminoso,
Não lhe passa a voz de um som;
Nem dos homens a maldade,
Affastou a piedade
Da campa de Chatterton!

Chamae-lhe embora covarde,
Vinde-lhe as cinzas cuspir;
Quem da traição faz alarde,
Póde um morto vir ferir.
Póde nas trevas da noite
Ser o flagello, o açoite
De quem a vida soffreu:
Póde-lhe ir com mão vendida,
Lavrar sentença da vida
Do homem que não torceu.

Onde vou? Vou-me ao convite,
Onde os convivas que estão,
Me recebem lá por quite
De venal terrea paixão.
Onde vou? vou-me sem medo
A despedir-me em segredo
Do brilho que a lua tem:
Vou banhar-me em melodias
Escutar as harmonias,
Que á noite nas brisas vem.

E depois, pobre captivo,
Hei de á morte caminhar;
Mas soberbo, mas altivo,
Sem tremer nem vacillar.
Que me importa a mim a vida,
Prancha das aguas batida
Brinco eterno do tufão?
De nada; que nem distante
Alveja p'r'o navegante
O porto da salvação!

⁂

Antes morrer que aviltado
Mendigar da terra o pão;
De porta em porta esmolado,
Cedido sem coração.
Os ricos dizem 'trabalha';
Mas esquecem a mortalha
Que involveu Tasso e Camões;
Por si medindo a pobresa,
Acham opprobrio e vilesa
Em quem não conta brasões.

De um mundo que assim é feito
Que saudades póde ter?
Onde a pobresa é defeito,
Quem sentirá de morrer!
Cahos informe profundo,
É isto que chama mundo
Quem logra de rico o dom;
Inferno do pensamento,
Chamou-lhe no seu tormento
O pobre do Chatterton!

Maldizendo o Ser Eterno,
Que taes torpesas não quer;
Chamou-lhe tambem inferno
O desditoso Gilbert!
Por baixo do roto manto,
Entôa a pobresa um canto
De desalento e terror;
Renega o Deus da verdade;
E folgando em impiedade
Maldiz a crença e o amor.

Infame o pobre que beija
A mão torpe do senhor;
Infame quem se não pèja
De lhe faltar o valor!
Que me resta? tens a morte,
Que é preferivel á sorte
Desse continuo esmolar;
De esmolar esses Lucullos,
Homens banaes, entes nullos,
Que riem do teu penar!

Onde vou? Vou-me contente,
Para o banquete eternal;
Onde não oiça quem mente,
Onde não veja o venal.
Vou-me firme, sobranceiro,
Como um velho marinheiro
Sorrir ás ondas do mar;
Como um monge penitente,
Ajoelhar reverente
Ante o Christo do altar.

Avante, redobra o passo,
Galga o caminho sem vêr;
Que não é longe o espaço
Que vae da vida ao morrer.
Avante, mancebo, avante,
Que já não fica distante
O termo da tua cruz;
Se o destino assim te emprasa,
Desce em paz á campa rasa
Que nas trevas te reluz.

*

A quem disser 'covardia'
Apontae-lhe p'ra Catão,
Alma que nunca tremia,
Romano no coração.
Ao vêr em Roma extinguir-se
A liberdade; sumir-se
Do povo a crença leal;
Só acha seguro abrigo,
Constante fiel amigo
Na ponta do seu punhal!

Onde vou? Que vos responda
Do despreso agro sorrir:
Orgulhoso espero a onda
Que em breve me ha de affundir.
Onda de sangue que sabe
Lavar a affronta, que cabe
A quem os seus despresar:
Onda de sangue que um dia
Ha de remir da agonia
Quem vive de mendigar!

EXAME DE CONSCIENCIA.

Arrète, audacieuse, arrète !
E. TURQUETY.

I.

No tempo dos trovadores,
Dizeis vós que havia amores
Sem terem fim.
Mas agora por desgraça,
Por muito que a dama faça
Não é assim.

Dizeis que é de cavalheiro,
Como bom leal guerreiro
Viver d'amor;
Que assim eram os mil cantos,
Que nasciam entre prantos
Do trovador.

Tambem creis que é falsidade,
Cantar mais d'uma beldade
Com devoção:
Que entre duas é mentira,
Ambas ellas terem lyra
E coração.

Que o cantar diversas côres,
Escolher diversas flôres,
Não é leal;
Que dizer que os olhos puros,
Sejam sómente os escuros
Que não são tal.

Dizeis vós que o sentimento,
Quando nasce violento
Que dá pesar;
De certo nos tolhe a mente,
Nos não deixa livremente
Carpir, trovar.

Dizeis mais que hoje os poetas
Se riem d'antigas settas,
Que não tem fé;
Que nem mesmo a da bellesa,
N'este tempo d'incertesa
Ficou de pé.

Que dura curto momento,
Do poeta o juramento
De ser fiel.
Que uma dama receiosa,
N'uma trova caprichosa
É ser cruel.

Que temos obrar diverso,
Do que dizemos em verso
Só por dizer!
Que nenhum de nós cantores,
Pela fé dos seus amores
Sabe morrer.

II.

Senhora, se os trovadores
Davam d'antes mil penhores
De devoção:
É que as trovas que cantavam,
As damas lh'as escutavam
Do coração.

Accusaes, sem terdes provas,
De mentirosas as trovas
Que eu vos cantei:
Se não são hoje as primeiras,
Mal de mim são verdadeiras
As que trovei.

Já que fui tão indiscreto,
Tenho sim mais d'um affecto
    Vivo sem paz.
De traír a fé jurada,
Sem vós a terdes quebrada,
    Sou incapaz.

Se diversas côres eu canto,
É porque aos olhos o pranto
    Vedou-me a luz:
Sei que a vossa é côr divina,
Ai pobre! foi minha sina
    Não vêr a cruz!

Accusaes o sentimento,
D'espressar nosso tormento
    Em trovas mil!
Em vez de chorar — carpir-nos,
O cantar por distraír-nos
    É mais gentil.

Não negueis á formosura,
Dos poetas a ternura
    Que é sem rasão;
Sois rivaes da naturesa;
Só dimana da grandesa
    A inspiração!

Não mente quem amor jura,
Bem sabeis como o meu dura
    Sempre fiel;
E dura sem ter esp'rança!
Mas ainda se abalança
    Pobre baixel!

No tempo dos trovadores,
As damas tinham amores
    Leaes — sem fim.
Mas agora por desgraça,
Por mais que o poeta faça
    Não é assim!

SIM? — NÃO!

Oh! n'achève pas car j'aime le vague.

ANONYME.

Elysa, escuta um momento,
Attende-me esta paixão:
Meia alegre, meia triste,
Ouvi-lhe murmurar — Não!

Nem ao menos tens piedade,
Nem sequer tens dó de mim!
Oh! falla que me dás morte,
Falla já, dize-me — Sim?

Olha que a vida que levo
É por tua devoção:
E se fosse amar-me-feis?
Sorrindo respondeu — Não!

Elysa, por tua causa
Passo triste a vida assim;
Não m'escutas? oh! responde
Nunca mais t'ouvirei — Sim?

A minha lyra é só tua,
É só teu meu coração;
Nem assim tens dó dos tristes?
Chorando me disse — Não!

Ai choras! agora vejo
Qu'inda tens pena de mim!
Com as lagrimas nos olhos
Dar-me-has agora o — Sim?

Não responde, mas par'ceu-me
Que lh'ouvia o coração,
Procurando, mas debalde,
Repetir-me outra vez — Não!

PORTUGAL.

> Di sua mano nel libro dé fati
> Ei segnava la pace e la guerra ;
> Qué tiranni che opprimon la terra
> Stavan tutti tremante al sue piè.
>
> G. ROSSETTI.

Houve um reino que ao mundo absorto,
Deu outr'ora costumes e leis.
Esse reino, coitado, está morto ;
Mais com vida talvez não vereis.

Era grande — pod'roso — gigante ;
Hoje pobre mendiga a pedir.
Dae-lhe a esmola de um braço possante
Talvez possa da campa surgir !

Esse reino que as ondas domava,
Que entre todos se erguia senhor;
Esse reino que altivo encarava
Das procellas do mar o fragor;
  Jaz por terra gigante abatido
De seus filhos a sorte a carpir.
  Dae-lhe a esmola de um peito sentido
Talvez possa da campa surgir!

Esse reino que em praias distantes
O estandarte da Cruz arvorou;
Que depois nessas luctas gigantes,
Nunca o rosto nas luctas voltou;
  Ei-lo pobre; tão pobre, que o mundo
Nem se lembra do seu existir.
  Dae-lhe a esmola de um brado profundo!
Talvez possa da campa surgir!

Esse reino que teve subidos,
Tão lustrosos e eternos padrões;
Qu'inda falla nos cantos sentidos
Do seu vate — do grande Camões;

Hoje fraco, sem vida, sem brilho,
Nem se lembra sequer do porvir.
Dae-lhe a esmola que deve um bom filho
Talvez possa da campa surgir!

Aqui foi Capitolio das artes,
Das conquistas a séde tambem:
Este reino dos mil estandartes
Hoje pobre não lembra a ninguem.
Nem um braço dos seus já lhe vale!
É profundo o seu largo dormir;
Dae-lhe a esmola que ao povo só cabe
Talvez possa da campa surgir!

Minha patria quem sabe se ainda
A ser grande outra vez voltarás!
A memoria de um povo não finda,
Os teus filhos ainda acharás.
Alva estrella que ao longe desponta,
Ha de em terras da patria luzir.
Dae-lhe a esmola que a lave da affronta
Talvez possa da campa surgir!

Talvez possa da lousa quebrada,
Despertando bradar — aqui estou!
Ao convite dos povos chamada,
Oh! mal haja a nação que faltou!
  Hasteada tremúla a bandeira
Que ha de os povos do mundo remir;
  Dae-lhe a esmola de entrar na fileira
Talvez possa da campa surgir!

Emprasados os povos da terra,
Ao convite nenhum faltará;
Voltaremos c'roados da guerra
Que bem perto de nós soará.
  Oh! desperta Nação abatida!
Vem o brado dos povos ouvir.
  Dae-lhe a esmola de um sôpro de vida
Talvez possa da campa surgir!

BÔAS-NOVAS.

> Adieu les voix de notre enfance.
> Adieu l'ombre de nos beaux jours
> La vie est un morne silence
> Où le cœur appelle toujours !
>
> LAMARTINE.

Borboleta toda branca
Que vens junto a mim poisar,
Doidinha que tens por fado
Andar sempre a doidejar ;
Vens hoje brincar comigo,
Bôas-novas me vens dar ?

Borboleta não te enganes
N'essa tua devoção,
Bôas-novas que me trazes
Para mim talvez não são;
Que eu nunca tive venturas
Em coisas do coração.

Que eu nunca tive na terra
Quem me desse o seu amor.
Quem sentisse bem os cantos
Do mancebo trovador;
Quem me limpasse do rosto
Os prantos que gera a dôr.

Que eu nunca tive na terra
Quem me dissesse — folgae;
Quem apertando-me ao peito
Só por mim soltasse um ai;
Quem me dissesse com mimo
Deixae o pranto — trovae.

Que eu nunca alcancei uns olhos
Que chorassem só por mim,
Quem sem eu lh'o ter pedido
Me dessem um brando sim;
Que fossem meus esses olhos
Que eu sonhei, d'um seraphim!

Que eu nunca tive na terra
Um peito meu e só meu;
Todo meiguice e ternura,
Como a fonte em que nasceu;
Todo fogo e sentimento
Como a lyra em que morreu.

Que eu nunca encontrei um anjo
Como por vezes sonhei,
Que a gente pintar não sabe,
Ou por menos eu não sei:...
Que m'inspirasse nas trovas,
Que me firmasse na lei.

Borboleta toda branca
Linda rival da cecem;
Côr do véu de desposada
Que a virgem no rosto tem;
Bôas-novas não as creio,
Não m'as póde dar ninguem.

Que é meu fado e minha sina,
O não ter uma canção,
Aonde brilhasse accêsa
D'uns olhos a inspiração;
Aonde em vez dos sentidos
Me fallasse o coração.

Borboleta innocentinha
Que vieste sem pensar,
Julgando que bôas-novas
Me vinhas ao peito dar;
Melhor fôra não viesses
Junto a mim leda poisar.

Que no peito me dormiam
As lembranças do meu mal;
Que na mente me sorria
Um arrobo divinal,
Que tu vieste, coitada!
Sepultar n'um vendaval.

Borboleta toda branca
Que vens junto a mim poisar,
Não creias que bôas-novas
Me possas ao peito dar:
Que eu bem sei que a minha sina
Se não póde já mudar!

ELLA.

> Por te amar perdi a Deus.
> Por teu amor me perdi:
> Agora vejo-me só,
> Sem Deus, sem amor, sem ti.
>
> TROVA POPULAR.

Amei-te! tu bem n'o sabes;
Bem sabes se t'eu amei!
D'esse amor por ti quebrado;
D'esse amor nem eu já sei!

Vendido por ti o pobre,
Bem viste se m'eu queixei;
Palavras leva-as o vento,
Nem uma palavra dei.

Disse só comigo mesmo ·
‘ Escravo da sua lei,
P’ra poder cumpril-a á risca
Seus olhos esquecerei. ’

Se via cerrada a noite,
Hoje a noite não verei;
Escura como os seus olhos,
Dos olhos me lembrarei.

Se via as rosas no prado,
As rosas não mirarei;
Seus labios da côr da rosa
Nas rosas recordarei.

Se no monte via as fayas,
Das fayas eu fugirei;
Como ella quebradiças,
Meus protestos quebrarei.

Nos jasmins que são tão lindos,
Nunca mais eu tocarei;
Simelham as faces d’Ella,
As faces lh’olvidarei,

Sósinho por esse mundo,
Nunca mais d'Ella serei;
Nem á noite, nem ás rosas,
Nem ás bellas me darei.

Que as rosas tem seus caprichos
Qu'eu aqui lhes não direi.
A noite tem mil segredos,
Segredos que eu já amei!

Perdi-me por causa d'Ella,
Perdi-me qu'eu bem n'o sei;
Que nem Deus, nem as estrellas,
Nem as rosas mais verei!

Saudades, todo saudades
Eis-ahi o que serei!
Que de saudades ralado,
Sabe Deus se morrerei!

O CYPRESTE.

> Tu espiritu infinito revelaba ante mis ojos,
> Y aunque mi vista impura tu aparicion no vé;
> Mi alma se estremece, y ante tu faz de hinojos
> Te adora en esas nubes mi solitaria fé.
>
> ZORRILLA.

Negro cypreste socio dos sepulchros,
P'ra que ostentas teus ramos enluctados,
Teu pont'agudo cimo funerario
Na extrema jazida dos finados?

Para que de soberbas te ergues rico
No pobre chão só rico de tristesas;
Onde a viuva, a mãe, o terno amigo
Da morte vem chorar cruas feresas?

Abate orgulho vão rei dos sepulchros,
Affasta tuas ramas agoireiras!
Não queiras perturbar a paz dos vivos,
Roubar-lhe d'alma idéas feiticeiras.

Mas que digo? És tu negro cypreste,
Que dás sombra fiel á formosura:
Que d'Elysa gentil a campa guardas,
Que lhe velas cioso a sepultura.

Vivei gigante presumpçoso e triste;
E se da campa despertar a bella,
Dizei-lhe que o seu vate, o seu amante,
Saudoso suspirou... gemeu por Ella!

AS ONDAS.

> Sooner shall this ocean melt to air,
> Sooner shall earth resolve itself to sea,
> Than I resign this image, oh! my fair!
>
> LORD BYRON.

Como os meus desejos
  As ondas ai são;
Se d'encontro ás rochas
  A partir-se vão.
Refervem as ondas
  Em negro cachão,
Como os mil desejos
  Do meu coração.

Ao menos as ondas
   Inganos não tem;
Se contra os rochedos
   A partir-se vem.
Que as rochas a prumo
   Nas praias d'além,
Meiguices não fingem
   Qu'inganem ninguem.

Elysa, nos olhos
   Que fallam d'amor;
As ondas do peito
   Repelle sem dôr.
Seus olhos são rochas
   De rijo lavor,
Onde vão quebrar-se
   Meus hymnos d'amor.

Ao menos, vós ondas,
   Nas rochas quebraes;
Que as rochas não ouvem
   Das ondas os ais;

Nem vós por lá tristes
   Como suspiraes;
Por olhos que incantam
   Mas são desleaes.

São negras as rochas
   Erguidas no mar;
Nem ellas entendem
   O teu suspirar;
Nem ellas convidam
   As ondas a amar,
Nem podem ouvir-te
   No teu murmurar.

Mas olhos que entendem
   Humilde pedir,
Não devem calados
   Meus prantos ouvir;
Que então são mais rochas
   Que a rocha a luzir,
Nas trevas da noite
   Do mar ao bramir.

As ondas, nas rochas,
  Lá vão fenecer,
Fingindo rigores,
  Rigores sem ter.
Mas eu nem ao menos
  Me é dado o morrer;
Por Deus fui fadado
  D'inganos viver!

Seus olhos são negros,
  D'um negro sem par.
São como os rochedos
  Erguidos no mar,
Por noites escuras
  Sempre a negrejar.
Assïm os seus olhos
  Soubessem amar!

MALMEQUER.

> L'oracle qui s'effeuille
> Revèle son destin.
>
> Dubos.

Malmequer: que triste sorte,
Mal acceito á formosura!
Consultei, folha por folha,
Pobre flôr da desventura;
Não me quer pouco nem muito,
Para mim foi-se a ventura!

Arranquei primeira folha
Vinha alegre e desdenhosa;
Não te cances em consultas,
Que a tua dama formosa,
Inda tem n'alma esse 'muito'
Que te dá vida gostosa.

Consultei segunda folha
Vinha triste e esmorecida;
Mensageira de más novas
Traz do rosto a côr perdida:
Quer-te pouco a tua dama,
E caíu no chão fendida.

Terceira pallida folha,
Foi com susto consultada;
De minhas iras temendo
Hesitou, ficou calada;
A mudez fallou de sobra;
Percebi-lhe um triste 'nada.'

Consultei outra vez inda
A florinha dos amantes;
E sempre de mau agoiro
Suas folhas inconstantes:
Desfolhou-se o malmequer
Em breves curtos instantes.

*

A que falla é sempre a folha
Que no fim foi arrancada ·
Essa folha, por desgraça,
Foi um triste e pobre — nada!

A LIBERDADE.

Had we never loved so kindly,
Had we never loved so blindly,
Never met or never parted,
We had ne'er been broken-hearted.

BURNS.

Cá na terra a liberdade
É como o barco no mar;
É como esquiva donzella
Que se não deixa tentar:
É como estrella que fulge,
Para depois nos deixar;
É nas procellas da vida
A nossa estrella polar.

Cá na terra, a liberdade,
Ninguem présa mais do qu'eu.
É-me nos sonhos doirados
Imagem casta do céu.
É virgem pura, singela,
Que a luz do mundo accendeu :
É-me nos cantos sentidos
O condão que Deus me deu.

Liberdade ! mago nome
Que nas trevas me reluz !
Para mim és patria e vida,
És farol d'extrema luz ;
És sonho que a gente sonha ;
És amor que nos seduz ;
És idéa que não morre
Em quanto durar a cruz !

Liberdade ! és o meu numo
Até em coisas de amor :
És o modelo que estuda
O mancebo trovador.

És modesta como as virgens
Do Sinay e do Thabor:
És grande como a procella
Surgindo á voz do Senhor.

Liberdade! foste a deusa
Dos captivos de Sião:
Fôste quem prestaste alentos
Ao moribundo Catão:
É por ti que nós poetas
Hoje luctâmos em vão;
Por ti, formosa deidade,
Deusa do meu coração.

Como poeta sou livre,
Como poeta sou rei.
Não conheço cá no mundo
Quem me possa dar a lei.
Tudo o que é nobre respeito,
Tudo o que é grande cantei;
Nobresa que nasce d'alma,
Grandesa como a sonhei.

Liberdade! és como a vara
Do prophetico Moysés;
Onde chegas illuminas,
Rainha logo alli és.
Mas inda no mundo ha cegos
Que negam caír-te aos pés;
Que dizem que és deusa falsa
Como tu virgem não és.

. .

Eu por mim, ó liberdade,
Sou poeta que mais não,
Das minhas trovas singelas
És singela inspiração.
Nasci do povo. Renego
Finuras de cortesão;
Ergo a fronte, e não me curvo
Como se curva o vilão.

Como poeta na terra
Eu para cantar nasci.
Para dizer nos meus cantos
O que de nobre senti;

O que na mente de chammas
Por largo tempo nutri :
Por amor — como Petrarcha ;
Por meu Deus — como Daví.

E mais na lyra não quero
Outros affectos cantar ;
Que póde o mundo accusar-me
Da minha lyra manchar ;
Que póde alguem por despreso
Ir-me na conta contar,
Dos que á sombra de poetas
Só vivem para adular !

Poesia e liberdade,
São irmãs e são rivaes ;
O condão da singelesa
Orna-lhe as frontes reaes ;
Por onde passam as duas
Deixam os mesmos signaes ;
Erguem aos céus a virtude,
Prostram por terra os venaes

Fadado por Deus poeta
Hei de cumprir a missão.
Purifiquei-me nas aguas
Deste moderno Jordão:
Sou livre. Não curvo o collo
Ante um fingido brazão,
Só digo o que tenho dentro
Bem dentro do coração.

Para mim a liberdade
É como a antiga vestal;
Em sonhos a vejo sempre
Com seu mimoso sendal,
Accendendo-me este fogo
Com sorriso divinal;
Fazendo de mim poeta
Da naturesa rival!

Da naturesa. Que as aves
São livres a mais não ser.
Que as ondas tambem vão livres
Nas praias d'além morrer.

Que as flôres andam á sôlta
Sem ninguem as ir prender.
Da naturesa. Que as nuvens
São livres no seu correr!

Só p'ra nós a liberdade
Não é mais que um pobre som;
Para os que as leis precisam
De Lycurgo e de Solon;
Que s'esquecem por mesquinhos
Daquelle sagrado dom;
Que vão lavar-se de sangue
Nas aguas do Rubicon!

Hei de amar-te, ó liberdade,
Como não te amou ninguem.
Hei de amar-te como a esposa
Ama o filhinho que tem.
Hei de amar-te como o Christo
Na terra amou sua mãe:
Como o christão ama as coisas
Da santa Jerusalem.

Serás sempre nos meus cantos
A primeira inspiração.
No amor e na amisade,
Nas horas da solidão:
Ouvirei os teus conselhos,
Seguirei tua isenção:
Serão meus, teus dons divinos,
Será teu meu coração!

A PROMESSA DO BARQUEIRO.

In te, Domine, speravi; non confundar in æternum.

PSALMO DE DAVID.

I.

Pelas aguas azuladas
　　Socegadas,
Correi barca aventureira
　　Bem ligeira,
Que as ondas serenas vão:
　　Boa feição
Mostra o vento socegado;
　　Vae pausado

Leve barco não medroso
Do iroso
Furacão, que longe anda
Em demanda
De outros nautas foragidos,
Que atrevidos
Sulcam ondas do mar alto;
Sobresalto
Da tormenta que tristonha
Vem medonha
Assaltar o mareante,
Navegante
De outro mar onde a procella
Quebra a vela
Da falua destemida,
Que fendida
Veloz corre á perdição.
A salvação
Anda longe das profundas
Iracundas
Do mar alto bravas ondas,
Que hediondas
O baixel levam ao fundo
No profundo

Vasto pelago, sanhudo;
    Triste e mudo;
Onde só ha perdição,
    Sem salvação.

II.

Pelas aguas azuladas
Correi barca aventureira;
Essas ondas vão bem quedas
Não ha susto na carreira:
Pelas aguas azuladas
Correi barca aventureira.

Vela por nós carinhosa
A Senhora da Bonança:
Haja no pulso firmesa,
E no peito haja esperança,
Que por nós vela cuidosa
A Senhora da Bonança.

III.

A dizer estas palavras
    O barqueiro;
E a tornar-se o céu escuro,
    De lindo e puro

Que era d'antes do perdido
Tão subido
Mavioso encantamento:
Manso vento
Que sorria ao navegante,
Vem possante
Do baixel bater na prôa:
Rijo sôa
O trovão que já vem perto;
Jaz incerto
Em negros rolos de fumo,
O pobre baixel sem rumo.

IV.

'Valha-me aqui n'este aperto,
N'este mal sem esperança,
A protectora dos nautas
A Senhora da Bonança.'

Amainou-se o rijo vento,
Tornou-se manso de agreste;
Que a Senhora lhe apparecia
Com seu manto azul celeste.

'Valha-me aqui n'este aperto,
N'este mal sem esperança,
A protectora dos nautas
A Senhora da Bonança.'

Foi-se de todo a procella!
Lindo céu! Faz gosto vê-lo!
Que a Senhora da Bonança
Lh'imprimiu da paz o sello.

V.

Prometto agora á Senhora,
Protectora
Do meu barco, a vela grande
P'ra que mande
Sempre paz, sempre bonança
Que abalança
Pobre nauta a ir sem medo
Do penedo,
Que se eleva presumpçoso
E alteroso.
Faço jura de pregar
No seu altar

Roto leme, que por Ella
Da procella
Me livrou, por compaixão
Da sua mão.

VI.

Eram passados dois mezês
Que a Senhora da Bonança
Soccorrêra o naufragante
Sem já restos d'esperança;

Quando sancta procissão
A vela grande levava,
A depòr no altarzinho
Onde a Virgem se adorava.

Um roto leme fendido
Aos pés da Virgem pendente,
Aos devotos da Senhora
Lembra o voto penitente.

Cumprida fica a promessa,
Ganho fica outro trophéu;
Que não ha maior poder
Que o poder que vem do céu.

O destemido barqueiro
Póde de novo soltar
Seu canto de confiança
Nas aguas azues do mar.

*

'Haja no pulso firmeza,
E no peito haja esperança,
Que por nós vela cuidosa
A Senhora da Bonança.'

O SEBASTIANISTA.

> Tal es la tradicion: asi la cuenta
> El pueblo por do quier, y asi la escribo;
> Si como está.
>
> ZORRILLA

Que lindas barbas nevadas
Aquelle velho não tem!
Foram nascidas, creadas,
Como não pensa ninguem!
Cortá-las! não corta o velho
São-lhe as barbas um espelho
Da sua crença leal:
Dias e noites á barra,
Consulta no seu Bandarra
A sorte de Portugal!

Consulta! tem fé naquillo,
Poz no livro o coração;
Interpreta-lhe o sigillo,
Lê n'elle — Sebastião!
Conhece, soletra o dia
Em que a velha monarchia
Do sepulchro surgirá.
É propheta! até nos marca
As horas a que o monarcha
D'além mundo voltará!

:>-<:

D'alem-mundo! da batalha
Por milagre s'escapou.
Renegando da mortalha,
Da c'rôa não renegou!
Ha de vir. Nas prophecias
Dos modernos Isaías,
Ha uma que diz assim ·
' Se conservarem afinco,
No anno d'um tres e um cinco,
Espere o povo por mim. '

'Quem se atreve a ler as sinas
D'este meu condão real.
Soletre nas cinco quinas
Os fados de Portugal.
Traduzidas, combinadas,
Trazem as eras marcadas,
As eras da redempção;
Não n'as leiam os profanos
Qu'inda tem de passar annos
Antes d'esta traducção!

'Portugal nunca vencido,
Antes sempre vencedor;
Pelo meu braço remido
Cobrará novo vigor.
Mais verá, quem tiver vista,
Seguirem do rei a pista
Estranhos novos pendões:
Das terras d'além do Ganges,
Avançarem as phalanges
Dos portuguezes liões!'

Ai! quem me dera no peito
Ter a fé que muitos tem!
Ás prophecias affeito
Não n'as cedèra a ninguem!
Fôra-me o peito sacrario,
Onde como em relicario
Guardára fé ao meu rei:
Em propheta me elevára,
Como os mais interpretára
Altos segredos da lei!

Fôra-me á Ilha-encoberta,
Que muita gente já viu'
Deixára lá por offerta
O que o peito mais sentiu.
Aos que julgam o rei morto,
Dera-lhe novo conforto
Dizendo como o lá vi;
D'olhos pregados na barra,
Buscára no meu Bandarra,
A crença que já perdi.

'Montado no seu cavallo
N'um dia de cerração,
Quem quizer póde ir espera-lo,
El-rei Dom Sebastião.
N'esta terra que é tão minha,
Haverá então rainha
Governando Portugal.
Mas quer Deus que haja em Lisboa
Quem do reino se condôa,
Dando-me a voz de Real!

Se alguem duvida do dia
Aqui lhe ponho os signaes:
Como resa a prophecia,
Como ella resa não mais:
'Como sagrada vedeta,
Verás no céu um cometa
De grandesa colossal;
Verás tambem com espanto,
O corpo d'um grande santo
Em terras de Portugal?!

'Andarão todos em guerra
Por essas terras d'além;
Nem nas cabanas da serra
Vivirá em paz ninguem.
Por tres noites, e tres dias,
Haverão mil agonias
Que eu aqui lhes não direi:
Andará tudo de lucto,
Sem os campos darem fructo,
Sem ninguem seguir a lei!'

'As arv'res, pendendo curvas,
Seccarão pela raiz:
As fontes correrão turvas
Como o propheta nos diz.
Os peixes, fugindo á sorte,
Acharão a mesma morte
Nas turvas ondas do mar;
Nem o sol será brilhante,
Nem nos serros, mais distante,
Brilhará luz do luar!'

'Mas passados sete dias,
E sete noites tambem,
Lá dizem as prophecias
Não deve temer ninguem.
Não deve. Que do nascente,
Segundo crê muita gente,
Virá vindo a cerração:
E depois d'ella desfeita
Surgirá a velha seita
D'el-rei Dom Sebastião!'

E depois, por muitos annos,
Vivirá o bom do rei;
Ensinando a nós profanos
A crermos na sua lei.
Tudo então será festejo,
Parece que já o vejo
Moço ainda a governar;
Sem d'Alcacer ter saudade,
Nem mesmo sequer vontade
De novo por lá voltar.

Até lá tem muita gente
De espreitar a occasião,
Em que volte diligente
El-rei Dom Sebastião.
Os signaes já tem chegado,
Em que o moço Desejado
Cumpra a palavra real;
Em que se apresse de novo
A festejar o seu povo
Em terras de Portugal?

NÃO MORRI

AO MEU AMIGO E ANTIGO MESTRE
O SR. J. DA C. CASCAES.

> Lorsque l'ennui pénètre dans mon fort,
> Priez pour moi : je suis mort, je suis mort !
> Quand le plaisir à grands coups m'abreuvant
> Gaiment m'assiége et derrière et devant,
> Je suis vivant, bien vivant, très vivant !
>
> BÉRANGER.

Vivi outr'ora dos cantares sentidos
Que á patria dava, que eu cedia a amor ;
Os cantos de hoje de illusões despidos,
Do secco tronco não borbulham flôr !
A fé que eu tinha, que nascia d'alma,
Em pó desfeita pelo mundo eu vi :
Êrma — sósinha — do soffrer a palma,
Ao mundo attesta qu'inda não morri !

Cantei saudades, ensinando á musa
Como ellas nascem sem o peito o qu'rer;
Á mente em chammas, no gosar illusa,
Oppuz saudades de um melhor viver.
Hoje mendigo as affeições, que outr'ora
No peito virgem vigorar senti:
Hoje só tenho, demorado embora,
Sonho que attesta qu'inda não morri!

. . . .

É sonho immenso... que me diz que o morto,
Á voz do Christo surgirá de pé!
É sonho bello, que me traz conforto
Nas brancas azas com que adeja a fé.
Por elle eu vivo, rastejando ao longe
A ardente çarça que nas trevas vi;
Qual frouxa voz de penitente monge,
O canto attesta qu'inda não morri!

Por entre as sombras d'encantado brêjo
Tremúla incerta vacillante a luz.
Será d'esp'rança?... ou fugaz lampêjo
Que o viajante á perdição conduz?

Embora! embora! reviveu-me n'alma
Tudo o que outr'ora mais feliz senti:
Ardente fogo que ninguem acalma
Ao mundo attesta qu'inda não morri!

Brandas endeixas, suspirando amores,
Aos eccos tristes da soidão cantei;
Humilde ramo, de mesquinhas flôres,
De amor nas aras baloiçar deixei!
Depois a furto, mas com mão affeita
Do ramo as rosas com affan colhi.
Só restam goivos, que o tufão açoita,
Que ás musas lembram qu'inda não morri!

Depois, as luctas desta pobre terra,
Chorei em cantos de crescido amor:
Musa do povo, caminhando á guerra,
Ouviu-lhe os eccos, pranteou-lhe a dor!
Ao longe.... ao longe, no cerrar das fillas,
Os ais sentidos de quem morre ouvi;
Chorando as guerras destes novos Scylas,
Ao mundo attesto qu'inda não morri!

Vagar nos campos que a bonina enfeita;
Saudar a lua que se perde além;
Brincar co'a brisa, que o rosal engeita,
E beija tremula a candida cecem;
  São gosos loucos, que um sonhar adulto
Ao peito nega: mas que eu já senti!
  Ternas memorias, que em crescido vulto
Ao mundo attestam qu'inda não morri!

Por ellas vivo, recordando ancioso,
Os castos brincos de infantil sentir.
Por ellas cresço, se atrevido ouso
Pairar nos campos que eu já vi florir.
  Santas memorias, que adejas em volta
Ao berço pobre do cantor — surgi!
  Eccò sumido que o meu peito solta,
Ao mundo attesta qu'inda não morri!

Vivo — estou vivo — se é viver o élo,
Que o berço á campa n'um só nó prendeu;
Mudo fantasma sobre a campa velo,
De extinctas glorias que esta terra deu!

Vivo — estou vivo — que no peito affago
Fundas saudades do que já senti:
Sonhos mimosos d'esse tempo mago,
Ao mundo attestam qu'inda não morri!

Se as folhas verdes do chorão pendidas,
Lagrimas vertem quando o sol reluz:
É que lh'as trazem as canções sentidas
Que ao longe e triste o rouxinol traduz.
Assim minh'alma vae ao longe e pede,
Ao berço um ecco do que então senti:
Rica de sonhos que a ninguem já cede,
Ao mundo attesta qu'inda não morri!

Embora ruja a tempestade, e avulte
Co'as azas negras a crescer... pairar;
Já me não temo que o baixel sepulte
Nas iras brutas de sanhudo mar.
Não temo, oh! não! porque a esp'rança salva
Tudo em que outr'ora com mais fé eu cri.
Bemdita sejas... pura estrella d'alva,
Que ao mundo attestas qu'inda não morri!

MAZANIELLO.

Ma non basta a farmi invito
Ciel sereno e suol fiorito:
Ahi ti opprime, Italia mia,
Tirannia — la più crudel:
A che val, se vivi in duolo,
Verde suolo — azzurro ciel?

G. Rossetti.

I.

Ás armas napolitanos
Contra o vil jugo hispanhol;
Quem proteger os tyrannos
Mais não veja a luz do sol:
Ás armas napolitanos
Contra o vil jugo hispanhol!

‘ Derrubemos a nobresa
Reunida em Sedili.
Corrâmos lá com prestesa
Que morram todos alli ;
Mostrarei por esta empresa
Ter nascido em Amalfi.

‘ Adeus monte Pausilippo ;
Adeus Vesuvio titão :
Adeus Napoles que és typo
D'este ardente coração !
Como o Tibre participo
Das lavas do teu vulcão !

‘ Mollemente recostada
Dormes nas ondas do mar :
Pobre Napoles ! coitada !
Acorda do teu sonhar :
Acorda ! senão prostrada
Tens de por terra ficar !

'Mais me não chame Aniello,
Mais não seja eu pescador:
Mais este céu que é tão bello
Não amostre o seu fulgor,
Se eu vivo tornar a vê-lo
O duque d'Arcos, senhor.

'Dar-te-hei a liberdade
Minha Napoles gentil;
Minha formosa cidade
Affamada entre outras mil,
Terra de tanta saudade
Tão bella, tão senhoril!

'Ás armas napolitanos
Contra o vil jugo hispanhol;
Quem proteger os tyrannos
Mais não veja a luz do sol:
Ás armas napolitanos
Contra o vil jugo hispanhol.

II.

Era bello o ver o povo
A bradar em confusão;
Como o pélago revolto
A referver em cachão;
Allumiados á noite
Pelas lavas do vulcão!

‘Haja em Napoles justiça
Para todos seja a ley;
Governe Mazaniello
Saído da nossa grey;
Napolitanos, ás armas!
Matemos o vice-rei!’

Sobre o Tibre debruçado
O Pausilippo a chorar;
Antes quizera a Veneza
Suas sombras emprestar:
Que as aguas azues do Tibre,
Vão rubras queixar-se ao mar!

Mazaniello já cinge
Ao collo cordão ducal;
Já em Napoles aspira
Possuir poder real!
Em má hora tal lembrança
Havida para seu mal!

Antes nas ondas tranquillo
Sem ser mais que pescador:
Que no throno sem amigos
A finar-se alli de dôr;
Sem ao menos ter as ondas
Com quem fallasse d'amor.

'Ás armas napolitanos
Unidos todos a mi!'
Ai pobre já te não lembras
Do que ha pouco ainda te ouvi;
Gritavas por liberdade
Não nos fallavas de ti!

III.

Onde está Mazaniello,
Para onde se escapou?
Mais alto que então gritava
Nunca o povo alli gritou:
Ás janellas do palacio
O novo rei se amostrou!

*

Trinta ballas que zuniam
Mataram alli o rei.
Para que as rêdes deixaste,
Ai pobre de ti não sei!

*

Pelas ruas lhe arrastaram
A cabeça; em confusão
Praguejando contra o morto,
Com gritos de maldição;
Allumiados á noite
Pelas lavas do vulcão
Que mais rubras se tornaram
Desde aquella occasião!

O MEU ANJO.

Sur ma lyre, l'autre fois,
Dans un bois,
Ma main préludait à peine ;
Une colombe descend
En passant,
Blanche sur le luth d'ébène.

SAINTE-BEUVE.

O Anjo que me protege
Que lindas azas que tem !
São leves como as da pomba,
São brancas como a cecem ;
São ligeiras como os sonhos
Que á noite no berço vem.
Por mais que diga, não pinto
As lindas azas que tem !

Os olhos são todos pretos,
De um preto que não tem par;
Como as trevas de uma noite
Em que não brilha o luar.
Como os olhos que me dizem
Que tem as filhas de Agar;
  Que são pretos, mas d'um preto
Que dizem que não tem par!

Quando eu era inda creança,
Que de fé que eu tinha então!
Todas as noites resava
Como deve um bom christão;
Ao meu Anjo de joelhos
Off'recia uma oração.
  Era feliz n'esse tempo;
Que de fé que eu tinha então!

Fui crescendo na maldade...
Até em ser mau cresci!
Tantas resas que eu sabia
Pois de todas me esqueci:

Dos santos a quem resava,
Desses mesmos eu descri;
  Fui crescendo, e na maldade,
Até eu nessa cresci!

Desde então, por muito tempo
Nunca o Anjo me appar'ceu;
Que não mais voltasse á terra,
Como um impio julguei eu;
Mas Elle por mim velava,
De vista me não perdeu:
  Se bem que por muito tempo,
Nunca o Anjo me appar'ceu!

Mas agora é mais que um Anjo;
Não lhe conheço rival;
Tem o rosto mais perfeito,
Tem a fórma divinal;
Só não tem as niveas azas
Transparentes de cristal;
  Mas que importa, se o meu Anjo
Na terra não tem rival?!

É verdade que o meu Anjo
Formosas azas não tem;
Tão leves como as da pomba,
Tão brancas como a cecem;
Tão ligeiras como os sonhos
Que á noite no berço vem.
  Mas em troca de taes prendas,
Que lindos olhos não tem!!

O ARABE.

TRADUZIDO DO HISPANHOL.

> Ma dague d'un sang noir à mon côté ruisselle
> Et ma hache est pendue à l'arçon de ma selle.
>
> VICTOR-HUGO.

I.

Como é linda e formosa esta folhagem
Da palmeira deserta de El'-Keddi.
Quando o sol, penetrando-lhe a ramagem,
Vem ardendo em calor bater aqui !

O firmamento em purpura se inflamma,
Com os raios que arrastra o furacão :
Os areiaes refervem como a flamma,
Que vomita a cratéra de um vulcão.

Nas azas do Simoun veloz se arroja,
Remoinho de areia abrasador.
Das nuvens atravez, nas praias roja
O refulgente sol denso calor.

Nas areias que banham resoando
De carcomida sphynge o pedestal;
Um arabe corcel vae galopando,
Que donoso não é! Como é leal!

II.

Alça a fronte magestosa
Que de joias mil se arreia;
Deste deserto de areia
Olha bem a magestade!
Renova os brios perdidos
Accorda desse teu somno:
Respira como teu dono
No deserto a liberdade.

Um palacio, entre muralhas,
Não me off'rece independencia,
Eu prefiro á opulencia
Viver livre como aqui.

Era como quem trocasse
Pelo mar a fonte fria;
E os rosaes da Alexandria
Pelas palmas do Zeddi.

Não escuto aqui soprando
O manso correr da brisa:
Nem a fonte que deslisa
Por entre verdes ramaes.
Esbravejam sós os ventos
Por detraz daquelle monte,
Goso aqui de um horisonte
De topasios e coraes.

Detem-se o sol na carreira,
Só por vêr como navego,
Por este revôlto pego
No meu formoso alasão.
Correndo, nem mesmo apaga,
Vestigios de pé humano;
Eu aqui reino sob'rano,
Onde impéra o furacão!

Deus aos filhos lá da Europa,
Deu jardins e deu cidades;
E com danças e vaidades,
Escravisou-os alli.
Ao christão disse 'trabalha;'
Mas ao Arabe indolente,
Fel-o Deus independente,
Deu-me o deserto p'ra mi.

Quando a luz de nova aurora
O horisonte illumina,
Atravesso a carabina
Sobre o dorso do corcel:
E á sombra d'alguma sphyngc
Dos tumulos d'antigos reis,
Vou sob'rano dictar leis
Aos adeptos de Ismael!

Espaço sem fim, immenso,
Oh! que bellesa é a tua!
Se a triste pallida lua
Vem triste bater aqui!

Que me importa das cidades
Um sonho de vida, incerto?
Quero habitar no deserto;
Morrerei onde nasci.

Onde o peito de uma joven,
Ao nazareno arrancado,
Palpite terno ao meu lado
Sem terror, e sem desdem.
Minhas formosas escravas,
Com affagos e caricias,
Lhe dirão quaes as dilicias
Que se gosam n'um harem!

Sobre o camello indolente
Que vem ajoujado d'oiro,
Se aproxima o voraz moiro
No auge do seu furor.
Sobre colxas de damasco
Mollemente recostado,
O nazareno espantado
Sente vir o seu senhor!

A christã dos olhos negros
É prêsa deliciosa.
Parece, qual é formosa,
Do propheta bella huri !
Pois todas me foram dadas !
Brocados, chailes, e véus,
Allah ! me grita nos céus
Tudo, tudo é para ti !

III.

E n'um formoso céu d'immenso brilho,
Affogueadas nuvens passam sós:
E correndo, e correndo o mesmo trilho,
Lá ao longe inda avulta um albornoz !

E correndo, e correndo á redea sôlta,
Lhe pende o curvo alfange do arção ;
Já lá fica a seus pés prostrada, rota,
A lusidia espada do christão !

De ambição, e de amor a mente cheia,
Pelas filhas só vive de Ismael ;
E lá corre . . . encuberto pela areia
Que levanta o galope do corcel !

A CAMPONEZA.

Qu'elle est belle ! ah ! je vous écoute.
Ce n'est pas là perdre mon temps.

BÉRANGER.

— Anda comigo donzella
Para a cidade folgar.
Quem como tu é tão bella
No campo não deve andar;
Anda comigo á cidade,
Acharás mais d'um amor:

'Tambem eu cá na herdade
Tenho amantes, meu senhor.'

— Terás festa todo o dia,
Verás lindas procissões;
Tudo lá tem alegria,
Todos vivem de funcções.
Anda comigo á cidade
Verás festas de primor:

‘Tambem eu cá na herdade
Vejo danças, meu senhor.’

— Verás que luxo e bellesas!
Verás a côrte do rei;
Verás lá tantas riquesas
Que nem dizer-t'as eu sei.
Anda comigo á cidade
Terás brilho encantador:

‘Eu não deixo a minha herdade
Sou mui pobre, meu senhor.’

— Pobresa não é vilesa,
Não fica mal a ninguem;
Vem comigo camponeza,
Terás tudo o que as mais tem.
Anda comigo á cidade
Terás coisas de valor:

'Tambem eu cá na herdade
Tenho a honra, meu senhor.'

— Em troca d'esses vestidos,
Pobresinhos como são;
Terias outros luzidos
A fartar-te essa ambição.
Anda comigo á cidade
Anda-lhe vêr o fulgor:

'Fui nascida n'esta herdade
Não a deixo, meu senhor.'

— Camponeza meus amores,
Se deixas de ser cruel,
Em troca dos teus favores,
Deixo cá o meu annel.
Anda comigo á cidade
Lá lhe verás o valor.

'Que diriam cá na herdade!
De que é elle, meu senhor?'

✂

— É todo de pedras finas
De pedras finas de lei;
D'ellas as mais pequeninas
Fariam inveja ao rei.
Anda comigo á cidade
Terás mais do meu amor.

'Muito triste é a herdade!
Não é triste, meu senhor?'

— É muito triste; n'aldèa,
Não póde viver ninguem:
Toma lá esta cadêa
De pedras finas tambem.
Anda comigo á cidade
Terás mais do meu amor.

'O não ír era maldade
Vou comvosco, meu senhor!'

NO ALBUM DE UMA SENHORA.

Elle veut régner, elle est belle ;
C'en est fait de la liberté.

BÉRANGER.

Donzella, neste teu reino
Onde se vive de amar ;
Pódes affoita, sem medo,
Mais um vassallo contar.
Neste Evangelho, senhora,
Vou minha crença jurar.

Ás realesas da terra
Nunca me sube curvar;
Para mim um sceptro é brinco,
Não lhe sei valor ligar.
Vassallo sou da bellesa,
Outras leis não sei jurar.

Nesta pagina singela
Vae meu orgulho acabar:
Já conheço realesa,
Já me curvo ante o altar;
Os teus olhos são culpados
Da minha fé perjurar.

Donzella, não fui discreto,
Não me sube disfarçar!
Fiz-me escravo por vontade,
Não m'o deveis perdoar.
É uso da realesa
Os seus vassallos calcar.

Senhora, mostrae a todos
Que sois capaz de reinar.
Fazei justiça aos vassallos,
Deixae-me livre folgar.
Que mal vos fiz eu, donzella,
Para assim me captivar?

Quebrae-me o meu juramento,
Que eu não o devia dar.
Vassallo que assim vos falla,
Não o deveis castigar:
Não sabia destas coisas,
Foi sem qu'rer o seu peccar.

Dei aqui o juramento,
Não o posso quebrantar;
Nem contra os vossos dictames
Me soubéra revoltar;
Quebrei as mãos á vingança,
Mal de mim se conspirar!

Mais que vassallo, captivo
Os grilhões não sei quebrar;
Nem a vossa realesa,
M'o soubéra perdoar:
Mostrae ao menos, senhora,
Que sois capaz de reinar.

LUIZ DE CAMÕES.

Os desgostos me vão levando ao rio
Do negro esquecimento, e eterno somno :
Mas, tu me dá que cumpra, ó grão rainha
Das musas, co'o que quero á nação minha !

CAMÕES.

Que poeta que não era
Da linda Ignez o cantor !
Quem mais do qu'elle dissera
D'esse fero Adamastor !
Era um astro fulgurante ;
Era um poeta gigante ;
Tinha mais alma que o Dante,
Cantava com mais amor !

Nó peito, coberto d'aço,
Lhe batia um coração,
Que nem os cantos do Tasso
Sonharam maior paixão!
Era cantor e soldado;
Era um vate enamorado;
Foi um poeta inspirado
Como os d'hoje já não são!

Bem nos cantos se lhe marca
O signal do seu penar;
Nascêra como Petrarcha,
Já fadado para amar!
Vède bem o sentimento,
Com que dá, sôltas ao vento,
Queixas mil de seu tormento,
Tristesas do seu trovar!

A sorte fêl-o poeta
Das cinzas da pobre Ignez:
O mundo fêl-o propheta
Do destino portuguez!

Poeta da desventura,
Previu a sorte futura;
Escreveu com mão segura
A prophecia que fez!

Deus, que deu aos portuguezes
D'além-mar as regiões;
Que nos livrou dos revezes,
Deu-nos o rei das canções.
Fomos o povo escolhido,
O nosso nome temido,
Hoje... só é conhecido
Pelos cantos de Camões!

Foi-se-lhe a vida em desgosto
Ao que a patria assim cantou,
Mais poeta que Ariosto
Que bellesas nos legou!
Pungido de acerbas dôres,
Pelo Téjo seus amores;
Foi o rei dos trovadores,
Foi o cisne que expirou!

Como Ovidio desterrado,
Tristesas canta tambem.
Do seu Téjo enamorado,
Saudades pungil-o vem!
Aos inhospitos palmares
Das terras d'além dos mares,
Canta os vergeis, os pomares,
Que a terra do Castro tem!

Debruçado sobre os cantos
Da nossa fama padrão,
Lá verte sentidos prantos
Sobre a nossa escravidão.
D'Alcacer dá-se a batalha,
Em que um sceptro se esmigalha;
Envolvendo na mortalha
O cantor e a nação!

Que poeta! e que soldado!
Que trovador tão leal!
De todos abandonado
Só achou... um hospital!

Mas a fama portugueza
Neste sec'lo de torpeza,
Só tem por toda a grandesa
A Camões por pedestal!

Alli vivem as victorias,
Já do povo; já do rei;
Alli vingam as memorias
Alcançadas pela lei:
É pharol de nossa fama!
Alli vive o Castro e o Gama;
Em versos alli proclama
Triumphos da nossa grey!

A Camões, por monumento,
Só resta um livro; não mais:
Daquelle genio portento
Não temos outros signaes!
Mas que importa se a memoria
Do cantor da nossa gloria,
Alcançou maior victoria
Nos seus cantos colossaes!

A LUA.

Es tu semblante pálido y suave
Cual las beldades de la patria mia.

BERMUDEZ DE CASTRO.

Eu gosto de ver a lua,
Em toda a puresa sua
    Bater no mar:
É como donzella pura,
Que entre affagos e ternura
    Ensina a amar.

Tu vens pallida sorrindo,
Dos montes d'além surgindo
    Fallar de amor;
Ás aguas, aos arvoredos,
Ensinas os teus segredos,
    De meigo ardor.

Ó lua meiga e formosa,
Que assim te vás tão saudosa
    Sempre a sorrir;
És como Laura, que aos cantos
Mistura saudosos prantos
    Do seu sentir.

Nos olhos de uma bellesa,
Tem as lagrimas lindesa
    Que as mais não tem:
Se o rosto despe a alegria,
Até a melancholia
    Lhe vae tão bem!

Quando ó lua assim te vejo,
Mais se accende o meu desejo
No coração :
Lembra-me Laura formosa,
Que em ser triste e pesarosa
Tem seu condão.

Tambem tu, lua, nas aguas
Sepultas as cruas máguas
Do teu viver.
Fallas á noite com ellas,
E saudosa lhe revelas
O teu soffrer.

Eu comtigo sympathiso,
Na tristeza que diviso
No teu olhar :
Quem alegre passa a vida,
Te deixa despercebida
Sem te saudar :

Toquei da tristesa a méta;
Fadado por Deus poeta
Fadou-me a cruz!
Amo pallido o teu rosto;
O brilho do sol de agosto
Não me seduz!

Ó lua, formosa lua,
Que espelhas a face nua
N'um teu sorrir:
Assim, Laura, sem disfarce,
Como tu se retratasse
Sem me illudir.

Mas eu fui vendido á sorte,
Se não foi tambem á morte
Que eu bem n'o sei!
Mas a amar outra donzella,
Inda que seja mais bella
Não tornarei.

O TÉJO.

> Dae-me agora um som alto e sublimado;
> Um estylo grandiloquo, e corrente;
> Porque das vossas aguas Phebo ordene
> Que não tenham inveja ás de Hippocrene.
>
> CAMÕES.

Como é lindo e socegado
O meu Téjo de crystal;
No correr enamorado,
Oh Téjo não tens rival!
Com teus brandos murmurios,
És o gigante dos rios;
A c'rôa de Portugal!

Lindo Téjo feiticeiro,
Em tuas ondas de anil,
Vem por noites de janeiro
A lua brincar gentil:
E apoz ella vem pulando,
Tuas ondas festejando
Estrellas a mil e mil.

Patrio Téjo, n'outras eras
Tinhas throno e foste rei:
Do que és hoje, e do que eras,
Por vergonha calarei!
Patrio Téjo, sou teu filho,
Inda vivo do teu brilho,
Tuas máguas não direi.

Corres pobre, mas invejo
O teu doce suspirar;
Doces aguas do meu Téjo,
Correi mansas sem parar:
És monarcha em captiveiro;
Mas inda ha muito romeiro,
Que te venha festejar.

Sabe Deus se inda algum dia
Á terra do teu Camões,
Baixará formoso guia,
A quebrar-te esses grilhões!
Deixarás de ser espectro;
Outra vez terás o sceptro,
Reinarás nos corações.

Lindo Téjo, quem me déra
Como foste vêr-te já!
O meu peito anceia, espera
Vêr-te livre correr cá;
Oh meu Téjo! nesse dia
Findará minha agonia,
O meu pranto acabará.

Como és lindo! que nobresa
Tens nesse sussurro teu!
Como banha com franquesa
Esta terra em que nasceu!
Como é grande e magestoso,
Quando alçando o collo annoso
Quer mostrar o poder seu!

Minha patria como és bella
Nesse teu meigo sorrir!
Quem nasceu em terras della
Já nasceu para sentir.
Tens bellesas verdadeiras,
Oh terra das larangeiras,
Linda fada... Inda a dormir!

Eu prefiro as mansas aguas,
Do meu Téjo a tudo o mais;
Quando o peito sente máguas
Suas ondas são leaes;
Vão correndo e suspirando,
Com seus beijos abafando,
Os eccos dos tristes ais.

Foi a mão do Ser Eterno
Quem formoso assim te fez?
Deu-te o condão de ser terno
Quando aos outros a aridez?
Embora desconhecido,
Tenho orgulho em ter nascido
Como tu tão portuguez.

Só te falta a liberdade
Meigo Tejo, meu amor :
Mas não quiz a Divindade
Dar-te mais esse primor :
Se t'a désse, oh minha terra,
Bellesas que o Téjo encerra
São tuas... não tem pintor !

Como é lindo e socegado,
O meu Téjo de crystal :
No correr enamorado
Não lhe conheço rival ;
Com seus brandos murmurios,
É o gigante dos rios,
A c'rôa de Portugal !

Eu por mim vejo uma vara
Vara de mago condão,
Nos olhos de uma donzella
N'uns olhos que pretos são.

Vejo uma fada mimosa
Termo da minha ambição.
Na donzella que tem livre
Livre e solto o coração.

Ha moiras d'um tal aspecto
Moiras de tanta isempção,
Que só por lograr-lhe um beijo
Deixára de ser christão.

Se por um beijo ás escusas
Se vae lograr um condão;
Quem haverá que duvide
Das fadas que já lá vão?!

A PRIMAVERA.

NO ALBUM DA EXCELLENTISSIMA SENHORA
MARQUEZA DE PENALVA.

> Primavera odorata, inspiri e tenti
> Questo gelido cor, questo ch'amara
> Nel fior degli anni suoi vecchiezza impara!
>
> G. Leopardi.

Vi-a! chegou! e na falda
Do monte brinca e sorri!
Vi-a! chegou! d'esmeralda
Vestindo o prado a colhi.
Rebenta do chão a relva,
E da ramagem da selva
Trina alegre o rouxinol:
A brisa baloiça a faya,
E em flôr rebenta a olaya
Ao bafo quente do sol.

Chegou! chegaste! Bem vinda!
Bem vinda sejas amor!
Das estações a mais linda
Da naturesa primor!
És toda gala. Da balça,
A toutinegra se exalça
De ramo em ramo a voar.
O ninho deixa na silva,
E no prado á madresilva
Vae seus cantos modular!

Bem vinda! Diz na arribana
Curvado vulto senil,
E na fonte que espadana
Se debruça o verde til.
Além, pousada no tôpo
D'erguido soberbo choupo,
Canta alegre a chamariz:
E a doida da borboleta,
Deixa a pura violeta
Da rosa pelo matiz!

Sê bem vinda; ó primavera,
Risonha de pompa e luz!
Comtigo o mal é chimera,
A ser bom teu brilho induz.
Teu sôpro remóça o velho,
Que a resar curva o joelho
Lá do sêrro no alcantil:
Com teu perfume se exalta
A criança, que em voz alta
Manda aos céus prece infantil!

Bem vinda! Diz o arroio
Brincando pelo vergel;
Chega, vae-se, e depois foi-o
Banhar brincando em tropel!
Na murta que a selva feixa,
A rolinha em tom de queixa
Canta um terno madrigal:
Surge a rã do lago á borda,
E os eccos do valle accorda
Coáxando no azinhal!

Tudo é festa, e gala e riso!
Desce á terra a branda paz.
Em cada fonte um Narciso
Cuida vêr-se, e em vêr se apraz.
Nas ondas da pura lympha,
Se embala formosa nympha
Pela corrente veloz;
E do peito uma só mágua,
Deixa ir á tôna d'agua
Traduzida n'esta voz.

‘ Eu quizéra sêr a folha
Ou da rosa ou do jasmim;
Que não fôra minha escolha
Viver prêsa n'um jardim.
Quando a noite o sol offusca,
De tuas ondas em busca
Eu me iria, com prestez.
Quando a lua se arredonda,
A mirar-me em tua onda
Voltaria inda outra vez!’

Sê bem vinda ! E em delirio,
Sê bem vinda ! diz a flôr.
Exulta no prado o lyrio,
Tinge-se a rosa em pudor.
Além . . . escuto . . . e o grilo,
Por te vêr deixa o asylo
Da selva, amiga fiel.
Embora o trovão retumbe,
A abelha voando zumbe,
Das flóres succando o mel !

Tudo por ti se enamora,
Ó primavera gentil !
Da silva rebenta a amora,
A fera deixa o covil.
No prado pula a gazella ;
E no teixo a philomella
Suas queixas vae trinar.
Arde em desejos o noivo.
O rôxo singello goivo
Lá se pende a baloiçar !

Aqui nasce o malvaisco;
Mais longe brota a cecem;
É-te o rosal obelisco
Nas rosas que gera além.
O céu é manto de sêda;
E na frondente alameda
É tudo riso e praser.
Do monte deixando a aresta
Vôa a pomba; e na floresta
Vem saudades aprender!

Vem! chegou! Alli se esmera
A mão potente de Deus!
Confessa-o a propria fera
Nos brutos rugidos seus:
Dil-o a brisa em brando sôpro;
E entalha-o gigante escopro
Da selva pelo ramal.
Té o louva a philomena,
Quando por noite serena
Vem cantar no salgueiral!

Além, na fonte que espuma
Em jôrros de casto azul,
Banha o cisne a nivea pluma,
E depois, pára e não bul.
Por entre festões de buxo
Ostentando pompa e luxo
O sol atravessa; e vae
Á rosa que o enfeitiça,
Já arrastrado, em preguiça,
Dizer-lhe em segredo 'amae!'

⁂

Cá na terra tudo ama,
Primavera, á tua voz.
Do peito rebenta a chamma
Que nasce e cresce veloz.
Quer do bosque na clareira,
Ou do mar azul á beira,
És d'amor a casta irmã:
Por teu culto arde a zagala,
Que além atravessa a valla
Vermelha como a romã.

No firmamento se engasta
A lua dizendo 'amor!'
E pensando que não basta,
Quer brilhar com mais fulgor.
Quer, procura, e em ciume
Brilha accêsa como um lume,
Fulgindo como um pharol;
E de luz gigante esmola,
Depois de si desenrola
Em prateado lençol!

Onde chegas, primavera,
Tudo resurge feliz!
Quem eterna te fizera!
Quem teu nome não bemdiz!
Já mãe, da matta de tôjo
A rôla sae; e o despojo
Do ninho por lá deixou.
Deixou; e vem á campina
Com a prole pequenina
A dizer-te: 'Eis-me, aqui'stou!'

O vento as ramadas zurze
Do frondoso castanhal;
E sibila pela urze
Que serve d'enfeite ao val.
O sol, em fogo purpureo,
Banha o risonho tugurio
Do pobresinho ancião;
E no proprio domicilio
Lhe canta formoso idilio,
Lhe entôa meiga canção.

O velho, cobrando força,
Saudades canta tambem;
E affaga a timida corça
Que as mãos a lamber-lhe vem!
Cante a ave, o insecto zumba,
Que o velho esquecendo a tumba
Cuida a vida no alvor:
Ha pouco pendido n'haste,
Agora é mudo contraste
Da morte ao triste pavor!

Se de tarde se alcatifa
O prado de flôr louçã;
É que o orvalho a borrifa
Pela fresca antemanhã.
E quando desce o crepusculo,
Sobre o tenro e fragil musculo
Da florinha do vergel;
Se por instantes definha,
Accorda como a andorinha
Ao brilho do sol novel!

Accorda; e soltando um hymno,
Louva nelle o Creador,
Como nem eu imagino,
Como nem sabe o cantor!
Do peito a prece trasborda,
E da lyra em terna corda
Exhala os gemidos seus;
E em oração que não finge,
Ao pé de quebrada esphynge
Neste canto adora a Deus!

MARIA.

Aos montes ensinando e ás ervinhas,
O nome que no peito escripto tinhas.

CAMÕES.

É dos nomes que eu mais gosto,
É do nome de Maria:
Quem te poz tão lindo nome
O meu segredo sabia.

Quem te quizer chamar bella,
Sem saber como o diria;
Por não usar de requebros,
Chama-te logo Maria.

Quem quizer dizer doçura,
Diz teu nome de Maria;
Se mais terno o procurasse
Outro assim não acharia.

A Virgem, se os quizesse
Se outros nomes não teria!
Pois não quiz: tomou teu nome
Chamou-se a Virgem-Maria.

É que um nome mais perfeito
Do que o nome de Maria,
Não ha no céu nem na terra,
Nunca Ella o acharia.

Quem te poz tão lindo nome
O meu segredo sabia;
É dos nomes qu'eu mais gósto,
É do nome de Maria!

FOLHAS SECCAS.

> Le soir, au bruit sourd de l'orage,
> Marchant sur de tristes débris,
> J'irai voir le dernier feuillage
> Tomber sur les gazons flétris.
>
> AIMÉ-MARTIN.

Ai pobres folhas coitadas,
Sósinhas, abandonadas
    Por esse chão!
Tão orphãs e desvalidas;
Andam no mundo perdidas
    Que tristes são!

São assim esp'ranças minhas:
Pobres folhas, coitadinhas!

Bem rijo sopra o nordeste,
Que os ramos de folhas despe
    Passando além.
E as pobres no chão prostradas,
Nem sentidas, nem choradas
    São por ninguem!

Assim passa a minha vida;
Nem chorada, nem sentida.

Folhas seccas já ornastes,
Já verdes abrilhantastes
    Lindo jardim.
Agora... sêccas, prostradas,
Vos deixam abandonadas
    Jazer assim!

Tambem tive a mesma sorte;
Só me resta agora a morte.

Que funda melancholia,
Se revela na agonia
Do seu chorar:
Pobres folhas! a vaidade,
Inda as faz sentir saudade,
De mais brilhar!

Olhae que o fado tyranno,
Já vos deu um desengano.

Que vaidades serão estas!
Hontem tudo inda eram festas,
Hoje no pó!
Hontem tudo era festejo;
Mas hoje, nem siquer vejo
De vós ter dó.

São tudo galas fingidas!
São tudo illusões perdidas!

Este mundo é só vaidade;
Apenas reina a maldade
E nada mais:
Quem perdeu a juventude,
Não lhe vale da virtude
Deixar signaes.

Hoje.... vaidade e riquesas!
Ámanhã, fundas tristesas!

Ai pobres folhas coitadas
Sósinhas, abandonadas,
Por esse chão!
Tão orphãs e desvalidas,
Andam no mundo perdidas
Que tristes são!

Pois será bem maguado
D'or'avante o vosso fado!

ESPERANÇA OU RECEIOS?

> Quize refugiarme en mi proprio corazon,
> lleno no ha mucho de vida, de illusiones,
> de deseos.
>
> MARIANO LARRA.

Entrei timida o alcaçar dos Talmas,
Alma e vida trazendo par'aqui;
Presto o ouvido, que sinto? São palmas!
Ai! bem vindas! bem vindas! Nasci!

Embalada por sonhos de artista,
Outras glorias nem as sonhei:
Era esta, só esta, que á vista,
Inda infante — no berço — doirei!

Pela gloria! ... que é della? estou louca!
Anda longe! ... tão longe! ... A razão
É agora quem falla. Que a bocca
Foi traidora ao meu coração!

Longe andava! ... Por ella perdida
Procurei ... procurei ... Sem a achar!
Tu, oh arte! que aos outros dás vida,
Vem aqui no meu peito anninhar.

Inda infante — no berço — sonhei-te:
Ai! cuidado! ... Não saiba ninguem
Que ainda em annos tão verdes eu dei-te,
O que o peito mais intimo tem!

Que o saibam? que importa?! Dei mente,
Dei carinhos de mãi. Sem valor
Dei brinquedos d'infancia. Quem sente
Tem na arte — e só nella — o amor!

Minha estrella! Se tens de offuscar-te,
De perder-te sem rumo no mar.
Oh! então! sem arrimo, sem arte,
Onde pobre te irei procurar!

Se perdida a esperança mal ouso
Fronte erguida ter fé no porvir;
De meus sonhos o timido goso,
Quem m'o pode de maguas remir?!

Quem m'o pode remir? Insensata!
Sois vós todos que as artes presaes.
Que sabeis como a fé se nos mata,
Não ouvindo com dôr estes ais!

Entrei timida o alcaçar dos Talmas,
Alma e vida trazendo par'aqui:
Presto o ouvido, que sinto? São palmas!
Ai! bem vindas! bem vindas! Nasci!

INNOCENCIA.

> Leia-me a virgem que á tarde,
> Á hora em que baixa o sol,
> No jardim passeia e pára
> Quando escuta o rouxinol.
>
> A. F. de Castilho.

Formosa, meiga innocencia,
Casta filha do Senhor;
Nem tu sabes, nem eu quero
Fallar-te fallas d'amor.

*

Vem comigo; vamos ambos
Sentar-nos ao pé do mar.
É lá que podes sem medo
Com as conchinhas brincar.

Verás as ondas pulando
Na praia virem morrer;
Levantarem-se orgulhosas
Para depois fenecer.

Contarás, uma por uma,
As estrelinhas do céu;
São como tu innocentes,
Fulguram livres, sem véu.

Verás a lua saudosa
Vir as aguas pratear;
Vêl-a-has depois tranquilla
Ir-se nas ondas banhar.

Formosa, meiga innocencia,
Casta filha do Senhor;
Nem tu sabes, nem eu quero
Fallar-te fallas d'amor.

Amanhã virás comigo,
A festejarmos o sol,
Que tinge as grimpas dos montes
Desse pallido arrebol.

Lá verás como são bellos
Esses puros raios seus.
Ambos iremos á tarde
Dizer-lhe o ultimo adeus.

Verás então as campinas
De saudades a chorar;
As flores verás pendidas
Pelos troncos a murchar.

São saudades . . . tu não sabes
Bem ao certo o que ellas são.
Para as ter . . . ai! não as queiras,
Soffre muito o coração!

Mas verás, verás pendidas
Inda a carpirem seu mal,
O jasmim na hastea debil;
A rosa no seu rosal.

Não lhe queiras sondar maguas,
Nem os segredos saber.
A viver assim a vida,
É melhor antes morrer.

Formosa, meiga innocencia,
Casta filha do Senhor;
Nem tu sabes, nem eu quero
Fallar-te fallas d'amor!

A MADEMOISELLE ***

> La fête commencée, avec ses sœurs rieuses
> Elle accourait, froissant l'evantail sous ses doigts.
>
> VICTOR-HUGO.

São virentes singellas as rosas,
Que te cingem a fronte gentil.
Nem mais lindas, fragrantes, viçosas,
Deram nunca bafejos de abril.

Não nas deram; que todas colhidas,
Foram ellas por timida mão.
Mas das rosas as mais escolhidas,
Ninguem diga que tuas não são.

Nessa fronte de loiros c'roada
Vae-lhe a rosa do campo tão bem,
Que por mais que te seja invejada
Não na deves ceder a ninguem.

Se eu tivera nascido inspirado,
Se me Deos concedêra o pincel;
Copiando teu rosto encantado,
Rival fôra do grão Rafael.

Eu quizera tambem esculpir-te,
Essa fronte de mago condão:
Nos recortes da pedra vestir-te,
Dar-te vida, sonhar-te isempção.

Mas não posso; não tenho no peito
Esse fogo que as artes conduz.
Só me resta, nem sei se é defeito,
Em teus olhos queimar-me na luz.

Não nas percas as candidas rosas
Que te cingem a fronte gentil;
Que mais lindas, fragrantes, viçosas,
Não nas deram bafejos de abril.

NO ALBUM D'UM POETA.

Viens, joins ta main de frère à ma main fraternelle,
Poëte, prends ta lyre : aigle, ouvre ta jeune aile ;
Étoile, étoile, lève-toi !

VICTOR-HUGO.

De que serve a pobre planta
Ao pé do cedro sem fim ?
O que faz se não encanta,
Ao pé da rosa o jasmim ?
Se a planta não tem nome,
Se na terra se consome,
Inda haverá quem a tome
Com disvello, em seu jardim !

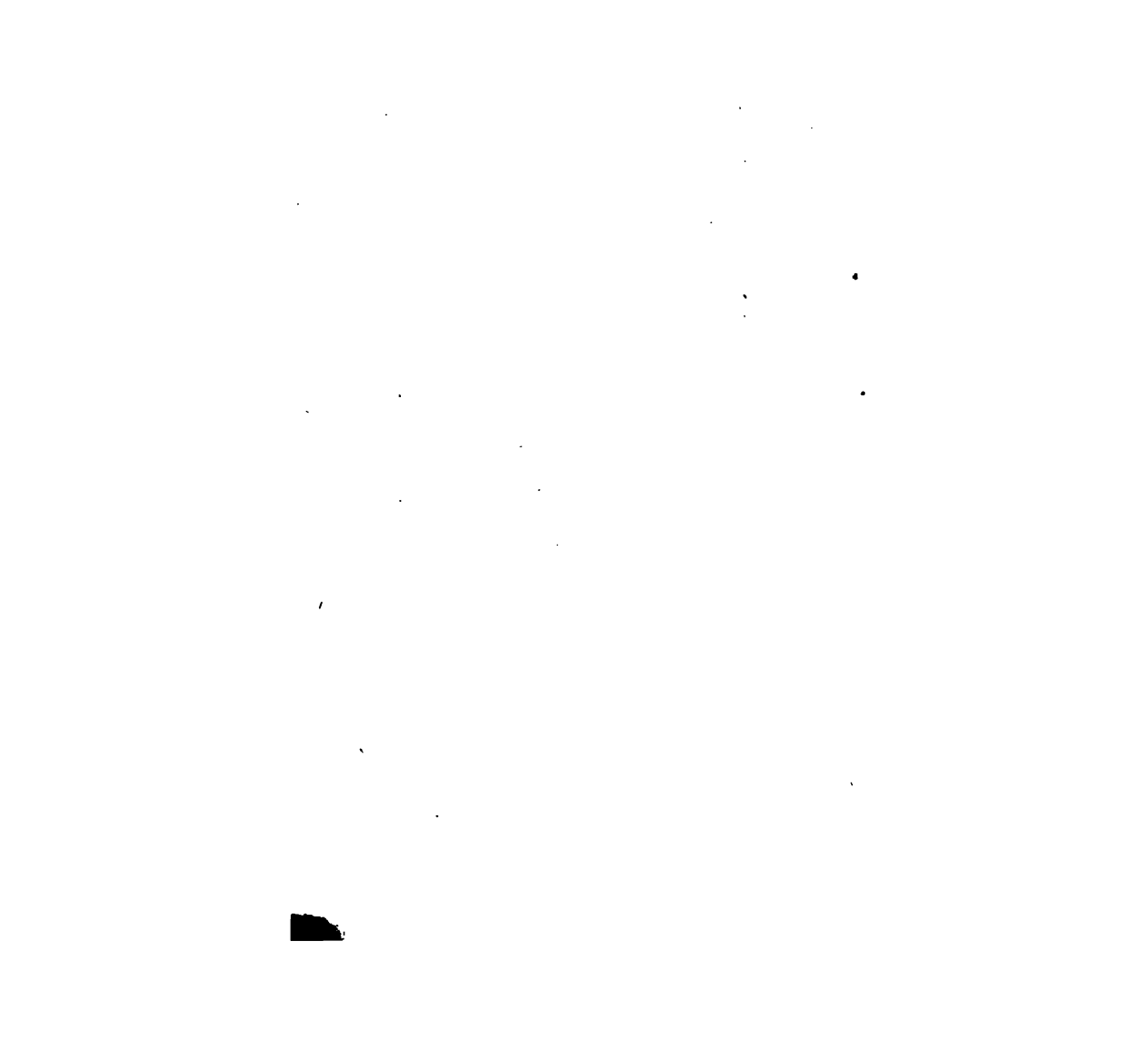
Que dirá meiga andorinha,
Em face do rouxinol?
Quaes os sons da lyra minha
Festiva, saudando o sol?
São sempre tristes os cantos
Sellados pelos meus prantos;
Nem para os pobres os encantos
Lhes reluz de um arrebol!

De que presta em praia nua,
Êrma conchinha do mar?
Despontando ao pé da lua,
Que estrellas podem brilhar!
Ostentando mil bellezas,
Incertas brilham accêsas;
Mas morrem se nas devêsas
A fulgir — surge o luar!

De que presta n'alto monte
Rasteira gramma do val?
O que avulta junto á fonte
Um riacho de crystal?

E como ao pé da saudade
Que nasce na soledade,
Vir a rosa com vaidade
Campear como rival!

Irmão! recebe este canto
Como tributo, e não mais:
É escuro e denso manto,
Que encobre máguas fataes.
Guarda-o tu, irmão, no peito;
Que lá guardado e acceito,
Não temo de o vêr desfeito
Ao sopro dos vendavaes.

Não temo... Que a poesia
Se recebe estranha dôr,
Nem a mostra á luz do dia,
Nem lhe descobre o pudor:
Segredo, irmão! que o desgosto
Nem se deixa ler no rosto,
Nem soletrar aqui posto
Neste nome sem valor!

OS DESTERRADOS.

A EXCELLENTISSIMA SENHORA CONDESSA DE VILLA REAL.

> Rendons une patrie,
> Une patrie,
> Au pauvre exilé.
>
> BÉRANGER.

De teus irmãos d'armas ó povo lamenta
Desgraça da sorte, castigo immoral.
Dos olhos o pranto furtivo rebenta,
Ao ver tão abaixo descer Portugal!

Mal hajam os tigres, de sangue sedentos,
Que algemam o povo com rijos grilhões:
Mal hajam ferozes algozes cruentos
Que intentam, com ferro, comprar corações.

Seu crime é ser livres! e são desterrados!
Deixando as esposas, não choram por si;
São esses os mesmos valentes soldados,
Que em lucta renhida luctaram por ti.

E tu os desterras! rainha que fazes!
Pretendes d'amigo, d'esposa e d'irmão,
Firmar-lhes as crenças, propor-lhes as pazes,
Tirando-lhe a vida, negando-lhe o pão?

Saudades da terra, tão sua, tão qu'rida,
Bem fundas no peito lhe vão a pungir.
Algozes da côrte mais larga ferida
Nos peitos robustos lhe tentam abrir.

De estranhas poisadas já fartos os tristes,
Mendigos d'esp'ranças, soffrendo o seu mal,
Se podem, senhora, que assim os traístes,
Saudarem attentos teu sceptro real?!

Nos pulsos algêmas, nos rostos a fome,
Não vês desenhadas, eternas não vês?
Mal haja o estranho, que assim te consome
No peito as lembranças de que é portuguez!

E tu os desterras os pobres soldados,
Que em volta se ajuntam d'um nobre pendão!
Protestos mentidos, conselhos damnados,
As bençãos d'um povo converte em baldão!

Rainha que fazes? Por entre o rugido
Das ondas do povo não ouves bradar:
Que são 'innocentes' que o throno traído
Em pélago fundo se vae sepultar!

Não ouves os gritos das mães consternadas
Chorando o seu fado, pedindo perdão?
Não ouves as turbas, na praça apinhadas,
Por entre soluços bradar 'maldição!'

Não vês as espadas de trinta valentes
Que o throno te deram, quebradas por ti?
Não ouves os brados de mil innocentes
Sem rumo na terra chorando por si!

Em troca de fundas rasgadas feridas,
Em paga de affectos, rainha, o que dás?
Desterros injustos, promessas fingidas,
Tormentos, sem conto, quebrantos de paz!

Mas foram-se todas do povo as esp'ranças!
Em terras estranhas lá vão mendigar;
Levando no peito saudosas lembranças,
Que os tempos não podem no peito apagar!

São victimas tristes de fundas ciladas,
Urdidas nas trevas nos paços d'um rei!
Quem ha de or'avante julgar respeitadas
Do povo as cabeças á sombra da ley?!

De teus irmãos d'armas ó povo lamenta
Desgraça da sorte, castigo immoral.
Dos olhos o pranto furtivo rebenta,
Ao vêr tão abaixo descer Portugal!

O SEU NOME.

Oh ! qui n'a dans son cœur quelque nom plein de charmes,
Quelque nom préféré ;
Un de ces noms qui font verser de douces larmes
Et qu'on garde ignoré !

F. LE BLANC.

O seu nome é tão saudoso
Como um protesto d'amor ;
É tão singello o seu nome
Como da brisa o frescor.

É como no verde prado
A linda rosa em botão,
É como meiga donzella
Pedindo humilde perdão.

É tão suave o seu nome,
Como a fonte a deslisar
Pela relva da campina
N'uma noite de luar.

É como as notas da lyra
Se querem dizer paixão :
É como as rôlas aos beijos
Nas murtas que verdes são.

O seu nome é como as harpas
Dos celestes cherubins ;
É delicado o seu nome
Como os mimosos jasmins.

É como em manhã de maio,
Esse pallido arrebol,
Que convida as harmonias
Do saudoso rouxinol.

É formoso o nome d'Ella
Que mais formoso o não sei.
Mas, dize-lo aqui a todos,
Isso não, que o não direi.

A AMISADE.

Noble fille du ciel, amitié, pure flamme !
Partout où tu n'est point, est le froid du tombeau.

P. Flaugergues.

Resoe o meu canto nas ribas fragosas,
Levado nas brisas á beira do mar.
As ondas travêssas, mas sempre formosas,
Deslisem na areia sorrindo ao trovar.

Nas selvas umbrosas que habita a saudade,
Acordem-se os eccos da meiga soidão.
E em volta aos penedos dizendo 'amisade'
Os eccos revertam ao meu coração.

Estrellas fugaces, que passam brilhando,
Fervendo, fulgindo, nos plainos do céu;
São como mil virgens, a quem revelando
Meu candido canto vou puro sem véu.

A lyra tomando, que ha muito calada
As trovas d'est'alma não quer repetir,
Por dia risonho, por noite cerrada,
Irei minhas trovas nos céus esculpir.

As aves alegres descantam amores,
Pendidas nos ramos, lá onde não ha
Mão de homem astuta, que em cegos furores
Rouba-las aos filhos fraudoso se vá!

Assim minhas trovas bem longe do mundo,
Solta-las aos eccos, aos astros irei.
Que amigos ha poucos na terra em que fundo,
A crença suave que um delles achei...

Vem pois minha lyra festiva e risonha,
E manda meus cantos aos sêrros d'além.
São trovas d'amigo que a mente me sonha,
Qu'importa que dellas não goste ninguem?

Não gostam por certo os homens da terra,
Sem crença, sem tino, sem honra, sem fé.
O canto singello que as crenças encerra,
P'ra elles de certo formoso não é.

Quem visse n'aurora que fulge e disperta,
Lembranças da vida, saudades d'amor;
Por entre o mesquinho da fragil offerta,
Veria das trovas immenso valor.

Quem visse nas cordas da lyra doirada
Passar resoando saudade infantil,
Creria de certo não vêr apagada
Tamanha saudade com trova tão vil.

Meus hymnos saudosos irão sussurrando
Por montes e serras até fenecer.
Os carmes que as brisas me vão ensinando
Comigo, no peito, só devem morrer.

Por manhãs d'abril radiantes e bellas,
Seguindo amorosas o curso do sol;
Irão minhas trovas, sentidas, singellas,
Imitar nos cantos gentil rouxinol.

Por tardes de julho, nas ceifas ardentes,
Em praia deserta, no quente areial,
Serão os meus versos fieis confidentes
Do peito fiel d'amigo leal.

Por noites d'agosto, tão quedas e puras!
Irei eu sósinho sentar-me ao luar;
Não venham do mundo ideas impuras
Roubar-me o socego d'um mago trovar.

Então neste mundo... d'um outro tão perto
Com Deus e co'amigo, com ambos serei:
Palavras mentidas neste amplo deserto
Dos homens falaces eu não ouvirei.

Nas selvas umbrosas que habita a saudade,
Acordem-se os eccos da meiga soidão.
E em volta aos penedos dizendo 'amisade'
Os eccos revertam ao meu coração.

MELANCHOLIA.

> Já não sou quem ser sohia,
> Os dias passo chorando,
> As noites mal as dormia.
>
> BERNARDIM RIBEIRO.

Quem tiver tristezas d'alma,
Quem tiver sentidos prantos,
Venha juntar-se comigo,
Venha ouvir meus tristes cantos.

Fugiremos deste mundo
D'illusões e de vaidades,
E dos homens, bem distante,
Choraremos as maldades.

Dos homens longe... bem longe...
Nos homens nós pensaremos;
Seus odios, traições e raivas
Ambos juntos choraremos.

Em sêrros alcantilados
Soltarei canto sentido,
Pelas fragas escutado,
Pelos eccos repetido.

Companheira de minh'alma,
Suave melancholia,
Vem entreter-te comigo,
Vem ser minha companhia.

Solidão, meu bem supremo,
Solidão, vida dest'alma.
Se me foges, se me deixas,
Minha dôr já não acalma.

Quem me déra que estes cantos
Do fundo peito nascidos,
Por um coração ao menos
Podessem ser entendidos.

Mas nem isso, nem um peito,
Que intenda meu sentimento,
Que minhas trovas conceba
Que dê pêso ao meu lamento.

Horas bem aventuradas
De socego e f'licidade,
Já lá vão de mim distantes,
Resta-me só a saudade.

A saudade, e vem com ella,
Suave melancholia,
Minha irmã mui verdadeira,
Minha terna companhia.

Só no mundo com meus males,
Entre espinhos desta vida,
A minh'alma vae cançada,
Minha mente vae perdida.

Onde posso eu lamentar-me?
Onde achar posso um abrigo?
No peito d'um desgraçado
De meus cantos bem amigo.

Escutarei seus conselhos,
E nos braços da amisade,
Quebrarei desta vez inda
Minha pungente saudade.

Companheira de minh'alma,
Suave melancholia,
Vem entreter-te comigo,
Vem ser minha companhia!

A VIRGEM E O SEPULCHRO.

A EXC. SENHORA D. MARIA AMALIA MACHADO.

> Elle était de ce monde, ou les plus belles choses
> Ont le pire destin,
> Et rose, elle a vécu ce que vivent les roses
> L'espace d'un matin.
>
> MALHERBE.

I.

Vi-a n'um baile pela vez primeira.
Alvas roupagens a donzella veste;
Pallida fronte, que sorri fagueira,
Cinge zeloso sepulchral cypreste!

*

Vi-a risonha dominar na festa
Entre os aromas d'encantadas flores.
Manso — baixinho — cada qual protesta
Render-lhe preito, conquistar-lhe amores.

Na walsa doida, perpassando airosa,
Prestes caminha do sepulchro á beira;
Brisa travêssa que desfolha a rosa,
Tambem baloiça virginal roseira.

Pobre donzella! que a walsar te esqueces
Que a vida é curta, que o tufão vem perto!
E tu, sonhando, virgem te adormeces
Fallando em festas... E o sepulchro aberto!

Vi-a n'um baile pela vez primeira.
Alvas roupagens a donzella veste!
Pallida fronte, que sorri fagueira,
Cinge de ha muito sepulchral cypreste!

II.

E dura a festa. E na walsa
Como a donzella vae bem!
Como a bellesa realça
Da virgem que á festa vem.
Nos espelhos crystalinos,
Quantos labios purpurinos
Não vão estudar seus hymnos,
Contar as mágoas que tem!

Só tu não foste, donzella,
Teus encantos consultar!
Solitaria philomela
Soltas teu canto ao luar.
É que a febre te devora;
E na face que descora,
Talvez luz de nova aurora
Mais não torne a fulgurar!

É triste presentimento
Que lhe dá tamanha dôr,
Ou pelo seu pensamento
Se crusou sonho d'amor?
Não, ai não. Pensa na dança!
Já sôlta lhe ondeia a trança;
E sem vêr que a walsa cança
Ei-la a walsar! Que furor!

Já sôa de novo a orchestra;
Começa a walsa outra vez!
Do baile á virgem mais déstra
Descóra, desmáia a tez!

Matou-a a walsa? Quem sabe!
Antes que a festa se acabe,
Talvez que uma flôr desabe
Do tronco... murcha talvez!

III.

E dura a festa! E na festa
Todos lhe chamam rainha.
E o calor das salas cresta
Alva rosa, que definha!

*

E dura a festa! E da balça
Alegre rouxinol canta;
E a virgem, doida, na walsa
Inda move a leve planta!

E dura a festa! E os lumes
Accesos brilham nas salas.
Que de invejosos ciumes
Transluzem por entre galas!

*

E dura a festa! Cançada,
Já quasi morta, caminha.
E todos dizem 'coitada'
Era do baile a rainha!

IV.

É findo o baile. Sepulchral silencio
Reina nas salas, onde ha pouco a dança
Do bosque os eccos accordava ao longe!
É findo o baile. Que de murchas flores
O chão alastram dos salões doirados,
Onde inda ha pouco vecejavam bellas
E vivas de mil côres! Que de rosas
N'um frenetico baile se não murcham!
Que enganosas esp'ranças não acabam
Ao acabar um baile, onde o delirio
Viva luz da razão tolhe aos sentidos!

E Ella!... Aonde está? Que é feito d'Ella?
Quem do baile á saída emfim a aguarda?

— O sepulchro!
— Perdido forasteiro
Que nas trevas da noite se alevanta,
Como termo final aos sonhos vagos
Que a donzella sonhou no baile ardente,
Entre os aromas que recende o lyrio,
E os protestos d'amor que o peito escaldam!

É findo o baile. Sepulchral silencio
Reina nas salas, onde ha pouco a dança
Do bosque os eccos accordava ao longe.

V.

Depois já morta desbotada e fria,
Li-lhe nas faces um palor funereo:
A walsa doida que seus passos guia
Conduz d'um baile para o cemiterio!

Alli, á sombra de copado arbusto,
Dorme a donzella que na walsa expira,
Como um som triste, mas solemne e augusto,
D'um canto ameno que expirou na lyra!

Alli não podem festivais clamores
Jámais da campa desperta-la á vida,
Nem tristes eccos de fieis amores
Ouvi-la em troca soluçar sentida!

Vi-a n'um baile pela vez primeira.
Alvas roupagens a donzella veste;
Pallida fronte, que sorri fagueira,
Cinge zeloso sepulchral cypreste!

MEDITAÇÃO.

Á EXCELLENTISSIMA SENHORA CONDESSA
DA FONTE-NOVA.

1846.

> La felicidad no existe,
> La gloria es una mentira,
> Mas solo la gloria inspira
> Hazañás de gran valor.
> La dicha es la incertidumbra
> En que estriba la esperanza,
> Y porque nunca se alcanza
> Damos tras ella en correr.
>
> ZORRILLA.

Que saudades tão fundas se arreigam
Aqui dentro do peito ao soldado,
Quando á voz do tambor deixa a terra
Onde a vida passou descuidado!

Que saudades! Dize-las soubera
O soldado, correndo á batalha,
Quando em vez dos carinhos maternos,
Vê a vida trocada em mortalha!

Mas a morte soffrêra-a gostoso,
Se não fosse no peito a saudade,
Que lhe diz, que na terra que é sua
Para sempre deixou a amisade.

Mas que importa se a morte é com honra!
Se é partilha do pobre soldado;
Quando á voz do tambor deixa a terra
Onde a vida passou descuidado!

Mas que valem, n'um peito que sente,
Mil sonhadas lembranças de gloria,
Se na terra que é sua, lá deixa
Quem mil vezes maldiga a victoria?

Quem dirá á esposa innocente,
Á chorosa viuva do forte,
Quem irá lá dizer-lhe que a honra
Na peleja ao marido deu morte!

Quem se atreve a dizer ao amigo,
Ao amigo de fé verdadeira;
Que entre ballas sem conto, uma dellas
Lhe arrancou illusão bem fagueira?

Mas á voz do tambor cessa tudo
Que podia sentir o soldado:
Té se esquece um momento da terra
Onde a vida passou descuidado.

Porque 'avante' uma voz vae bradando
No immenso fragor da peleja;
É a voz immutavel da honra,
Que nem mesmo na lucta fraqueja!

Assim vive, assim passa o soldado,
Comprimindo no peito a saudade:
D'outra sorte morrêra sem honra,
Nem dos bravos lucrára a vaidade.

E lá segue e defende a bandeira.
Que lhe serve de guia sagrada;
E só fica na lucta vencido,
Quando a vê já por terra prostrada.

Tenho aqui os meus amores :
Nasceram nas frescas aguas
A sorrir.
Não os troco pelas flores,
Que a terra, entre fundas maguas,
Faz florir.

Melhor patria, nem tão bella,
Do que o revolto Oceano
Deus não dá.
Aqui não sorri donzella ;
Mas em troca vil tiranno
Cá não ha.

O mar, é symb'lo robusto
Da liberdade que o mundo
Deve á Cruz.
O nauta, mysterio augusto,
Que o poder de Deus profundo
Nos traduz.

Se á noite o nauta adormece
Deitado nas pranchas duras
Do baixel,
Vaidades do mundo esquece.
Tem estrellas, lindas, puras,
Por docel!

De manhã, se os ternos cantos
Não ouve das avesinhas
A trinar,
Diz comsigo: Tambem prantos
Não sabem nas faces minhas
Deslisar.

E não sabem. Se a tormenta
A rugir levanta irados
Escarcéus.
Do peito a prece rebenta,
E sem prantos maguados
Sobe aos céus.

Ao nauta que importam flores,
Se vivem sempre captivas
Em jardim?
Que querem dizer amores
Que morrem, quaes sensitivas,
Dando o sim!

Se irada ruge a procella,
Apraz-me ve-la raivosa
Rebramir;
Porque é então que revela
Na vaga que espuma irosa
Seu carpir.

Que patria que é esta minha!
Aqui tudo é liberdade,
Não ha lei;
Nem o orgulho definha,
Calcado pela vaidade
D'um mau rei!

Se em furia sibilla o vento,
Pelos erguidos e rôtos
Mastareus;
Nem um ai, nem um lamento,
O nauta em sentidos votos
Manda aos céus!

Não manda. Lá tem a esp'rança
Que lhe diz que da procella
Nasce a paz;
Como do mar em bonança
A vaga que se encapela
Nuvens traz.

Nasci nas ondas. Não tenho
Nem ciumes, nem inveja
De ninguem.
Boiando n'um fragil lenho,
O nauta mais não deseja
Do que tem.

É livre. Que mais precisa?
Nem o prendem amorosos
Vís grilhões.
Se manso o mar se deslisa,
Conta os astros luminosos
Aos milhões!

Poz nelles os seus amores;
Poz no mar a esp'rança sua
Mais em Deus.
Se não vê do bosque as flores,
Envia queixoso á lua
Os ais seus.

Nasci nas ondas do Tejo,
Embalado docemente
Pelo mar.
Mais grandesas não invejo,
Do que poder livremente
Navegar!

LIVRO II.

Quand les cendres seront brulantes, il me semble
Que vers nos anciens dieux nous volerons ensemble !

Goethe.

CAÇADA REAL.

AO AUCTOR DO CAMÕES — E D. BRANCA.

I.

Arreda, gente do povo,
Que vae elrei montear.
O tempo não é de caça;
O que irá elrei caçar?

Na côrte ninguem se atreve
Pela caça a perguntar:
O povo, nota que é erro
Ir em tal mez montear.

Os cavallos estão promptos
Para elrei os cavalgar;
No pateo do seu palacio
Andam os cães a ladrar.

Ha caçada; mas aonde?
Onde irá elrei caçar!
Que não traz nada da caça,
Ha quem o queira apostar.

Só elrei... ri lá comsigo
De vêr a côrte a scismar:
Scisme embora a minha côrte,
Que o meu dever... é calar!

Ha caçada; mas aonde
Ninguem póde adivinhar.
O tempo não é de caça,
Onde irá elrei caçar?!

II.

Para Odivellas monteiros,
Disse elrei a cavalgar:
Má vida terá comigo
Quem a caça m'espantar.

Ficou tudo ali calado,
Ninguem ousa de fallar;
Que aonde manda quem póde
Fôra loucura teimar.

Em Odivellas ha caça
Que se não pode apanhar,
Senão com rêde mui fina
Que eu mandei já fabricar.

Sou caçador entendido
Nunca volto sem caçar:
O caso é ter quem me saiba
Ir a a caça levantar.

Vae lá tu. Disse sorrindo
A um que estava a pensar.
Era o Camões do Rocio,
Que se não fez mais rogar.

Mette esporas ao cavallo
Ei-lo ahi vae a galopar.
Mal a côrte viu a escolha
Disse: o rei ha de caçar!

Para Odivellas monteiros,
Mas a passo, sem trotar:
Má vida terá comigo
Quem a caça me espantar.

N'outra assim já me não meto
Que me posso ir arriscar,
A que o vosso patriarcha
Mande p'ra Roma contar.

São graves estes peccados,
Corre-se risco... a caçar:
Quem sabe se o santo padre
Me poderá perdoar!

Por emquanto aqui me tendes,
Alviç'ras me deveis dar:
A caça está levantada;
Podeis sem medo... caçar.

V.

Vinha o sol a esconder-se,
Estava a noite a chegar;
Eis que as portas do convento
Se abriam... de par em par.

É real esta caçada!
Disse o rei logo ao entrar;
Rezando devotamente,
Sem para as freiras olhar.

Quem os p'regrinos acolhe,
Quem os sabe agasalhar,
Se não vive bem na terra,
Sabe-o Deus recompensar!

E dizendo e procurando,
Viu uns olhos a brilhar:
Se muda ficou a freira,
Ficou o rei . . . sem fallar!

Que uns olhos, como ella tinha,
Tão lindos a negrejar,
Por mais que o rei procurasse,
Nunca os podéra encontrar.

Já longa vae a caçada;
Estava a noite a chegar,
Mas as portas do convento
Ninguem as ía fechar!

Andou o rei todo o dia
Sem os cães a montear;
Mas assim mesmo ha quem diga
Que foi feliz . . . a caçar!

VI.

Dizer o nome da freira
Não devo, que é ir faltar
Ao que por honra das damas
Se não deve divulgar.

O rei era . . . se não digo,
Póde alguem adivinhar:
Nem ha dever que me obrigue
Ao nome do rei calar.

Era elrei Dom João Quinto,
Que saíndo a montear,
Entendeu que mais valia
Ir no convento . . . caçar!

Peccado grande seria
Este seu grande peccar,
Se os frades que tinha em Mafra
S'esquecessem de resar.

Mas assim . . . podia affoito
Ir nos conventos caçar;
Que os frades eram aos centos
Para por elle resar!

AS FADAS.

Quando eu era pequenino
Cria em fadas, porque não?
Se havia tantas na terra
Por onde eu folgava então!

Pelos sêrros d'Alemtéjo
Ficaram p'ra mais de mil,
Do tempo que nas Hespanhas
Reinava a moirama vil.

Mas depois correram annos,
E tantos que é de pasmar!
Mudaram da lei que tinham
Já nos não podem moirar.

São lindas, lindas as fadas
Que eu vi nas bandas d'além;
E tão meigas... e tão ternas...
Como não pensa ninguem!

Só não tem, como ha quem diga,
Magas varas de condão;
D'onde eu julgo que a magia
Lhes provém do coração.

Não direi, que é ter orgulho,
D'onde lhes vem o podêr;
Se é dos labios, se é dos olhos,
Se é do que... não sei dizer.

Mas os contos que descrevem
Das fadas as perfeições,
São verdades, nem me digam
Que não são... sem dar razões.

Olhos, como os olhos dellas
Não sei que tenham rival,
A não serem nos lascivos
Das môças de Portugal.

Mesmo assim tem os das fadas
Mais um outro não sei què;
Que por mais que a gente queira
Sente sim, mas não se vê.

Não direi que são moiriscas
Bellezas que os olhos tem;
Que na minha terra ha moças
Que são formosas tambem.

Mas que sejam como as fadas
Tão perfeitas, mesmo assim;
Nunca se diga que eu minto
Não n'o são, fiem-se em mim,

'São moiras' dirão as bellas;
'Caridade não dá fé;
Quem nas fadas tem as crenças
Amador christão não é.'

Mas quem tem a caridade
Por certo que um beijo dá:
Por um beijo, embora peque
Faço-me crente d'Allah.

Não podéra resistir-lhe
Aos formosos beijos seus:
Eu depois procuraria
Fazer as pazes com Deus.

Mas gosára o céu na terra,
Vivêra n'um puro Oásis;
Nem Deus me dera castigo
Por desejar ser feliz.

Que os olhos como os das fadas
Não sei que tenham rival,
A não serem nos lascivos
Das moças de Portugal!

OS DESEJOS DO INFANTE.

Deixae-me crescer
Da lua ao luar;
Que sou pequenino
E não posso andar.

Se morro tão cêdo
Não posso chegar,
A ser homemzinho
A ir commungar.

Não verei de perto
As aguas do mar,
Nem tantos peixinhos
Nas ondas boiar.

E a mãe o levava
Ao collo a mostrar,
De perto, mui perto,
As aguas do mar.

Desejos não poude
Do filho matar;
Quizera ser homem
Crescer sem parar!

Deixae-me crescer
Da lua ao luar;
Que sou pequenino
Mal posso fallar.

Cresceu e cresceu,
Sem nunca parar;
Chegou a ser homem
D'accêso pensar:

Mas sempre nas queixas
Do lindo trovar,
Saudades suspira
De noite ao luar.

UM CONSELHO D'AVÓ.

Fiando na sua roca,
Que era de prata e marfim,
Uma velha, muito velha,
À neta cantava assim.

Tu és a luz dos meus olhos,
És na terra o meu condão;
P'ra que ruins te não percam
Vem ouvir esta lição.

É d'uma filha travêssa
Que te vou aqui fallar,
Que s'esqueceu por amores
De quem mais devia amar.

Que se perdeu n'este mundo,
Porque o démo tentador,
Lhe foi de manso ao ouvido
Fallar em coisas de amor.

Não tens mãe que te aconselhe,
De ha muito que não tens pae;
Só eu te resto na terra . . .
Lá vae o conto — lá vae.

E a fiar na sua roca,
Que era de prata e marfim,
Uma velha, muito velha,
Á neta cantava assim.

É verdadeiro este caso
Como haver ondas no mar;
Como dançarem as bruxas
Fóra d'horas ao luar.

Havia na minha terra,
Ha quantos annos não sei,
Uma linda rapariga,
Par'cia filha de rei.

Era modesta, coitada!
Por orgulho não peccou;
A culpa maior de todas
Foi de quem a namorou.

Taes palavras elle disse,
Taes palavras ella ouviu,
Que por encurtar discursos,
A pobre louca fugiu.

Deixou as irmãs pequenas
Sem ninguem pr'as embalar,
E foi-se por essas terras
Dizendo que ía casar!

Rapariga que assim deixa
Toda a sua criação,
Foge-lhe o anjo da guarda,
Corre á sua perdição.

E a fiar na sua roca,
Que era de prata e marfim,
Uma velha, muito velha,
Á neta cantava assim.

Fiou-se de mais, coitada!
Inda o anno ía a findar,
Já ninguem lhe dava novas
De quem a fóra tentar.

Entrou-lhe aquillo a dar pena,
Entrou-se a lembrar dos seus;
Saudades trazem saudades,
Só lhe póde valer Deus.

Tanto a pobre se queixava,
Tanta lagrima chorou,
Que a razão se lhe foi indo,
Que doida, doida ficou.

Andava por fóra d'horas
A chorar que punha dó;
Se via gente fugia,
O seu gosto era andar só.

Pelas irmãs pequeninas
Andava sempre a chamar;
Como quem tinha vontade
Das pobresinhas beijar.

Se lhe fallavam de amores,
Começava a rir . . . a rir . . .
Como quem dizia ás outras
Que o amor era mentir.

Fez-se-lhe branco o cabello,
Das faces perdeu a côr;
Do peito foi-se-lhe a crença
Que a pobre teve em amor

E a fiar na sua roca,
Que era de prata e marfim,
Uma velha, muito velha,
Á neta cantava assim.

Minha neta, Deus te livre
De tamanha tentação;
Toma lá estes bentinhos,
Não t'esqueça esta oração.

'Pae do céu, fazei que eu siga
Conselhos de minha avó;
Que me não perca por homens,
Quando fôr no mundo só.

Que tenha sempre juizo
Para ver quem me quer bem;
Que não me levem palavras
A seguir nunca ninguem.

Padre, Filho, Esp'rito Santo,
Recebei esta oração,
Como quem deseja d'alma
Não caír em tentação.'

E a fiar na sua roca,
Que era de prata e marfim,
Uma velha, muito velha,
Á neta dizia assim.

Inda sei mais outro conto
De maior valor talvez;
S'eu tiver vida e saude,
Dir-to-hei para outra vez.

É de duas raparigas
Que se deixaram moirar;
Que p'ra fé foram perdidas,
Como esta foi por amar.

Qual das tres causa mais pena
Nem tu sabes . . . nem eu sei.
Antes perder o socego,
Do que afastar-se da lei.

E a fiar na sua roca,
Que era de prata e marfim,
Uma velha, muito velha,
O conto acabava assim.

S. GONÇALO D'AMARANTE.

AO MEU AMIGO A. P. DA CUNHA.

S. Gonçalo d'Amarante
Casamenteiro das velhas,
Porque não casaes as moças?
Que mal vos fizeram ellas!

Embora velhas beatas
Vos resem com santidade;
São de mais; ha-as de sobra
Na vossa santa irmandade.

Resar-vos-hei, ó meu santo,
Tres padre-nossos cantados,
Se por cada um me deres
Tres esbeltos namorados.

Irei descalça ouvir missa
No dia do vosso nome,
S'eu alcançar boa paga
Deste amor que me consome.

Nem todas as velhas juntas
Levarão tantos bentinhos,
Como encobertos nest'alma
Levarei ternos carinhos.

S. Gonçalo d'Amarante,
Brincalhão e galhofeiro,
Fazei-vos antes das moças
Devoto casamenteiro.

Qu'eu vos prometto por todas,
'Casando a nosso contento'
Muita crença na virtude,
Muita fé no casamento.

Resar-vos-hei, ó meu santo,
Tres padre-nossos cantados,
Se por cada um me deres
Tres esbeltos namorados.

Promessas que fazem moças,
Tem tal condão e verdade,
Que o santo deixou as velhas,
Pelas moças . . . por bondade . . .

E a datar desta promessa
Feita ao bom de S. Gonçalo,
Não ha uma só donzella
Que possa deixar d'ama-lo.

Que a todas o bom do santo
Deu alma p'ra seis amores,
A qual delles o mais falso,
Em seus dons e seus favores!

Embora velhas beatas,
Vos resem com santidade;
São de mais; ha-as de sobra
Na vossa benta irmandade.

S. Gonçalo d'Amarante,
Um dos meus tres namorados
Irá resar-vos por mim
Os padre-nossos cantados.

E só se dirá mentindo
D'um santo tão galhofeiro,
Qu'inda é, como era d'antes,
Das velhas casamenteiro !

A TEMPESTADE.

Minha mãe eu tenho medo
Muito medo dos trovões!
'Cobra animo, meu filho,
Resa as tuas orações!

Deita-te aqui no meu collo;
Chega-te bem, meu amor;
Os trovões qu'estás ouvindo
São castigo do Senhor.

Dize-me agora em segredo,
Fizeste hoje mal a alguem?
Talvez mentisses meu filho?
Quem mente nũnca faz bem.'

Hoje não que me não lembra;
Hontem sim, isso menti;
Minha mãe, será castigo
Que venha por'môr de mi?

'A culpa é leve meu filho
Para castigo tão cru.
A tua mãe não se mente;
Diz, que mais fizeste tu?'

Hontem brincando queimei-me,
Queimei-me n'aquella luz;
Com a dôr talvez fallasse
No inimigo da Cruz.

'Fallar no démo é peccado,
Isso é, que eu bem n'o sei;
Mas castigo só por isso,
E tão grande... não direi.'

Não me lembro de mais nada;
Só se foi... mas isso não,
Por não ter eu dado a um pobre
A metade do meu pão!...

‘Pois o castigo meu filho
É por esmola não dar;
Deves depressa chama-lo
S'elle tornar a passar.’

Minha mãe, o pobresinho
É aquelle que além vem!
‘Vae já busca-lo meu filho
Que bastante fome tem.

Olha agora, vês as nuvens
Como ellas fugindo vão?
Desde que o pobre chamaste
Já se não ouve o trovão.

A caridade, meu filho,
É um preceito de Deus:
A quem a cumpre devéras
Ajuda-lhe Deus os seus.’

Pois hei de dar mil esmolas,
Quando chegar a ser rei;
Hei de cumprir como devo
Com os preceitos da lei.

'És muito creança ainda!
Quem dá aquillo que tem,
Cumpre um santo mandamento,
Não tem inveja a ninguem.

Olha o céu como está lindo!
Vae pelos campos brincar,
Que o pobresinho cá fica
Ha de comnosco jantar.

A LAREIRA.

Nas noites d'inverno, sentado á lareira,
Quando era pequeno mil contos ouvi.
Entre elles vae este, que ao pé da fogueira
Por muito contado de cór aprendi.

Contaram-me immensos, de bruxas e fadas,
Que eu julgo não serem contados com fé:
Mas este tem fundas memorias herdadas,
Por isso tem sempre ficado de pé.

Contou-m'o uma velha, que todos diziam
Que nunca mentíra, nem mesmo a brincar;
Os que eram creanças, com gosto aprendiam
Os contos que a velha contava a chorar.

Ouvi, ouvi este, que tem o seu fito
Em dar-vos singela lição de moral.
Ouvi-o calados que é muito bonito,
E todos me dizem ter fundo real.

Foi-me elle contado no mez de janeiro,
Ao pé da fogueira, sem ter outra luz:
Jurar-vos... não juro... mas é verdadeiro;
Façamos nós todos o signal da cruz.

P'ra que Deus nos livre de maus pensamentos,
Que o démo suscita na mente aos fieis.
Agora podemos sem medo a tormentos,
Fugirmos do démo ás aridas leys.

O conto é singelo, mas reza a verdade;
Ouvi-o calados, não façaes motim:
Ninguem que duvide por isso se enfade,
Lá vae o meu conto; chegae-vos a mim.

I.

Era d'uma vez um velho,
Ai pobre de quem n'o é!
Que ao seu bordão encostado
Mal se sustinha de pé!
Diziam, valha a verdade,
Ter oitenta annos d'idade.

Cego de gôtta serena
Tenteando as trevas vae;
Se bom filho o velho fôra,
Era ainda melhor pae.
Deu-lhe Deus uma só filha,
Que em bellesa é maravilha.

Avisava o pae ao certo
De quando nascia o sol;
Pela mão o conduzia
Para ouvir o rouxinol;
Que ao despedir-se do dia
Cantava com melodia.

Mas o démo tem taes artes,
E tão ruins ellas são,
Que por não poder vence-la,
Captivou-lhe o coração.
O que ella fez não se sabe,
Nem mesmo no conto cabe.

Mas o que dizem ser certo,
É que a filha abandonou
O pobre velhinho cego,
Que logo apoz expirou.
Olhem que funda saudade,
Quanto mais naquella idade!

O pobre velho, ralado,
Não pôde com tal paixão;
E morreu, legando á filha
No seu leito a maldição.
Não vem bem a quem mal faça;
Começa aqui a desgraça.

Nisto, benzeram-se todos,
Para ouvirem o final;
Que reza por tal maneira
Que até ouvi-lo faz mal:
São lembranças do castigo
Que o crime trouxe comsigo.

Não percaes nunca a memoria
Desta mui fiel historia.

II.

Passaram-se annos e annos
Sem ninguem fallar em tal;
Vae senão quando uma noite,
'Foi na noite de Natal'
Todos n'aldeia a queixar-se
D'algum novo horrivel mal!

Padre! Filho! Esp'rito Santo!
Para longe a tentação!
Ouviu-se uma voz ao longe!
Como as dos vivos não são!
Aprendam todos, aprendam,
Nesta terrivel lição.

Era aquella ruim filha,
Que vinha, sem se saber,
Todas as noites, trindades,
Novos males commetter!
Creança que ella apanhava
Nunca mais vinha a viver!

Diziam todos na terra
'Mas nunca ninguem a viu'
Que andava sempre sorrindo
Desde o dia em que fugiu:
Que em camas feita por gente
Nunca mais ella dormiu.

Pelas eiras e montados,
Corria sem direcção,
Ouvia sempre sorrindo
O ribombo do trovão:
Até se esqueceu a triste
Benzer-se como christão!

Diziam todos á uma,
'Se é verdade não n'o sei'
Que mal a noite baixava,
Quebrando por toda a lei,
Vinha a cavallo no démo
Contente que não direi.

Creatura que ella olhasse
Ficava sem mais fallar;
Passava por pé dos santos
Sem se benzer, nem rezar.
Tornou-se tão feia, tão feia,
Que era mesmo de pasmar!

Uns diziam que era doida
Por isso não queria a paz!
Mas alguem da sua aldeia,
Mais do que os outros sagaz,
Logo disse que eram artes
Do maldoso Satanaz!

Desde então, n'aquella aldeia,
Viveu tudo sempre em bem.
Nunca a má da rapariga
Appar'ceu a mais ninguem.
As creancinhas da terra
Já medo d'ella não tem.

Só a casa em que vivia
Uma noite ardeu por si;
Sem ninguem lhe deitar fogo
Ficou cinzas logo alli!
Não me digam que é mentira,
Foi um milagre que eu vi.

O Senhor que póde tudo,
Tal milagre permittiu:
Inda é viva muita gente
Que em cinzas a casa viu.
Podeis ter isto por certo
Nunca a bocca me mentiu.

Olhem os filhos maldosos,
Que não respeitam seus paes,
Os castigos que Deus manda
Por esses erros fataes!
Aprendam todos os filhos
A respeitarem os paes.

Contar-vos um conto com mais singeleza,
Ninguem a sabê-lo por certo o fará.
Agora, se a velha fingindo franqueza,
Por nós o contarmos, de nós se rirá,
Não posso dizê-lo; nem essa certesa,
Depois d'ella morta ninguem nos dará.

ANNINHAS.

TOADA POPULAR DO RIBA-TEJO.

Anninhas, Anninhas,
Toma bem cautela;
Tua mãe não brinca
Tenho medo della.
  Tenho medo della,
Mais sim, ou mais ai.
  Toma bem cautela,
Ó meu zigue-zai.

Anninhas, Anninhas,
Isto assim não dura;
Anda fazer queixa
Ao teu padre-cura.

Ao teu padre-cura,
Mais sim, ou mais ai,
Anda fazer queixa,
Ó meu zigue-zai.

Ó meu zigue-zigue,
Fujâmos da aldeia;
Ha sesões na terra
Podes ficar feia.
Podes ficar feia,
Mais sim, ou mais ai;
Fujâmos da aldeia,
Ó meu zigue-zai.

Só fujo comtigo
Depois de casada;
Na terra em que vivo
Sou bem reputada.
Sou bem reputada,
Mais sim, ou mais ai:
Fugirei casada,
Ó meu zigue-zai.

Ficavas mais livre
Fugindo solteira:
Contavas da festa
Não sendo festeira.
  Não sendo festeira,
Mais sim, ou mais ai;
  Gosavas solteira,
Ó meu zigue-zai.

Quem dá taes conselhos
Não ama devéras:
Só forja mentiras,
Só sonha chimeras.
  Só sonha chimeras,
Mais sim, ou mais ai:
  Não ama devéras,
Ó meu zigue-zai.

Anninhas, Anninhas,
Quem ama não foge:
Dá-me cá um beijo,
Casemos já hoje.

Casemos já hoje,
Mais sim, ou mais ai.
  Quem ama não foge,
Ó meu zigue-zai.

Anninhas, Anninhas,
Toma bem cautella;
Tua mãe não brinca,
Não no saiba ella.
  Não no saiba ella,
Mais sim, ou mais ai;
  Toma bem cautela,
Ó meu zigue-zai.

AS TRES ENCANTADAS.

‘ Ai manas, cantemos,
Cantemos folgadas,
Que d’hoje a seis dias,
São as consoadas.

Aposto que o Pedro,
Largando as manadas,
Não falta nas danças
N’aldeia dançadas :

E o sôr Padre cura
De vestes sagradas,
Virá vêr as moças
Suas confessadas :

E nós todas juntas,
De mãos enlaçadas;
Iremos pedir-lhe
Ser abençoadas.

Em vindo as mordômas,
Festeiras votadas,
Mil festas, mil danças,
Serão começadas.

Cantemos, ó manas,
Cantemos folgadas,
Que d'hoje a seis dias
São as consoadas.'

Fallava a Maria,
De faces rosadas,
Ao pé do moinho
Das tres encantadas;

Que foram tres moças,
Que resam baladas,
Terem sido todas
Do démo furtadas.

Chegou o seu Pedro
De calças listadas,
Que festas e brincos
Das enamoradas!

Ninguem a par d'elle
Tem trovas moldadas;
Tão bellas, tão meigas,
Tão bem afinadas.

Na sua vióla,
De cordas doiradas,
Ha notas que prendem
De bem moduladas.

Chegou-se á Maria
De faces rosadas,
Ao pé do moinho
Das tres encantadas.

E com lindas fallas
De ha muito estudadas,
Fallaram d'amores;
Ternuras sonhadas.

'Mui cedo vieram
Tuas consoadas:'
Disseram as moças
D'inveja raladas.

'Quer tarde quer cedo
São bem empregadas,
Para o meu noivado
São já convidadas.'

Ai pobre Maria,
Que pragas raivadas
Serão o teu dote
Nas vodas tratadas.

'Mui cedo vieram
Tuas consoadas:'
'Quer tarde quer cedo
São bem empregadas.'

E com lindas fallas
De ha muito estudadas,
Fallaram d'amores
Ternuras sonhadas.

São quatro e mais quatro
Semanas passadas.
Onde vão as moças
Tão bem enfeitadas?

Ás vodas de Pedro,
Que são celebradas,
Na terra onde foram
D'amor começadas.

E a linda Maria
De faces rosadas,
Deveu a fortuna
Ás tres encantadas:

E os dois se casaram
Em horas fadadas,
Por santos e santas
No céu festejadas.

E as moças do sitio
D'inveja raladas,
Queimaram de noite
As tres encantadas.

Do pobre moinho
As traves tisnadas,
As furias attestam
Das enamoradas.

E como ellas foram
Na noite queimadas,
Em que são tres missas
Pôr nós celebradas,

Achei acertado,
Fazer recordadas
N'essa mesma noite
As tres encantadas.

O TROVADOR.

SOLAU.

I.

Saudades chora
O trovador,
Que alegre canto
Matou-lh'o a dôr.

Triste assentado
Á beira do mar,
Quem passa escuta
O seu trovar.

Que lindas trovas,
Que as trovas são;
Nascidas todas
Do coração.

Saudoso canta
 Seu fundo mal;
Que a linda Bertha
 Foi desleal.

Tantos amores
 Que lh'elle deu,
De todos Bertha
 Já s'esqueceu.

Que só é rico
 De muita dôr,
O pobre e triste
 Do trovador.

Muitos castellos
 A dama tem;
Causa de tanto
 Feroz desdem.

Tem muitos pagens
 O castellão;
Muitas herdades
 Que suas são.

Muitos guerreiros
  Á sua voz;
Na sala nobre
  Muitos avós.

E tem nas armas
  Cinco brasões,
De seus maiores
  Qu'eram barões.

E o pobre e triste
  Do trovador,
Só tem nobresa
  Na muita dôr:

Só tem as trovas
  Por seu brasão;
Só tem riquesa
  No coração.

Por isso a dama
  Lhe não quer bem:
Por isso o triste
  Não tem ninguem.

Ninguem na guerra
  Mostrou valòr,
Que avantajasse
  O trovador.

Que não s'importa
  Ninguem morrer,
Se é sem ventura
  O seu viver.

Botte que dava
  Matava dez,
Que vinham todos
  Caír-lhe aos pés.

'Por Bertha' disse,
  'Eu morrerei;
Já que de amal-a
  Vedou-m'o a lei.'

Co'a lança em riste
  Partiu, voou;
Por onde passa
  Mortos deixou.

E o pae tocado
  De tanto amor,
Chamou de parte
  O trovador.

'Muito vos devo,
  Dom menestrel,
Sois tão valente
  Como fiel.

Tenho uma filha,
  Bem no sabeis,
Pois Bertha é vossa,
  Vós a tereis.

Tem olhos pretos,
  Mão de marfim;
Sorriso breve
  D'um serafim.

Peitos a arfarem,
  Porte gentil,
Faces de neve,
  Bellesas mil.

Sois tão valente
Como fiel:
Pois Bertha é vossa
Dom menestrel.'

IV.

Erga-se altivo
O meu pendão:
Que vae de volta
O castellão.

Toquem nas trompas
Em festival,
Garridas marchas
Em triumphal.

Como lhe bate
O coração,
Ao pobre e triste
Do infanção!

Duvída ainda
De Bertha vêr,
Como elle a sonha
Sem noivo ter.

Lá s'erguem, longe,
Os torreões,
Do pae de Bertha
As possessões.

E ella não veiu
Seu pae buscar,
Como era de uso
Neste lidar.

E ao pobre e triste
Do infanção,
Bateu-lhe rijo
O coração.

V.

Mal sabe o velho
Que alegre vem;
Que já de ha muito
Filha não tem!

Houve quem soube
Ir-lhe fanar,
A rosa bella
No seu altar.

Só quem entende
  O que é ser pae,
A dôr concebe
  Que n'alma vae;

Ao pobre velho,
  Que se morreu
De vêr fanado
  O sangue seu:

De vêr as sombras
  De seus avós,
Bradar-lhe iradas
  Em crua voz:

Culpa os impulsos
  Do coração,
Neto dos netos
  De D. Reimão.

Melhor te fôra
  Ceder a amôr,
Que se fanasse
  A linda flôr.

E o pobre e triste
  Do trovador,
Cantou endeixas
  De muito amor.

Pegou de manso
  No bandolim,
E sem exforço
  Cantou assim:

'O fero orgulho
  De D. Reimão,
Matou-me cedo
  O coração.

Ninguem se ufane
  D'acção ruim,
Quem tem soberba
  Não tem bom fim..

Que é grão peccado,
  Que offende a Deus,
Ter em despreso
  Os irmãos seus.'

VI.

Aprendam todos
  N'esta lição,
A ter bondade
  De coração.

Que mais não haja
  No mundo amor,
Como o que teve
  O trovador.

A CEIFEIRA.

Ha quem diga por inveja
Qu'és feia por ser trigueira;
Dizem as damas da côrte,
Deixal-as dizer ceifeira.

Quizera que ellas te vissem
Feita senhora festeira;
Que me dissessem depois
Se eras ou não feiticeira!

Que vissem com que requebros
Te vaes a mercar na feira,
Que vissem como innocente
Vaes depois pular na eira.

Mariquinhas d'olhos pretos,
Mimosa — gentil ceifeira,
És bella por caprichosa,
És linda por ser trigueira.

Hei de ir á festa de longe
Vêr-te na dança ligeira,
A vêr se córas na dança,
A vêr se tens quem te queira.

Hei de ir depois alcançar-te
Do atalho mesmo á beira,
A dizer-te que na dança
Eras gentil a primeira.

A dizer-te que eras linda
Como a aurora prazenteira;
A contar-te que na festa
Eras só sem companheira.

A contar-te que não perdes
Por te chamarem trigueira,
A ti rainha da festa
Mimosa — gentil ceifeira.

A ti que eu vi assentada
Hontem á noite á lareira,
Crendo devéras n'um conto,
N'um conto de feiticeira.

A ti que vergas a cinta,
Como se verga a palmeira,
Que tens escripta no rosto
Inspiração verdadeira.

A ti que dormes co'o Christo,
Pendente da cabeceira;
Que só choraste na vida,
Uma vez — por brincadeira!

A quem chamam, por inveja,
A Mariquinhas trigueira;
Porque sabem que és de todas
A mais mimosa ceifeira!

Porque tens nos olhos negros
O condão de dar cegueira,
A quem os fita de perto,
Com attenção verdadeira.

Só te falta alva capella
Das flores da larangeira,
Que a todos diga que a noiva
Era ainda há pouco a festeira.

Que nos dê a triste nova,
Que pela vez derradeira,
Vemos de perto tão perto
Aquella fronte fagueira.

A quem as mais, por despique,
Vendo a formosa ceifeira,
Diziam — coitada d'ella,
Sendo assim morre solteira!

A MINHA AMA.

'Cruzes! . . . Credo! . . . Deus me livre!
Para longe as tentações!
Sonhando com uvas pretas,
Com ellas sonhei traições!'

E resou o credo em cruz,
E benzeu-se cinco vezes,
E ficou-se resoluta
Para affrontar os revezes.

'Querem ver que o lubishomem,
Mal trindades der o sino,
Vem tentar ainda esta noite
No seu berço o meu menino!

Foge d'ahi, lubishomem,
De cima desse telhado ;
Deixa dormir o menino,
Deixa-o dormir descançado ! »

A somno solto eu dormia,
Sem cuidar em tentações,
Sem sonhar com duas pretas,
Sem temer cruas traições.

E a minha ama .... coitadinha !
A resar no seu rosario ;
Que o marido, ha já um anno,
Anda a cumprir seu fadario !

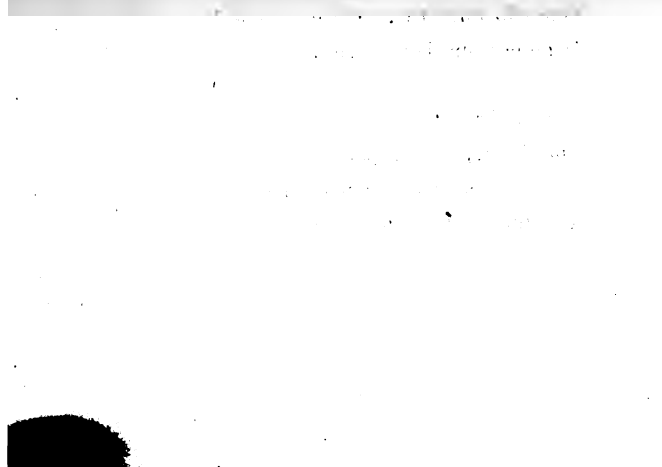
Mal que soam as trindades,
Sae de casa sorrateiro,
E ainda pelos montados
Transformado n'um sendeiro.

Tres falsas juras que déra,
O tornaram incapaz
De se ver um anno livre
Do poder de Satanaz.

Acabar devia o anno
Em dia de S. Martinho;
Mas o démo que não perde,
Lá se foi valer do vinho...

O que elle fez não se sabe;
Mas passa por verdadeiro,
Que andará inda outro anno.
Transformado n'um sendeiro!

Agora de que eu não temo,
É d'ouvir-lhe a tentação;
Que não quer Deus que o demonio
Domine n'um bom christão.

E a minha ama!... coitadinha!
Em chorar, chorar porfia:
Se a Virgem Santa a não ouve,
Ai! que perde a luz do dia.

A VIVANDEIRA.

Ai que vida que passa na terra
Quem não ouve rufar o tambor:
Quem não canta na força da guerra,
Ai amor! ai amor! ai amor!

Quem a vida quizer verdadeira,
É fazer-se uma vez vivandeira.

Ai que vida, esta vida que eu passo,
Com tão lindo gentil mocetão.
S'eu depois da batalha o abraço,
Ai que vida p'r'o meu coração!

Que ternura cantando ao tambor,
Ai amor! ai amor! ai amor!

Que harmonia não tem a metralha
Derrubando fileiras sem fim :
E depois, só depois da batalha,
Vêl-o salvo cantando-me assim :

Em t'as marchas fazendo trigueira,
Mais t'eu amo, gentil vivandeira.

Não me assustam trabalhos da lida,
Nem n'as ballas me fazem chorar ;
Ai que vida, que vida, que vida,
Esta vida passada a cantar ;

Qu'eu lá sinto no campo o tambor,
A fallar-me meiguices de amor.

Só na guerra se matam saudades,
Só na guerra se sente o viver ;
Só na guerra se acabam vaidades,
Só na guerra não custa o morrer.

Ai que vida ! que vida ! que vida !
Ai que sorte tão bem escolhida !

Mas deixemos os cantos sentidos,
Estes cantos do meu coração;
Mas prestemos attentos ouvidos
Ao taplão, rataplão, rataplão.

Ao taplão, rataplão, que o tambor
Vae cadente fallando de amor.

Ai que vida que passa na guerra,
Quem pequena na guerra viveu:
Quem sósinha passando na terra,
Nem o pae, nem a mãe conheceu!

Quem a vida quizer verdadeira,
É fazer-se uma vez vivandeira.

O SOLDADO.

Rufam na praça os tambores,
O clarim toca a rebate;
Os eccos repetem guerra,
Os eccos dizem combate.

A nação chama os seus filhos
A affrontar da guerra a sorte;
Adeus, ó terra da patria,
Vou-me caminho da morte.

Minha fiel companheira
Que nunca me falhou tiro,
Parece dizer-me 'ávante'!
Deixa o teu santo retiro

Deixa a esposa, os filhos larga,
Affronta p'rigos de Marte;
Rufam de novo os tambores,
Desprega-se o estandarte.

Adeus, ó terra da patria,
O clarim chama á batalha;
Irei por ti [illegible]
Densas nuvens de metralha.

O pendão ergue-se [illegible]
Ao chamamento sagrado;
Deserta [illegible]
Não falta nunca [illegible]

Os ecos tristes [illegible]
Dizem adeus á esposa,
Levam a benção [illegible] filhos
Ao soldado [illegible]

Rufam na praça os tambores,
O clarim toca a rebate;
Os eccos repetem guerra,
Os eccos dizem combate.

A KOSSUTH.

É livre o povo que ao heroe da Hungria
Saúda em cantos de festivo amor.
E crê e espera vêr raiar o dia
Que ao longe assoma com vivaz fulgôr.

É livre o povo, que o heroe proscripto
Na patria acceita, e lhe diz: « Aqui
Teu nome fica na memoria escripto
Da pobre Hungria, que será sem ti! »

De imigas raças ao teu brado erguidas
Tremem tyrannos, sem pudor, sem fé;
Ás hordas brutas, ao poder vendidas,
Oppões um povo, á tua voz, em pé!

Kossuth és grande! Do venal cossaco
A bocca impura confessou: tremi!
A patria tua cobre um veu opaco:
Da pobre Hungria que será sem ti!

Falta-lhe o filho que ao gemer dorído
Da patria em ferros, sem temor surgiu:
E em pé nos [illegible] de Comorn erguido
Um povo oppresso libertado viu!

Teu nome, eterno, lá ficou em Buda!
O povo é grato, com amor sorri;
E diz no peito, porque a bocca é muda,
Da pobre Hungria que será sem ti!

Oppressa, em ferros, opprimida chora
A patria tua, que ser livre quiz!
Um povo irmão, que a liberdade adora,
Teu nome acceita — teu valor bemdiz!

Descança um pouco! . . . Na cruenta lida
Nem sempre é grande quem disser: venci!
Solta um só brado, volverás á vida
A Hungria morta, sem heroe . . . sem ti!

A ROMARIA.

I.

Ai que linda vai a festa
Que vistosa romaria!
Só eu, coitada, não tenho
Quem me seja companhia!

Se alguem me levasse á festa,
Aqui mesmo juraria,
Co'o proprio demo cazar-me
Dentro d'um anno e um dia.

Palavras não eram ditas
Eis que um moço lhe apparecia,
Mui cortez e mui guapo
Que estas fallas lhe dizia:

Acceito o teu juramento;
Dentro d'um anno e um dia,
Lembra-te bem que disses-te
Com o demo eu casaria!

Agora já te não falta
Nem amor, nem companhia,
Podes vir commigo á festa
Vêr a santa romaria!

II.

É bem de vêr como a pobre
De susto não ficaria,
Cahio no chão de joelhos
Resando á Virgem-Maria!

Desbotada como um lyrio
Ora chorava e tremia,
Ora convulsa resava
Mas nem palavra se ouvia.

Immovel, petreficada,
D'alli se não desprendia,
Viva imagem do remorso
Contrafeita se sorria.

Té que uma voz a disperta
Que estas palavras dizia,
'Serás minha desposada
Dentro d'um anno e um dia!

O juramento que deste
Já ninguem t'o quebraria.
Podes vir commigo á festa
Vêr a santa romaria!'

III.

Ao ouvir estas palavras,
Como se fosse magia,
D'aonde prêsa estivera,
A coitada se movia;

Enfeitada para a festa,
Tremendo os passos seguia
Do vulto que taciturno
Lhe ia servindo de guia!

Atravessou pela aldeia,
Como a pobre não iria!
Sempre a dizer em voz baixa,
'Valha-me a Virgem-Maria!

'Valham-me todos os santos
Que minha mãe me dizia,
Eram esp'rança e conforto
No momento d'agonia.

'Valha-me a Cruz!'... De repente
Olhou a pobre, e não via
Quem até'li a levára
Quem lhe servira de guia!

IV.

Passou um mez, e mais outro,
Passou um anno e um dia,
Depois d'aquelle em que fôra
Á festa da romaria!

Na mesma noite n'aldeia
Um vulto negro apparecia,
Que em voz alta o juramento
D'alguem da terra pedia.

Tudo n'aldeia era susto,
Tudo de medo tremia:
Mas a que vinha o fantasma
Ninguem ao certo o sabia.

Só quem jurára casar-se
Um anno antes havia,
A que o fantasma alli vinha
Coitada d'ella, sabia!

Sabia por seus peccados;
E a tremer se benzia,
Sempre que o vulto bradava
'Passou um anno e um dia.'

V.

Mais uma noite passára,
Outra talvez passaria,
Sem que o fantasma dissesse
O que alli preso o trazia.

A não ser que quando tudo
Inda n'aldeia dormia,
O sino grande da terra
Sem mão de homem se tangia,

E no dobrar campassado
A triste sorte carpia,
D'alguem que no lance extremo
A taes horas se sentia!

E em lagrimas banhada,
Á Virgem Santa pedia,
Pérdoasse a quem devéras
Morrendo se arrependia!

Que o juramento que déra
Sem remorsos o cumpria,
Desposando a sepultura
Antes d'um anno e um dia!

Pelo eterno descanso
De quem desce á terra fria,
Resemos nós peccadores:
Ave Maria!

O MUTILADO.

Co'a mão calosa que domava outr'ora
Na ardente briga do corcel o ardor,
Um berço embala, descantando agora
Canções que alembram juvenil fervor!

Meu neto dorme, dorme em paz que eu canto
Ao pé d'um berço, tradicções sem par;
Se o rosto a furto te orvalhar de pranto,
Ampara o cedro que o tufão tombar!

Em briga immensa, pelejando affoito,
Ouvi sem medo trovejar fusis;
Das trevas densas d'enredado coito
Fitei altivo os batalhões hostís.

Deixa-los. . . que o Santo, não quer, nem precisa
D'um falso carinho :
Na seita só presta quem tenha a divisa
De livre devoto ;
Quem beba sem susto, quem dê seus amores
Ao bom S. Martinho !

Os santos são muitos, mas tão populares
Como é S. Martinho,
Com tantos festeiros, com tantos altares
Não ha nenhum santo ;
Nem quem mais mereça singelos amores
Do que é S. Martinho !

No dia da festa do santo mais santo
Da Côrte Celeste ;
Saudemos alegres, aqui neste canto,
Quem bebe bom vinho ;
Jurando devotos eternos amores
Ao bom S. Martinho !

A ALCACHOFRA.

AO MEU AMIGO J. DE MACEDO.

O que diz esta alcachofra,
Queimada por intenção,
Da bella por quem suspiras
Em noite de San João?

Bem queimada e requeimada
Cá por ti a queimei eu;
Oxalá que nos rebentos
Me revele o fado teu.

Alcachofra reverdece,
Cobra de novo vigor;
Vem ao menos por descuido
Ser mensageira d'amor.

E queimei uma alcachofra
Só por tua intercessão;
As alcachofras não mentem
Em noite de San'João.

Tenho fé nesta fogueira
Accêsa por minha mão,
Com fadigas e trabalhos
Em honra de San'João.

Ahi vai essa alcachofra
No teu fogo arder... arder,
Antes que murche de todo
Que não chegue eu tal a vêr.

Que esta alcachofra queimada
Deve servir de signal,
Se um coração de donzella
Póde, ou não, ser desleal.

Tenho fé nesta fogueira
Accêsa por minha mão,
Que fallará a verdade
Em honra de San'João.

Não me deixeis mentiroso
Nesta minha devoção;
Dizei-me toda a verdade
San'João, meu San'João.

É consulta que vos faço
Por outrem... que não por mim.
Far-vos-hei uma fogueira
Toda de pés d'alecrim,

Se esta alcachofra queimada
Inda chegar a brotar;
Pois é certo que a donzella
Póde inda chegar a amar.

Ahi vae essa alcochofra
De um amigo em devoção;
Dizei-me toda a verdade
San'João, meu San'João.

*

O que disse a alcachofra
Queimada por intenção,
Da bella por quem suspiras
Em noite de San'João?

Oh! dizer-t'o eu não quizera,
Que triste nova te dou:
Ao nascer do sol brilhante
A alcachofra murchou:

E ficou tão requeimada,
Como eu não podia crer,
Que o amor d'uma donzella
Assim podesse morrer.

Mas não creias na consulta;
Foi feita do coração
Mas os santos tambem mentem
Em noite de San'João.

LIVRO III.

On parlera de sa gloire
Sous le chaume bien long-temps.
L'humble toit, dans cinquante ans,
Ne connaîtra plus d'autre histoire.

BÉRANGER.

GOMES FREIRE.

18 DE OUTUBRO DE 1817.

De frontes curvadas, pendões abatidos,
Acerquem-se todos de lucto em signal:
Faz annos agora que em prantos sentidos,
O povo chorava do meu Portugal.

Se todos me juram segredo constante,
De nada que ouvirem contar a ninguem;
Faz annos agora . . . talvez n'este instante,
Que um velho soldado chorava tambem!

Chorava: que o pranto nas faces rugosas,
Não sendo de medo tambem tem logar:
Ha coisas na vida, p'ra nós tão penosas,
Que só nos esquecem depois de chorar.

Ha gente que pensa que deve um soldado,
A sê-lo devéras não ter coração.
Eu digo que é falso, que vive enganado
Quem nega nos bravos tão nobre paixão.

Chegae-vos vós todos. De frontes curvadas
Prestemos tributo devido ao valôr.
Agora calados; deixae, camaradas,
Fallar-vos os prantos na voz do tambor.

Lá rufam na praça, lá choram sentidos
A morte, tão triste! do meu general.
Prestae-lhe vós todos attentos ouvidos,
Chorae-lhe de longe no seu funeral.

A mim, que entre ballas o vi socegado,
Que posso jurar-vos que nunca tremeu,
Compete contar-vos, á fé de soldado,
O modo distincto por que elle morreu.

I.

Hoje que pouco valemos,
Peccado não sei de quem;
Que das Quinas tão temidas
Já se não lembra ninguem;
É bom, fallando de guerra,
Contar coisas d'esta terra.

Os velhos principalmente
Tem bastante que contar:
Que, sem desfazer nos novos,
Deram bem de que fallar,
Foi do tempo. Que a bravura
Hoje mesmo ainda dura.

Todos nós temos nas veias
O mesmo sangue d'então.
Só nos falta haver motivo
Que nos falle ao coração:
É tentar-nos com revezes,
Se querem ver portuguezes!

Mas d'isto ninguem duvida
Por menos de boa fé :
Que são sobejas as provas
Que nos ficaram de pé,
De que só com muito geito
Nos conservam em respeito.

Orgulhos de pouco valem,
E mesmo nada p'r'aqui :
Vou contar-vos as façanhas
D'um homem com quem servi,
Que não se dobrava a peitas ;
Que era soldado ás direitas.

Talvez por isso, coitado,
Soffresse como soffreu !
São coisas cá d'este mundo,
Quem mais faz menos mer'ceu.
Quem quizer ser bom soldado
É pôr de parte o ditado.

II.

É das coisas que me custa,
Por honra de Portugal,
Vêr como morreu na fôrca
Um valente general,
Que expozera a sua vida
Por vêr a nação remida!

Por isso o povo chorava
Como eu nunca vi chorar:
Eram lembranças sentidas
Da guerra Peninsular;
Eram saudosas memorias
D'essas brilhantes victorias.

Eu que fui seu camarada,
Em tão renhidas acções;
Que o vi sempre sorrindo
Na frente dos pelotões;
Chorei-lhe a morte devéras,
Dei-lhe lagrimas sinceras.

Quizera que vós o visseis,
'Como eu o vi tanta vez'
Quando as ballas se cruzavam,
Recrescer-lhe a impavidez.
Não sei isto por que seja,
Todos lhe tinham inveja!

Eram sem conta as medalhas,
Todas ganhas em acção,
Como nem sempre se viam
Brilhar nas fardas d'então:
As que ao peito lhe pendiam
Nem todos lá as mer'ciam.

Por isso invejas, ciumes,
Dos que não podem valer,
O levaram sem justiça
Tão triste morte a morrer.
Quem s'escapára das ballas,
Morreu d'intrigas das salas.

Foi deshonra aquella morte!
Foi vilanía sem par!
Nem se atreveram, covardes!
A manda-lo fusilar:
Temiam os seus algozes
Que lh'esquecessem as vozes?!

Quem viu a morte tão perto,
Como Gomes Freire a viu,
Não sabe temer de coisas
Que tantas vezes sentiu.
Embora ôccos alardes,
Foram elles os covardes.

III.

Soldados nunca souberam
Do que na côrte se faz:
São coisas muito pequenas
As que se tratam na paz,
Para a gente curar dellas
Dando pêso a bagatellas.

Por isso não me perguntem,
'Que é negocio que não sei'
Como mataram um homem,
Sem por si terem a lei:
São encargos dos juizes
Condemnarem infelizes.

Cá a mim só me compete
Contar-vos como morreu.
Dizer-vos por honra nossa
Que até ao fim não tremeu;
Firme sempre no seu posto,
Nem sequer mostrou desgosto.

Pois soffreu como bem poucos,
Podem ter soffrido assim.
Se me pertence tal sorte
Deus se condôa de mim.
P'ra ser má aquella gente,
Nem respeitou a patente!

Despiram-lhe até a farda!
Tinham medo de cegar,
Vendo-lhe aquellas medalhas
Que elle soubera ganhar:
Que ninguem sem covardia
Do peito lh'as tiraria!

Pois tirou-lh'as a justiça,
Se ha justiça na traição.
Eu por mim sempre apostára
Que tremeu bastante a mão,
A quem ousou, sem respeito
Manchar-lhe as cruzes do peito.

Foi estrangeira a sentença.
Qu'eu não sei d'um portuguez,
Que sem remorsos fizesse
O que o B'resford cá nos fez:
Era nosso irmão na guerra
Mas filho d'estranha terra!

IV.

Por mais que queira não posso
Deixar aqui de chorar;
Faz pena vêr isto tudo
Sem se poder emendar:
Vêr um soldado valente
Acabar tão tristemente.

Em quanto o tiveram preso
Só uma coisa pediu;
Esquecendo-se de tudo,
Só um desejo sentiu;
O de morrer triumphando
Dando as vozes do commando!

Até esse nobre orgulho
D'um portuguez coração,
Lhe negaram os algozes
Da nossa pobre nação:
Não morreu como soldado
Morreu na fôrca, coitado!

Foi-se de corda ao pescoço
O meu pobre general,
Morrer aviltante morte
Na sua terra natal;
Sem lá ter um camarada
A quem desse a sua espada.

Sem lá ter quem lhe fallasse
Das batalhas em que entrou;
Quem lhe lembrasse os combates
Que elle mesmo commandou;
Repetindo-lhe as façanhas
Das nossas velhas campanhas.

Nada d'isso. Pobre d'elle,
É a dôr que mais me doe;
Vêr assim abandonado
Aquelle valente heroe;
A quem, mau grado aos tyrannos,
Chorámos por tantos annos.

V.

Curvae as frontes agora,
Curvae-as até ao chão;
Faz annos que n'esta terra
Era tudo uma paixão:
Faz annos . . . que a liberdade
Morria ás mãos da maldade.

Faz annos, que nós soldados
Chorámos n'um general
A morte d'um bom amigo,
D'um filho de Portugal,
D'um homem que n'esta terra
Fòra modêlo na guerra.

Curvae as frontes soldados,
Curvae-as até ao chão:
Que lá resôa na praça
O triste som do canhão;
Dizendo a quem não sabia
Que é de lucto inda este dia.

Soldados antigos que viram na guerra,
Nascerem-lhe as barbas, crestar-se-lhe a tez;
Fallando dos bravos que teve esta terra,
A morte lamentam d'um bom portuguez.

Lamentam-lhe a morte: mas sentem no peito
Orgulho de terem na terra natal
Seguido um soldado, que ás ballas affeito,
O nome de todos deixou immortal.

O VETERANO.

Eu sempre que fallo das nossas façanhas,
Me sinto orgulhoso de ser portuguez;
Que são ellas tantas, tão grandes, tamanhas,
Que nunca, que eu saiba, ninguem inda as fez.

Bem sei que ellas perdem do muito que valem
Em serem contadas descriptas por mim:
Mas como ellas foram bem poucos as sabem,
Não hei de deixa-las morrerem assim.

Vae nellas a honra, vae nellas o nome
De nossos briosos valentes avós:
Se a terra de ha muito seus ossos consome,
Do que elles fizeram lembremo-nos nós.

26

Lembremos, que os loiros por elles ganhados
São delles, são nossos, são desta nação;
Nem ha quem possa trazer desherdados
De coisas que a fama deixou tradicção.

Chronista de velhas, antigas memorias,
O tempo mal póde faze-las morrer;
Que foram selladas ao som das victorias,
De quem sempre soube na lucta vencer.

Vet'rano na honra, vet'rano na guerra,
Um velho soldado contou-me esta acção:
Que em versos traduzo por honra da terra
Que reina, que vive no meu coração.

I.

Contar o conto seguido
Não sei eu se o contarei,
Que nestas coisas de guerra
Em que por vezes me achei,
Desfigura-se a verdade
Sem tenção e sem maldade.

Contar finuras das salas,
Repetir casos de amor,
Contados inda de leve
Não lhes dou maior valor:
Que não ha honras perdidas,
Nem nisso p'rigam as vidas.

Fallando dos camaradas,
É como fallar d'el-rei;
Que foram todos valentes,
E portuguezes de lei;
Os de hoje, são d'outra raça,
Melhor fôra não ter praça.

Vet'rano fiz as campanhas
Da guerra Peninsular,
As cicatrizes do velho
Dão-lhe direito a ralhar,
Qu'inda agora se não dera
Ter aqui outra Albuera!

Doidices de velho tonto,
Que havia d'eu lá fazer?
Com setenta annos d'edade
Já não sou p'ra combater.
Olha quem! Todo ferido,
Ficava logo tolhido!

Que senão . . . cala-te bocca
Que me não sinto capaz,
Era bom fallar altivo
Nos meus tempos de rapaz;
Agora . . . qu'importa a edade!
O valor dá mocidade.

Mas deixemos as bravuras
Que se não podem provar:
Aqui estão as cicatrizes
Que, essas sim, podem fallar,
São cinco, todas na frente,
A dizer que fui valente,

Valente, não . . . fui soldado
Como foram todos mais,
Por essas terras da Beira
Deixámos vivos signaes.
Deixámos. Oiçam o caso
De um pobre soldado raso!

II.

Corria o segundo cêrco
Da praça de Badajoz;
Eram mais os defensores,
Mas menos bravos que nós.
Façanhas d'aquelle dia
Toda a gente as juraria!

Eu então inda era moço,
Era valente e leal;
Defendia as coisas santas
Da minha terra natal;
Em coisas desta valia
Não póde haver covardia.

Não póde, que é não ser homem,
E não ter um coração;
É renegar das bandeiras
De soldado e de christão;
É esquecer-se da terra
Que os ossos dos seus encerra!

Tinha então na companhia
'Que de lagrimas chorei'
Um amigo como ha poucos
Como eu nunca mais terei,
Morreu no cêrco, coitado,
Morreu a mim abraçado.

Inda agora me recordo
Do legado que legou;
Tenho uma filha innocente
Que sua mãe me deixou.
'Que grande dór foi aquella'
Amigo! tem-me dó d'ella!

E morreu como um soldado,
Sabe no campo morrer,
Se tem fé no que defende,
Como elle sabia ter.
Oh! se tinha! era um modelo,
Bastava sómente vê-lo!

E eu jurei vingar-lhe a morte
Como se fôra de irmão;
Para m'ir nas avançadas
Pedi ao meu capitão;
Alcancei. Que elle sabia
Qual a dôr que me doía.

III.

Ao outro dia houve ataque
Como não me lembra vêr,
Mais renhido pelos nossos
Mais tenaz em defender!
N'aquelle troar profundo
Par'cia acabar-se o mundo!

Só a mim me não lembrava
Mais que a perda que soffri;
Atirei-me aos parapeitos
Tão cego que nada vi:
Se eu não tinha alli vontade
Que não fosse a da amisade!

Só me lembraram as ballas
Depois do fogo acabar,
Tinha já duas no corpo
Sem de tal me recordar:
Se as podéra ter sentido
Desejando haver morrido!

Francezes que lá ficaram
Á conta d'aquella acção,
Se chorou alguem por elles,
Só se foi Napoleão.
Para não terem amores
Bastavam ser invasores!

Eu por mim sem este braço
Já lhes não fazia mal;
Tinha-o perdido sem custo
Por este meu Portugal;
D'um mutilado vet'rano
Lhes não vinha a elles damno.

A cruz que tenho na farda
Custou-me bem a ganhar,
Compradas por este preço
Poucos as querem comprar:
Não sei que melhor mercado
Possa fazer um soldado!

Tive baixa do serviço,
À minha terra voltei;
Não direi aqui a todos
Se no momento chorei;
Tinha alli junto comigo
A filha do meu amigo!

IV.

Por trinta annos fui soldado,
Bastantes terras corri:
Olhos pretos que ella tinha,
Mais lindos inda os não vi.
Eram d'estes que fallavam
Mesmo quando se abaixavam!

Foi crescendo, foi crescendo,
Fez-se bonita sem par:
Com taes dotes quem podia
Vê-la uma vez sem a amar?
Eu por mim, mais era velho,
Não cria n'outro Evangelho.

Tinha mais fé n'aquelle anjo
De singelo coração;
Do que nós tinhamos tido
Na guerra do Rossilhão.
É que em ter grandesa d'alma
Ninguem lhe levava a palma.

Casou-se. Fiquei sósinho,
Sem que no meu funeral
Haja quem conte aos visinhos
O que fiz por Portugal!
Morrerei tão deslembrado,
Como vivi em soldado.

Morrerei como quem serve
Com disvelo o seu paiz;
Que as honras cá neste mundo
Parecem ser só dos vís:
Eu por mim, pobre vet'rano,
Já colhi o desengano.

Testamento não n'o tenho,
Que morro como vivi,
Como morrem os que servem
Com zelo como eu servi:
Que só pedem, como eu peço,
Se não esqueçam de mi!

Agora que sabem da vida ao soldado,
Escutem, attendam, verão o final.
Morreu-se sem honras, morreu-se coitado,
Sem ter quem lhe fosse no seu funeral.
Morreu esquecido, morreu deslembrado
Quem fôra soldado valente e leal;
Quem déra o seu sangue por vêr resgatado
O solo opprimido do seu Portugal!

Vinguemos-lhe todos o fado inhumano,
Resando por alma do pobre vet'rano.

O GRANADEIRO.

Um velho soldado, que foi granadeiro,
Ferido no Penço, e em Fuentes d'Honor;
Tem sempre por timbre fallar verdadeiro
Em casos que resem de guerra e de amor.

Ouvi-me este conto rapazes da aldeia,
Que a todos contrista, que a todos põe dó:
Se minto... que eu veja p'las horas da ceia
Os ossos mirrados do velho Junot.

Não minto, não minto, lá está Talavéra
Que ao peito por bravo me poz esta cruz:
De pô-la na farda capaz eu não era,
Mentindo a creanças á face da luz.

Lá vem o meu nome nas ordens do dia
Que os bravos recordam da Peninsular.
Tres vezes contuso, luctei á porfia
Em quanto os francezes não vi retirar.

Ouvi este caso. — Memorias encerra
Que até ao conta-las vacila-me a voz;
Quizera-me eu antes em trajes de guerra
Defronte da velha gentil Badajoz.

Quem era valente ' covardes não tinham
As alas robustas dos tempos d'então '
Sorria-se ás ballas, que mortas já vinham
Saudarem gemendo da patria o pendão.

Que tempos aquelles! que tempos meus netos!
Eu quasi que affirmo não vem outra vez.
Deixemos tristesas. Eu quero-os quietos;
Lá vae este conto que é bem portuguez.

Juntae-vos em roda. Quadrae-vos na frente,
As leis do meu conto prohibem dormir.
Um velho soldado não joga, nem mente.
Alerta rapazes que queiram ouvir.

I.

Ha muita gente que falla
Da guerra Peninsular;
Mas ha pouca que eu conheça,
Que vol'a possa contar,
Como ella foi na verdade
Tão rica de heroicidade!

Ha muitos livros que resam
Do que o povo por lá fez;
Não sei lêr, que se soubesse,
Na guerra contra o francez,
Ao que eu fui d'elogiado,
Não morreria soldado.

Mas que não contam da guerra
Como ella devéras é,
Para mim tenho-o por certo
Como um artigo de fé:
É mister de muita manha
P'ra fallar d'uma campanha,

Apostára os uniformes
Com certeza de ganhar,
Que não vem em nenhum livro
O caso que eu vou contar;
Só se agora elles me ouvissem,
E depois m'o traduzissem.

É amor d'um camarada
Valente como um leão:
Condecorado em Urdach
Mais em S. Sebastião;
Por tres vezes promovido
Já depois de estar ferido.

Salvo seja, aqui no peito,
'Podeis-vos fiar em mim'
Duas ballas lhe bateram
No combate de Mondim.
Sinto orgulho verdadeiro,
Era tambem granadeiro!

Eu o vi com estes olhos
Que a terra tem de comer,
Inda depois de ferido
Porfiar em combater;
Dizia elle que o braço
Nunca cedia ao cansaço!

Deixae-me chorar, rapazes,
Foi valente por seu mal;
Seis soldados como aquelle
Não tornam a Portugal!
Sempre firme e aceiado;
Aquillo é que era soldado!

II.

Estes contos não se levam
Bem ao fim sem se fumar;
Sem cigarro não sou gente,
Nunca pude trabalhar;
Nem os artigos de guerra
Prohibem o cigarrar.

Lá vae agora o meu conto
Sem haver interrupção.
O meu Pedro, além de bravo,
Era um lindo mocetão;
Era o rapaz mais bem posto
Que havia na divisão.

Diziam-n'os inglezes,
Que o B'resford mandou p'ra cá,
Que soldados como o *Trinta*
Não conheciam por lá.
Que elles mesmos o dissessem,
Orgulhosos! — Quem dirá!

Uma linda vivandeira,
Para todos nós cruel,
Namorava o nosso Pedro
Com amor o mais fiel;
Em signal do seu affecto,
Já lhe déra o seu annel.

Elle mesmo até fallava
Em lhe dar o coração;
O padrinho do noivado
Era o nosso capitão;
Do morgado era madrinha
A Virgem da Conceição.

Coitado d'elle e mais d'ella,
Tiveram bem negro fim!
Se haviam ser desgraçados
Antes morrerem assim.
Coitados são dos que ficam,
Coitado será de mim.

Tocam sinos a rebate,
Rufa na praça o tambor!
Alerta! que são francezes!
Alerta contra o traidor!
Oiçam agora calados
O final de tanto amor!

III.

Nos campos de Roncesvalles,
Ondè morrèra Roldão,
Duas ballas inimigas
Vararam o coração
Do soldado mais valente,
Qu'entrára n'aquella acção.

Em valor e sangue frio
Não havia outro egual;
Era um gosto vê-lo firme
N'uma batalha campal:
Todos nós da companhia
Lhe fomos ao funeral.

Deixou á pobre Maria,
Que fôra sempre fiel,
Um lindo Christo doirado
Em troca do seu annel:
Deixou a cruz de campanha
Em legado ao meu c'ronel.

Deixou á mãe que era velha
Os uniformes e pret:
P'ra mostrar aos camaradas
Que se morrêra com fé,
Mandou resar por sua alma
Tres missas ditas na Sé.

Tudo o mais de que elle usava,
Eram pertenças do rei.
Pelas suas, que eram novas,
Minhas armas eu troquei.
Mas posso dar testemunhas
De que nunca as deshonrei.

E morreu como um valente
Té mesmo sem praguejar.
Só poucos minutos antes
Do momento d'expirar,
Pela Maria lhe ouviram
Mui de manso perguntar!

IV.

Por onde andará Maria?
Nunca mais ninguem a viu!
Ha quem diga que foi morta,
Ha quem conte que fugiu;
Ha mesmo quem assevere
Que do campo se evadiu.

Nos postos mais avançados
A foram por fim topar!
Recostada sobre a relva
Sem bolir, nem respirar!
Morrêra tambem a triste,
Morrêra sem se casar!!

Agora vou eu contar-vos
O modo porque morreu.
Tinha a mão posta no peito,
Sobre o rosto um denso véu,
Um Christo poisado ao lado,
Os olhos fitos no céu!

Mal haja quem assim póde
Deixa-l'a no mundo só.
Mal haja a sombra mirrada
D'esse nefando Junot.
Mal haja quem este conto
Possa ouvir sem sentir dó!

Agora, meus netos, á paz dos finados,
Tão cedo cortados da vida em botão,
Vos peço, se ainda estaes delles lembrados,
Por alma dos noivos, fervente oração.

JUISO CRITICO.[1]

A poesia, em todos os paizes, revela-se ao talento debaixo de certas condições de nacionalidade, porque a litteratura é tanto mais fecunda, quanto melhor as suas raizes profundam no solo da patria. Que verdor de inspiração não sente o poeta, recordando as montanhas, os bosques, os prados, aonde a sua mocidade se passou no delirio das illusões primitivas? Quem esquece nunca a fonte, aonde matava a sêde, o sol nas differentes estações da sua luz, a brisa suave da noute,

[1] Do Capitulo x. dos *Ensaios de Critica* do Sr. Lopes de Mendonça extrahimos o seguinte juiso ácerca das poesias do Sr. Palmeirim. Apresentamol-o mais como illucidação ao texto, do que como recommendação do livro.

O Edictor.

o bulcão tremendo do inverno, que o fazia estremecer e conchegar ao seio materno — todos esses phenomenos da natureza, sempre reproduzidos, e sempre novos, que resurgem no meio da sua vida d'homem, como as lembranças suaves d'um sonho feliz?

As propensões esthelicas d'um povo devem ser para a poesia o objecto do mais cuidadoso estudo. É alli que o genio indigena se avalia, e se conhece; é alli que a poesia toma os seus mais brilhantes e mais sagrados vôos. Neste ponto, as nossas opiniões talvez se affastem das crenças recebidas. A poesia vive, exalta-se, idealisa-se pela inspiração, e quanto mais proxima fôr a inspiração dos instinctos populares, tanto mais poderosa, tanto mais energica deve ser. Béranger para nós não é só o poeta mais popular, é o primeiro poeta da França. O seu genio abrange a reflexão e o instincto, a paixão e o sentimento: o seu nome e a sua gloria hão de durar em quanto existir essa França, cujo coração elle traduz em cantos immortaes.

Em quanto o mundo existir harmonicamente dividido nesses grandes systemas que se chamam nações, o talento hade buscar a sua esphera de actividade no povo, caracterisar a indole, as tradições, as aspirações diversas da sociedade, aonde elle nasceu, e se creou.

Por maior que seja a força invasora da civilisação, por mais poderoso que seja o seu principio essencial, que tende á unidade — não poderá apagar nem as differenças de sangue e de raça, nem

o cunho especial da nacionalidade, que não vive só nos monumentos, nos livros, nas tradições oraes, reside tambem no clima, no céu, na natu-resa, que a civilisação póde modificar, mas nunca transformar de todo.

É evidente para nós, que a imitação servil estrangeira desfigura e empobrece as litteraturas. Que se estudem as paixões geraes, as paixões *typicas* do coração, isso queremos nós: que se force a inspiração a reproduzir as *nuances* locaes da poesia estrangeira, isso imprime á arte um caracter facticio, que limita a sua influencia nas turbas, acanhando a acção das lettras nos phenomenos do desenvolvimento civilisador.

Dizer que o sr. Luiz Augusto Palmeirim é o mais popular dos nossos poetas modernos, é repetir apenas uma convicção recebida. E é por isso mesmo o mais difficil de avaliar: *Villemain* já disse — 'a poesia é uma cousa sem nome, que muitas vezes não tem feições distinctas, é um capricho da alma, e com ella a impotencia da analyse é o triumpho do gosto.'

Esta asserção, sem ser absolutamente verdadeira, tem agora uma evidente applicação. Como poderá o critico ir com o poeta ouvir o *lobis-homem*, sentir a mão mirrada da *bruxa* pousada nas faces, sonhar com *uvas-pretas*, ou ir bailar com a ceifeira no campo, allumiado pela lua, e bafejado pelas auras bonançosas do estio? Como poderá ter voz para acompanhar o Veterano da Peninsula, nos seus contos de sentimento, e de patriotismo — chorar o Camões como o poeta o chorou, amar

a liberdade como elle, tão melancolica, tão intimamente, com a alma afogada em pranto, com o coração tão palpitante de enthusiasmo, e de uncção apaixonada? Dizer ao grande poeta:

> Que poeta que não era
> Da linda Ignez o cantor,
> Quem mais do que elle dissera
> Desse fero Adamastor.
> Era um astro fulgurante,
> Era um poeta gigante,
> Tinha mais alma que o Dante,
> Cantava com mais amor.

É uma alma poetica aquella que s'exhala em mimosos cantos, que se lêem sem se poderem analysar, aonde se vertem lagrimas, sem se poderem discutir!

Que importa um verso mais frouxo, uma comparação menos exacta, um som menos harmonico, se áquella poesia se póde applicar o que diz *Mad. de Stael* na sua *Alemanha:* 'Podemo-nos isolar na arte, como na vida, e elevar-nos um momento acima de tudo o que se passa em derredor de nós, e em nós mesmos.'

A poesia, n'alguns talentos, nada é mais do que a acção reprimida: n'outros, desinvolve-se, robustece no tumultuar dos acontecimentos, na corrente impetuosa da acção social e politica.

O grande vôo do Sr. Palmeirim data positivamente da gloriosa revolução de 9 de Outubro: nisso o seu destino assemelha-se ao destino de todos os poetas, que sentiram accordar a sua mis-

são nas emoções pungentes e dramaticas d'uma guerra, e d'uma causa justa.

Corria o anno de 1847 — o Porto estremecia de enthusiasmo, e de devoção pela sorte da revolução popular. De repente o abatimento succedeu á alegria, os gemidos de angustia aos brados de victoria. Quarenta irmãos d'armas, a maior parte dos que haviam alçado o estandarte da liberdade nas praias do Mindello, tinham partido para os sertões inhospitos d'Africa. A dôr chegava ao delirio, era profunda, e immensa como esse tremendo attentado ; luva de despreso arremessada ás faces de todo um povo. Não queremos exaggerar o que todo um exercito presenciou : não tentamos envenenar as feridas, que o tempo já cicatrisou no coração do paiz : mas todos avaliam os transidos crueis que deviam dilacerar o peito dos irmãos d'armas daquelles que haviam combatido pela mesma causa, e soffrido os mesmos revezes.

O theatro de S. João estava apinhado de povo : apenas se ouvia o respirar anciado de todos aquelles peitos, e um como rumor descosido de vingança, que agitava a imaginação dos menos exaltados. D'improviso, sobre a onda daquellas cabeças, ergueu-se um semblante pallido, com os cabellos em desordem, com os labios affastados por uma crispação nervosa, com o olhar brilhante de colera, e de inspiração, e resumiu n'uma poesia o pensamento vago de todos aquelles homens, perplexos entre a dôr e a vingança. É pena que a não possamos estampar aqui : a inviolabilidade será uma maxima eminentemente constitucional,

mas é um dos mais fortes obstaculos para a arte, e para a poesia. Felizmente em tempos de revolução, a inviolabilidade fica restricta aos paços de quem a possue.

O poeta firmou por essa occasião uma das faces mais caracteristicas da sua physionomia litteraria: era o poeta da nacionalidade, não da nacionalidade que se revê melancolica no que fomos, mas da que rasga com um olhar de esperança, e de fé as nuvens que encobrem o horisonte da nossa regeneração: e é esse mixto de popularidade, e de reflexão, de genio nacional, e de aspiração philosophica, que constitue uma das grandes superioridades do sr. Palmeirim.

O que se nota sobre tudo no joven poeta são as tendencias progressivas: de dia para dia, de poesia a poesia, sem atraiçoar a sua individualidade, elle vae abrindo, desabrochando melhor o seu talento. O sr. Palmeirim possue a fecundidade verdadeira, não a da quantidade, mas a da qualidade, a mais preciosa, a unica que póde realmente merecer esse nome.

Ha reputações, e poderiamos assignala-las por ahi, que alcançando os seus momentos de gloria, se hão de esvaecer com essas bellezas frageis, que se abatem e envelhecem ao primeiro ou segundo filho: ha outras que abandonando o culto sagrado, hão de cansar-se em producções industriaes, mecanicas, e reduzir o talento a uma especie de petulancia physica, que nem engrandece a arte, nem satisfaz ás necessidades litterarias do publico.

Sainte Beuve escrevia ainda ha pouco: ‘ Entre

os homens que se consagram aos trabalhos do pensamento, nada é mais difficil de encontrar do que uma vontade no seio de uma intelligencia, uma convicção, uma fé.' E é assim: uma das grandes doenças do seculo é querer comprehender sem crêr, absorver idéas, sem que o espirito as acceite, finalmente girar no mundo intellectual, sem centro, sem pertencer ao systema harmonico de um dogma politico, philosophico, ou social. Ha hoje evidentemente uma serie de talentos sem orbita, que correm ao acaso, que se despenham, que se elevam sem paixão, nem desejo. Toma-se uma crença por moda, abandona-se por indifferença: uma porção das vocações ultimas, recae neste terrivel defeito — defeito que annuncia um symptoma de proxima decrepitude. A poesia lyrica não póde deixar de abraçar uma parte das questões, das idéas que agitam a humanidade; e como póde o *legitimista* cantar a liberdade, a revolução, se elle nem se inspira vivamente do passado, nem lhe cumpre acceitar a iniciativa do presente, e do futuro? Como póde o atheu fallar de Deus, ou o sceptico idealisar as illusões da vida, do coração, da sociedade? Como póde fallar do soffrimento, quem nasceu embalado entre os regalos da vida, e despresar a riqueza e o poder, quem veio ao mundo rico e poderoso?

Neste ponto, a poesia moderna tem caído n'uma exageração, procurando artificialmente simular, traduzindo dos outros, affectos e commoções que nunca sentiu. Creiam n'alguma cousa, creiam deveras, se por ventura desejam apresentar-se

com uma physionomia propria, independente e regular.

O sr. Palmeirim é uma das valiosas excepções a estas deploraveis tendencias. É por isso que lhe prophetisamos mais do que as estereis palmas, que contentam a vaidade, sem satisfazer a critica. Corre por *mares nunca d'antes navegados*, mas tem bussola para se guiar na procella, e ferro para ancorar no desejado porto.

Porque se não ensaia o poeta n'um trabalho em prosa, de folego, de dimensões largas? Crêmos que havia primar nelle, e que alcançaria um estylo original, exclusivamente seu: pedimos isto para a prosa, porque a prosa, coitadinha! á parte brilhantissimas excepções, anda perplexa entre o sublime e o ridiculo: ha muitos escriptores, e talvez nem uma duzia de prosadores, que mereçam deveras este nome glorioso.

E fico no desejo, sem esperanças de que o alcance: porque isto fica entre nós e o leitor, o nosso poeta é preguiçoso, preguiçoso como poucos poetas, quasi tanto como intelligente, e talentoso. E se Horacio dizia de Homero que adormecia ás vezes, este dorme mezes a somno solto . . . mas sem produzir. É pena! Mas antes uma preguiça contra a qual se protesta com tão bellas inspirações, que essas actividades parvas, que a naturesa por nossos peccados não creou preguiçosas.

LOPES DE MENDONÇA.

NOTAS DO EDICTOR.

NOTAS DO EDITOR.

Nota A.

O Suicidio . . . . pag. 113.

Entendemos não dever fechar este volume de poesias, sem algumas notas que nos parecem indispensaveis, umas vezes como illucidação do texto, outras, como complemento a algumas das poesias nelle contidas. Começamos por transcrever aqui a seguinte poesia do Sr. J. da C. Cascaes, intitulada 'O Suicidio' em resposta á publicada pelo Sr. Palmeirim, a paginas 113 deste volume.

O SUICIDIO.

AO MEU AMIGO, O SR. L. A. PALMEIRIM.

Whether 'tis nobler in the minde to suffer
The stings and arrows of outrageous fortune,
Or to take arms against a sea of troubles,
And by opposing end them?

Shakspeare.

Mancebo, teu passo incerto,
Teu magoado parecer,
Dizem, que ondêas aflicto,
Nos mares do padecer.

Vais (tu dizes) em juizo
Dar a vida a quem ta deu:
Se em juizo, os mais roubamos,
Ninguem rouba o que é seu.

Se marchas com passo incerto,
Como vaes tu em socego?
Porque te lembras da vida,
Se já lhe não tens apêgo?

Buscas, o termo á teus males
No provir, que a morte dá;
Mas, desse paiz das sombras,
Que romeiro veio já?

Quem disse, que além da campa,
Da vida as penas dão fim?
Que o fio do mal se quebra,
Que a sepultura é jardim,

Onde reflexos tremulam
Dos raios, que a lua envia,
Nas aguas depositadas,
Em eliptica bacia?

Onde vive, namorando
O nascer e o pôr do sol,
No trinar de seus gorgeios
O plumoso rouxinol?

Onde, a viração ligeira,
Em doce beijo fremente,
Da flor o calice abrindo,
Roubando á flor a semente,

Converte o furto em riqueza;
Uma só morte fingindo;
Em cada bágo, mil flores,
Mil vidas reproduzindo?

Olha, se o cantor divino
Tão querido meu e teu,
Tasso por vingar despresos,
A si proprio a morte deu.

Não deu, não: soffrendo tanto,
Poz no céu toda a vingança;
Com fé viva, a Deus s'offerece;
E se pena, — em Deus descança.

¡ Justiça! — Já Roma applaude.
Clemente desce do sólio,
Vae por suas mãos sagradas
Coroal-o no capitolio.

Já é tarde! Mundo injusto,
A coroa, que outros honrára,
Não quiz Deus, que honrada fosse,
Pelo cime de Ferrára.

Melhor corôa, que não murcha,
Cinge, ó Tasso, a tua fronte;
Claro sol, de nuvens puro,
Eterno, — sem horisonte.

— E o cantor de tuas glorias,
Portugal, o teu Camões?
O filho, que á mãe deu vida,
O melhor de seus brasões?

Coitado! padece, esmolla,
Vê a patria que desaba;
Roga a Deus, que o chame, o leve;
Assim morre; a patria acaba...

Oh! mas nunca o termo solta,
Da propria destruição;
Termo, que os braços armára
De Gilbert, e de Catão.

Vê no ceu juizo seguro,
Do que fez, do que lhe fazem ;
E resigna-se, e recebe
As esmolas, que lhe trazem !

Pois covarde, ninguem diga,
Esse braço, ás armas feito,
Maior esforço não houve,
Nunca teve humano peito.

Vêde-m'o, a vencer as ondas
Empregando uma só mão !
A perder o sangue, a vista. . .
¿ Mais valor teve Catão ?

Acaso foi mais romano,
Do que o nosso — portuguez ?
Fez Catão mais pela patria,
Do que o nosso Camões fez ? !

— Vêr extincto, o que mais ama,
Quebra o animo a Catão ;
Dor maior Camões affronta,
É maior seu coração.

Um, vendo a patria que morre,
Foge á dôr de a vêr morrer.
Outro ainda ao vel-a morta,
Vive para a defender !

— Mancebo, suspende o passo ;
Se em teu braço vae a morte,
Desarma-o : talvez em pouco,
A ti volva amena sorte.

Ingrato, não menosprezes
O presente do Senhor :
Vê, que as féras o conservam ;
Não queiras ser-lhe inferior.

No painel da vida humana,
Tens quinhão a preencher,
Que luz, que sombra te caiba,
Toma a sorte por dever.

Embora, duro tormento,
Afflija teu coração;
Põe em Deus os olhos d'alma,
Mais força terás então.

Duvidas? Medita o livro,
Das acções de teus avós,
Dir-me-has, se elles mentiam,
E se não mentimos nós!

Abre as paginas modernas;
Verás o lume evangelico,
Nas trévas, alumiando
As prisões de Silvio Pellico.

A cada martyrio novo,
A cada mortal ferida,
Um novo raio d'esperança,
Surgindo de novo a vida!

Lê, medita esse thesoiro
De moeda sem egual;
Que o bem da vida não vende,
Não compra da morte o mal.

Dir-me-has, que mais esforço,
Se a coragem do suicida,
Se vivendo atormentado,
Martyr ser da propria vida.

NOTA B

O Sebastianista — pag. 169.

Transcrevemos, da 'Revista Universal Lisbonense,' a seguinte carta, remettida pelo auctor á redacção daquelle jornal, enviando-lhe a poesia intitulada 'O Sebastianista.' Serve de illustração, á nacional e popularissima lenda da acreditada vinda d'El-Rei D. Sebastião. Ei-la:

Sr. Redactor. — Remetto, para ser publicada no seu acreditado Jornal, essa lenda 'O Sebastianista,' que o meu orgulho de auctor me faz suppor com algum merito intrinseco.

Aborreço preambulos, porque de ordinario os que tenho visto, parecem escriptos de caso pensado para armarem á credulidade publica, fazendo passar por obras de cunho o que de sua natureza nasceu ôco e enfesado. É-me porém impossivel deixar passar este meu pequeno trabalho, sem algumas observações prévias.

Quando me lembrei escrever esta lenda 'O Sebastianista,' procurei de ante-mão possuir os materiaes que eu julgava indispensaveis para a construcção do meu edificio.

Apezar de Deus me não ter alluminado bastante, para me pôr ao nivel dos altos segredos da Seita-Sebastianista, procurei, como profano que era, rastejar-lhe os dogmas e mysterios, ajudado nesta improba tarefa, pelos escriptos e conselhos dos mais *abalisados prophetas*.

Passei dias inteiros abraçado com o meu Bandarra; e noites mal dormidas, em que se me não tiravam diante dos olhos as amarellas paginas, em que tinham sido depositadas as sagradas inspirações do 'Moiro de Granada,' e do 'Preto do Japão!'

Por vezes acordava sobresaltado, e posso jurar, *se necessario fôr*, que só de novo conciliava o somno, depois de ter lido, e relido com fé viva, e rebusta crença, as ardentes revelações da 'Madre Leocadia,' e um livri-

nho de má catadura, attribuido vulgarmente ao 'Beato Antonio,' que eu por mim, não creio que com tamanha santidade se occupasse em coisas d'aquellas.

Já vêem, os que lêrem a minha Lenda, se alguem a lêr, que não passa, nem podia passar, de um humilde traductor do que deixaram escripto apostolos de tanta valia. Em quanto á traducção, foi trabalho de consciencia; poderia demonstra-lo com copiosissimas notas, todas textuaes; mas corria-lhe o risco de afugentar os leitores, receiosos de tanta erudição da minha parte, para demonstrar uma coisa, que só muita crença, e um atilado estudo podem supprir.

Depois deste raciocinio resignei-me. É porém superior ás minhas forças deixar de declarar aqui, que tenho em meu poder um attestado de dois frades capuchos, em que juram aos Santos Evangelhos, que estiveram com D. Sebastião na Ilha Encoberta, no dia 30 de Julho de 1638!

Não devem comtudo receiar os crentes pela sorte do Desejado: porque, segundo os mesmos frades nos informam, andava sempre com dois leões por guarda de honra!

Vamos agora a fallar serio. Nada do que vae na Lenda é de improviso ou gratuito: as prophecias servem-lhe de base, e a minha *crença intima* suppriu o resto. A que veio então o preambulo? escrevi-o, porque entendo que se algum merito póde ter o 'Sebastianista' é depois de desapparecerem os escrupulos ao leitor sobre a verdade da tradição, base essencial e indispensavel ás composições deste genero.

Fica-me socegada a consciencia, tendo assim dado a todos os Sebastianistas em geral, e a cada um em particular, uma prova de quanto lhes respeito as crenças.

A quem ficar desconfiando de que escrevi estas linhas pela vaidade de fallar de mim, peço-lhe que pense melhor, e mais christãmente; antes de lançar ás costas do proximo um pecado mortal, de que o critico, e não eu, terá de pedir perdão a Deus.

NOTA C.

Não morri! .... pag. 177.

Publicamos em seguida a poesia do Sr. J. da C. Cascaes, bem conhecido poeta dramatico, dedicada ao Sr. Palmeirim, e que deu origem á poesia publicada a paginas 177 deste volume, e que é, na nossa opinião, uma das mais lyricas e perfeitas do Auctor.

O POETA DORMENTE.

AO MEU AMIGO O SR. L. A. PALMEIRIM.

Morreu-te o canto — poeta?
Sons da portugueza lyra,
Melodiosos vibrante:
Porque, a lyra, então quebraste?
Porque o teu éstro d'outr'ora,
Hoje um som della não tira?

Extinguiu-se ethéreo fogo,
Que alumia a mente — o peito,
Desses, como tu, poeta,
Que buscam da gloria a meta,
Sem parar, na lida insana;
Qual onda em pendido leito?

Finou-se a vestal formosa,
Que nutria o lume teu?
Sua casta virgindade,
Impensada leviandade,
Acaso manchára, — e logo
O sacro fogo morreu?!

Nem, já te vagueam sonhos
Na deserta fantasia;
Outr'ora, mundo habitado,
De flores, jardim ornado,
Abobada, em que fulgiam
Estrellas de poesia?

— Olha, bello, de mil fórmas
O matiz da natureza...
D'aurora, suave brisa,
A tormenta, que horrorisa,
A lua, por entre selvas,
Alcantis de rude aspereza.

O sentir d'humana especie,
Em seu modulo infinito;
Desventura, paraiso,
Nos segredos d'um sorriso;
N'um lance d'olhos furtivo
As queixas d'um peito afflicto...

Fundo ai, do centro d'alma,
Expressão d'acerba dôr,
De pobre, velho soldado,
Alma e corpo, á patria dado;
Por taça, de vil despreso,
Bebendo ingrato amargor.

Galhardia, honra, virtudes,
Das éras, que já lá vão;
Esses corações leaes,
Homens, d'um rosto, — não mais!;
Que bradavam com seus feitos
Ao mundo — somos nação!

NOTA D.

O Arabe . . . . pag. 193.

Esta poesia é traduzida do poeta Hispanhol, alguns annos residente em Lisboa, o Sr. Bermudez de Castro. Dando-lhe cabimento neste volume, cedemos, mais que tudo, ao desejo de dar a conhecer ao publico, pela traducção, um especimen da poesia moderna d'um povo tão nosso irmão, e tão pouco conhecido e avaliado entre nós. A Nação, que tem a gloria de possuir Zorrilla, Espronceda, Larra, e Martinez de la Roza, deve ser conhecida e avaliada, no paiz que conta no numero dos seus primeiros poetas, Garrett, Castilho, João de Lemos, e Serpa Pimentel. Foi este o nosso intuito, dando logar neste volume á traducção da poesia hispanhola 'O ARABE.'

NOTA E.

A Camponeza . . . . pag. 199.

Talvez não devesse ter sido aqui colocada, neste primeiro livro, o romance ou canção a que alludimos, visivelmente inspirada da bonina e singella poesia de 'BÉRANGER' intitulada, 'LE CHASSEUR ET LA LAITIÉRE.' Quando aqui a publicamos ainda não era intenção do auctor devidir o livro em tres partes, como depois fez.

NOTA F.

Luiz de Camões . . . . pag. 209.

Esta poesia do Sr. L. A. Palmeirim, publicada em todos os jornaes, e recitada em todos os Theatros da Capital, e a que o Auctor deveu o seu primeiro triumpho poetico, foi depois acremente censurada n'um jornal litterario, publicado em Lisboa, intitulado o 'PHAROL.' O

Sr. Palmeirim acceitou a critica, e a poesia 'Luiz de Camões' sai hoje correcta, em tudo a que alludiu o referido jornal.

A immensa voga que teve esta poesia, desculpa-nos de transcrevermos aqui o artigo publicado na 'Revista Universal Lisbonense,' em que narra o effeito que ella produzia, recitada pelo Sr. Rosa no Theatro de D. Maria 2.ª, servindo depois de estimulo, que pegou como moda, de ser estudada a declamação do verso portuguez, quasi que em desuso nos nossos theatros.

Esta poesia acaba de ser posta em excellente musica, pelo bem conhecido Maestro, o Sr. Angelo Frondoni, e cantada em varias philarmonicas e salões de Lisboa. O artigo a que nos referimos, e que diz respeito á declamação do 'Camões' pelo Sr. Rosa, é como se segue.

O CAMÕES.

O Sr. Rosa, recitando a poesia, seguiu os verdadeiros preceitos, que regulam a declamação moderna.

Facilmente se observava que havia sido estudada perfeitamente. O Sr. Rosa mostrou-se não só dominado pelo pensamento de cada verso, como tambem inspirado por algumas das palavras mais notorias, em que o poeta havia tambem deixado o cunho do seu genio.

O tom grave e pavoroso, com que a palavra Adamastor lhe saíu dos labios, foi prova de que o actor havia estudado a gigantesca creação de que o poeta fallava. Todos os nomes que a poesia contém, foram proferidos como por quem sabia a historia dos heroes, em que fallava. Em nome de Camões, a inspiração fez voar sempre as syllabas pelas vastas regiões do pensamento. Sobre o nome de Petrarcha dir-se-hia que a Laura havia derramado uma lagrima; o nome de Tasso parecia um suspiro de louco amor! o nome de Ignez foi como um gemido

que vem do sepulchro accordar os vivos; e a gravidade austera com que disse o nome de Castro trasformou-se em canóro som para fallar do Gama. Este vigor de expressão conservado nos nomes e nas palavras de mais vulto cresceu de ponto na harmonia que ligava o pensamento magestoso de toda a composição.

Foi intima a convicção com que repetio os dois versos em que o Sr. Palmeirim descreve inteira a alma de Camões:

> Tinha mais alma que o Dante,
> Cantava com mais amor.

Produzio um effeito novo a maneira vaga, com que o Sr. Rosa disse:

> Vêde bem o sentimento,
> Com que dá, soltas ao vento,
> Queixas mil do seu tormento,
> Tristezas do seu trovar!

Essa declamação indefinida, que tanto captivava os espectadores, era a transição para a magestade com que a harmonia cheia e forte do periodo, revestia aquellas sublimes palavras da oitava que se seguia:

> A sorte fe-lo poeta
> Das cinzas da pobre Ignez:
> O mundo fe-lo propheta
> Do destino portuguez!

Os applausos, que repetidas vezes haviam interrompido o actor, chegaram a ponto, que o fizeram parar no meio desta oitava. A pausa mostrou que o Sr. Rosa estava muito commovido. Parecia que o pranto soffocava todos os espectadores, e esta especie de electricidade, communicada ao publico pelo artista, era apenas o effeito da inspiração ligada com o genio.

O mesmo effeito produziram os versos:

> O nosso nome temido,
> Hoje... só é conhecido
> Pelos cantos de Camões!

Seria longo referir o effeito de cada verso, mas não podemos deixar de fallar nas lagrimas que rebentaram de todos os olhos, quando entre soluços, vindos do coração, o Sr. Rosa disse:

> Que poeta! e que soldado!
> Que trovador tão leal;
> De todos abandonado
> Só achou... um hospital!

A discripção dos *Lusiadas*, na oitava que principia

> Alli vivem as victorias,

foi sublime. Não houve uma só pausa, que não fosse cheia por bravos geraes.

Na ultima oitava, o sentimento amargo que encerram as palavras

> D'aquelle genio portento
> Não temos outros signaes,

passou para o tom nobre com que vingou a memoria do grande poeta repetindo:

> Mas que importa se a memoria
> Do cantor da nossa gloria,
> Alcançou maior victoria
> Nos seus cantos colossaes!

As pessoas que assistiram á recitação do Camões, guardarão para sempre a sensação que não tentâmos descrever, porque, só pelo ouvido se comprehende. — Quando

o Sr. Rosa se retirou, todas as vozes chamaram pelo poeta, que, no verdor dos annos, colhêra as palmas de tamanho triumpho: o Sr. Rosa voltou á scena, e mui delicadamente agradeceu ao publico em nome do auctor, que, não estava presente.

NOTA G.

A Primavera . . . . pag. 227.

Esta poesia. foi escripta com o visivel intuito de tirar da rima o partido que os poetas francezes, á frente dos quaes collocaremos Victor-Hugo, timbram e se esmeram, como reacção necessaria, ás na generalidade, deslavadas composições do fim do seculo passado.

Entre nós os Srs. Antonio de Castilho, Mendes Leal, João de Lemos, e Antonio de Serpa têem constantemente trabalhado, para dar realce á poesia, pelo primor das fórmas, com escolhidas combinações de rimas. Do Sr. Castilho são muitos os exemplos a citar, mas a chacara da 'SENHORA DA NAZARETH' é um modêlo apreciavel, entre a abundancia de outros do mesmo auctor.

Do Sr. João de Lemos, 'O FESTIM DE BALTHAZAR' do Sr. Mendes-Leal o 'AVE CESAR' e do Sr. Antonio de Serpa, 'A GREGA' são tambem modêlos de poemetos, em que o primor da fórma muito contribuio para dar realce a estas composições.

Comtudo, este não é o genero do Sr. Palmeirim, e, se escreveu a 'PRIMAVERA' como uma tentativa, nem por isso foi sua intenção abdicar aquelle em que são escriptas uma grande maioria das suas composições.

NOTA H.

Esperança ou receios? . . . . pag. 245.

Estes versos foram escriptos, para serem recitados no Theatro de D. Fernando pela menina Maria Amalia Ma-

cedo, artista ainda no verdor dos annos, e que, se em Portugal houvesse uma bem organisada escóla de declamação, poderia de futuro honrar a arte a que se dedica. Não é aqui o logar para considerações desta natureza, e por isso só lamentaremos, se não a decadencia, pelo menos o vergonhoso estacionamento da arte dramatica em Portugal. De muitos estabelecimentos nullos com que o Estado está sobrecarregado, nenhum no nosso modo de entender é tão nullo, como o Conservatorio actual com a pessima organisação que tem.

Nota I.

Os Desterrados . . . . pag 259.

Esta poesia, é a que se allude no juiso critico do Sr. Lopes de Mendonça, impresso no fim deste volume. O auctor publica-a, sem receio de ser accusado pela sua acrimonia, attentas as circumstancias excepcionaes em que pela primeira vez foi publicada, no Porto. Até ao fim da lucta que terminou pela 'Convenção de Gramido,' foi este canto reimpresso umas poucas de vezes, correndo apesar disso manuscripto por muitas mãos, e sendo lido com avidez. Póde-se dizer, que este canto foi que começou a fazer conhecido o nome de Sr. Palmeirim. Vai offerecido á Ex.^{ma} Sr.^{a} Condessa de Villa-Real, senhora que muito e resignadamente soffreu com os acontecimentos politicos de 1847, em que mostrou um animo varonil, e uma provada e sã virtude.

Nota K.

Melancolia . . . . pag. 369.

Estes versos, a 'Innocencia' e a 'Amisade' foram as primeiras tentativas poeticas publicadas pelo auctor, estando ainda no 'Collegio Militar.' Com repugnancia do

Sr. Palmeirim as inserimos neste volume, por nos parecer que deveria ir o mais completo possivel. Só não aproveitámos aquellas, em que não podémos vencer o auctor a annuir á sua publicação.

NOTA L.

A Virgem e o Sepulchro .... pag. 273.

Antecipâmos aqui uma accusação de plagiato que talvez possam dirigir ao auctor. 'A VIRGEM E O SEPULCHRO' resente-se da leitura da bellissima Oriental de 'VICTOR-HUGO' intitulada 'FANTOMES' e que começa:

Helàs! que j'en ai vu mourir de jeunes filles!

O Sr. Palmeirim, não tem a estulta vaidade de se persuadir, que possa haver confronte, entre a Oriental de 'VICTOR-HUGO' e a sua poesia. Mas nós, prevenindo a critica, entendemos dever aclarar este assumpto. 'VICTOR-HUGO' mata mais 'jeunes filles' nesta poesia só, do que o Sr. Palmeirim em todo o seu livro.

A Oriental do auctor da 'NOTRE-DAME' é um verdadeiro tributo das 'CEM DONZELLAS': a poesia do Sr. Palmeirim, é apenas a necrologia d'uma que morreu dançando.

Para não metterem o auctor em danças, não nos arrependemos desta nota.

NOTA M.

Meditação .... pag. 279.

Esta canção, ou como lhe queiram chamar, apesar de não ser tida em grande conta litteraria pelo seu auctor, é popularissima, principalmente no exercito.

Sem musica propriamente escripta para ella, o povo

tem-na amoldado a varias toadas populares, e é conhecida pelo titulo de 'AMORES DO SOLDADO.'

Foi escripta em 1846, durante o tempo da revolta, chamada da 'MARIA DA FONTE.' Achâmos razão ao auctor, em dizer no prologo deste livro, que o momento e as affeições do povo, alentam a crença, e desenvolvem ou vigoram os instinctos poeticos. Esta poesia, acceita primitivamente no Minho, não só nesta provincia é hoje conhecida é cantada.

NOTA N.

Caçada Real .... pag. 291

Este romance, lenda, ou o que é, foi severamente accusada de immoral, por um jornal litterario que então se publicava em Lisboa. Crêmos que o auctor lhe não daria aqui cabimento, se não estivesse convencido de que a critica era mais do que infundada. Se este conto é immoral, a historia que diz o que narra o conto; e D. João V que fez o que a historia não nega; não podia aqui ser apresentado como feições diversas. Se as portas do convento de 'ODIVELLAS' se abriram com effeito, não creio que o escriptor, nem o critico, se devam dar ao trabalho de as ir pudicamente fechar...

NOTA O.

Os Desejos do Infante .... pag. 303.

Esta canção é do 'ALEMTÉJO' a provincia mais povoada de contos e tradições de todo o reino. A primeira quadra é textual; assim a ouvimos alli repetir amiudadas vezes. O resto, é como ampliação, ou complemento, á apreciavel singeleza que respira a primeira quadra, que no 'ALEMTÉJO' se decóra ainda no berço, e repete geralmente entre o povo.

Nota P.

S. Gonçalo d'Amarante........ pag. 313.

Esta lenda tem uma certa baze historica, ou, para melhor dizer, tradicional. O auctor aproveitou essa baze, seguindo depois, e desenvolvendo racionalmente as tendencias do Santo, que não podem ser de certo, as de *casamenteiro das velhas*. Não dariamos estas explicações, se o auctor não tivesse ficado receioso que algum academico, dos da batalha 'd'Ourique' se saísse a campo, com alguma *desaffronta em defeza* de S. Gonçalo, e por isso nós nos metêmos como medianeiros na questão, para evitar futuros desgostos á Academia.

Nota Q.

A Lareira.................. pag. 321.

Este conto, e a 'Ceifeira' publicada a paginas 355 desta colleção, foram primorosamente recitados pela distincta actriz a Sr.ª 'Emilia das Neves' em beneficio de militares progressistas, compromettidos pelos successos politicos de 1847. Consignamo-lo aqui, como bem merecido elogio á artista, que mais d'uma vez concorreu pelo seu notavel talento, para tornar menos penosa a triste situação de benemeritos e distinctos officiaes.

Nota R.

Anninhas.................. pag. 333.

Esta toada popular do 'Ribatéjo' foi pelo auctor aproveitada como ensaio da canção, ou mais propriamente 'cantiga' antiquissima em França, e modernamente aproveitada com um genio, e um tacto admiraveis, por 'Béranger' o mais bemquisto, senão mesmo

o primeiro poeta francez. A razão por que o '*refrain*' estribilho, não mereça as honras da emportação, nem é justificavel, nem mesmo plausivel. Não queremos dizer com isto que o genero seja uma novidade em Portugal. Não é. Tinha porém caído em desuso, e banido das obras d'arte, é apenas hoje conservado no povo, sempre fiel ás tradicções litterarias.

Como edictores. mal nos cabiam as pertenções a eruditos: nem discutimos generos, nem pleiteamos antiguidades, nem preeminencias litterarias de nação a nação. Basta-nos dizer, que não julgamos mais poetico nem mesmo mais racional o *tonton*, *tontaine*, *tonton*, dos francezes, do que o nosso *zigue-zigue*, ou *zigue-zai*, portuguez, ou a qualquer estribilho tão destituido de senso-commum como estes.

NOTA S.

As Tres Encantadas.......... pag. 337.

Já algumas pequenas poesias tinham sido publicadas pelo Sr. Palmeirim, quando imprimiu esta na 'REVISTA UNIVERSAL' então redigida pelo distincto poeta o Sr. A. F. de Castilho. Muitas vezes temos ouvido ao auctor, que á bondosa animação com que fôra recebido pelo Sr. Castilho, deveu o animo com que continuou a dedicar-se á poesia. Não é só ao Sr. Palmeirim a quem temos ouvido fazer egual confissão. Parte da mocidade que hoje escreve deve ao auctor dos 'CIUMES DO BARDO' e do 'AMÔR E MELANCOLIA' ou exemplo ou conselho. Se muita honra nisto cabe ao Sr. Castilho, tambem prova que se não perdeu por ingratos.

NOTA T.

O Trovador .... pag. 342.

Este genero 'solau' foi encetado pelo Sr. José Freire de Serpa, auctor d'um volume de solaus, apreciaveis pelo.

singelo perfume de nacionalidade que respiram. Entre outros a 'CIDAZUNDA, OU O BRASÃO DE COIMBRA,' e o intitulado 'DONA LUCINDA MONIZ' são na nossa opinião os mais perfeitos debaixo deste ponto de vista.

NOTA U.

A Vivandeira .... pag. 363.

Esta canção, escripta de proposito para ser posta em musica pelo Sr. Miró, logrou o exito mais feliz. O Sr. A. F. de Castilho, fez na 'REVISTA UNIVERSAL' a devida justiça ao tacto musico, e bom gosto litterario, com que o Sr. Miró entendeu o verdadeiro genero e indole destas pequenas composições. É raro encontrar, em Portugal, um compositor que queira, ou saiba descer á chistosa simplicidade que requer a canção, para poder facilmente ficar na memoria de quem ouve a musica. Por isso não temos ainda canções propriamente nacionaes, como todos os mais paizes. Somos, se somos, um pallido reflexo da Andalusia, provincia abundante em cantigas d'uma individualidade *sui generis*. As tentativas que em Portugal se têem feito para encetar este genero, não merecem menção, se exceptuarmos a musica escripta pelo Sr. Pinto, para as canções do 'ALFAGEME' do Sr. Garrett, e a composta para a 'VIVANDEIRA' pelo Sr. Miró. Pessimamente cantada, no Theatro do Gymnasio, ainda assim o talento do Sr. Miró poude conseguir que sobrevivesse incolume á ronceira execução da cantora. Comprazemo-nos em registar o triumpho obtido pelo Sr. Miró, n'um genero que fingem despresar os nossos improvisados Donizettis.

A raposa da fabula diz que são verdes... quando lhes não póde chegar!

Nota V.

Recordações da Peninsula ...... pág. 386.

Estes cantos, que têem por base uma epocha historica, e um certo colorido local, foram quando o auctor os começou a apresentar ao publico, perfeitamente recebidos. Recitados todos, umas vezes no Theatro de D. Maria 2.ª, pelo Sr. Rosa; outras no Gymnasio, pelo Sr. Braz Martins; eram entre-actos obrigados em todos os Theatros particulares da Capital e das provincias.

Imitações mais do que deslavadas, mataram o genero que tinha merecido as honras da parodia, ao espirituoso e distincto critico o Sr. Latino Coelho. Hoje, o auctor suppõe uma grande difficuldade rehabilitar este genero, morto ás mãos de semsaborissimos imitadores.

A historia da 'Guerra da Peninsula' pelo 'General Foy' foi o auxiliar mais poderoso consultado n'um paiz, aonde não ha um unico livro portuguez que tracte do assumpto!

Nota X.

Gomes Freire .... pag. 387.

O General 'Gomes-Freire' fusilado em 1817, não serviu em Portugal durante o periodo que decorre de 1808 a 1814. Contemporaneo porém destes acontecimentos, illustrou pelos seus largos conhecimentos, e provado valor, a terra em que nascêra. Rivalidades com o General 'Beresford' ou antes as suas reconhecidas tendencias liberaes, motivaram o desgraçadissimo fim que teve.

A biographia de 'Gomes-Freire' publicada no 'Panorama' pelo Sr Rodrigo Felner, é um poderoso auxiliar historico, que deve ser consultado por quem desejar saber os precipitados lances d'aquelle drama de sangue, co-

meçado e findo na 'Torre de S. Julião da Barra.' O General 'Gomes-Freire' quiz antecipar o progresso das idéas liberaes em Portugal, e morreu victima das suas patrioticas tentativas.

Nota S.

O Granadeiro .... pag. 413.

O assumpto deste conto tem um quer que seja de verdade. Estes amôres, se bem que romanescos, foram assim contados ao auctor, mas mettidos a bulha pelo velho chronista que os narrava.

A sextina:

> Nos pontos mais avançados
> A foram por fim topar!
> Recostada sobre a relva
> Sem bulir, nem respirar!
> Morrêra tambem a triste,
> Morrêra sem se casar!!

Era pelo chronista contada em raza e prosaica linguagem de tarimba, com um tom e sal comico admiraveis. Bem averiguada a razão, o bem do soldado fôra casado tres vezes, e fôra tambem victima, no terceiro enlace matrimonial, de todos os contratempos descriptos por 'Béranger' na sua canção 'Les Trois Maris.' Por isso o narrador foi dado por suspeito, e restabelecida a verdadeira poesia deste conto.

FIM.

INDICE.

LIVRO I.

Poesias Lyricas.

LIVRO II.

Poesias Populares.

LIVRO III.

Recordações da Peninsula.

ERRATAS MAIS NOTAVEIS.

A pag. XXII lin. 12, onde se lê — acceitas — deve lêr-se — acceito.

A pag. 48 lin. 9, onde se lê — á bonita — deve lêr-se — a bonina.

A pag. 62 lin. 5,

Erro

Ambos nós, alli juntos, só curavamos

Emenda

Eu com ella, alli junto, só curava

A pag. 245 lin. 6,

Erro

Outras glorias nem as sonhei

Emenda

Outras glorias nem eu as sonhei

A pag. 343 lin. 6,

Erro

À beira do mar,

Emenda

À beira mar,